

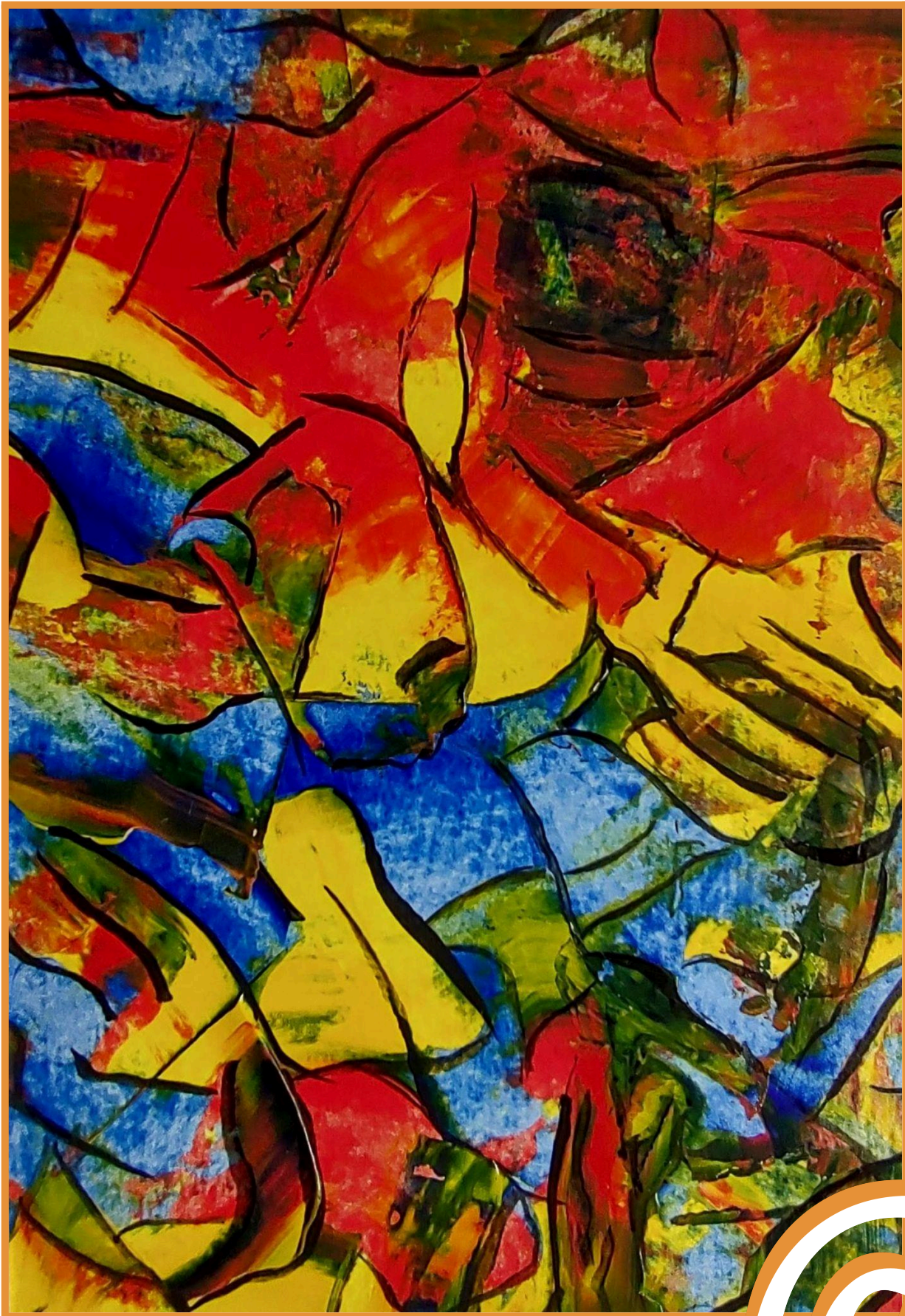


Universidade Federal da Paraíba

Letr@ Viv@

**Revista do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
(DLEM/UEPB)**

Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes
(CCHLA - Campus I João Pessoa)





Letr@ Viv@: Revista do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da Universidade
Federal da Paraíba (UFPB)
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA)
Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
letravivadlem@editora.ufpb.br

Editores

Ana Berenice Peres Martorelli

Tiago Lessas José de Almeida

Janailton Mick Vitor da Silva

Projeto gráfico

Tiago Lessas José de Almeida

Capa

Maria Luiza Teixeira Batista

Consultoria *ad hoc*

Betânia Passos Medrado (UFPB)

Pareceristas

Adriana Carolina Hipólito de Assis (UFSC)

Ana Berenice Peres Martorelli (UFPB)

Betânia Passos Medrado (UFPB)

Cícero Nestor Pinheiro Francisco (UFPE)

Iago de Araújo Pereira Broxado (IFPE)

Janailton Mick Vitor da Silva (UFPB)

Karina Chianca Venâncio (UFPB)

Letícia Maria Quintella Viana (UFPE)

Lucas Leite Borba (Uneal)

Philipe Pereira Borba de Araújo (UFPB)

Maria Luiza Teixeira Batista (UFPB)

Renata Valéria de Araújo Lima (UFPE)

Thalia Eluar do Nascimento (UNISUL)



Créditos da capa:

Batista, Maria Luiza Teixeira.

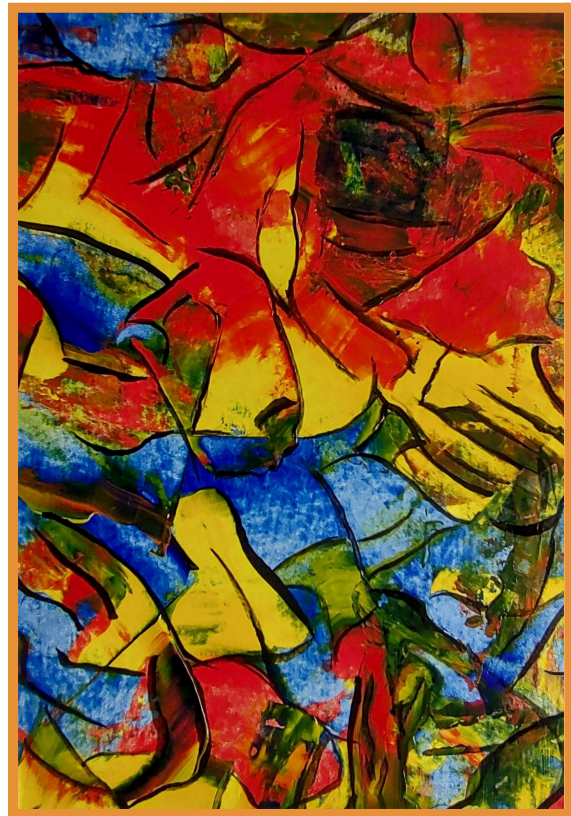
Flor. 2026. Acrílico sobre papel.

29,7 × 21 cm

Coleção da artista

Palavras da artista:

“A obra intitulada *Flor* é resultado de uma experimentação técnica com acrílico sobre papel. *Flor* é o meu primeiro trabalho com acrílico e papel, materiais que não costumo usar; por esse motivo, considero esta obra um trabalho de caráter experimental. Minha produção artística está majoritariamente centrada no uso de materiais têxteis, o que torna essa experiência com pintura um momento



de investigação e de aprendizado. Para este trabalho, escolhi as cores primárias, aplicadas diretamente sobre o papel, e busquei explorar as possibilidades cromáticas que se formam com a mistura do vermelho, azul e amarelo. O resultado é uma obra de cores vibrantes e formas orgânicas, criadas a partir da fusão das tintas. O encontro imprevisto entre as cores sugere leveza e movimento, revelando uma imagem visual agradável e impactante ao mesmo tempo.”



Expediente
Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)

Letr@ Viv@: Revista do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas
Universidade Federal da Paraíba (UFPB) - v. 1 n. 1 (2026). João Pessoa, PB: n.1, 2026.
Periódico científico - Literatura, Linguística, Tradução, Ensino de Línguas e Formação de
Professores

Publicada em meio eletrônico (<https://periodicos.ufpb.br/index.php/lv/index>) a partir de
2016.

Comissão Editorial aprovada através da Portaria N. 36/2025 - CCHLA - DLEM

Semestral/Fluxo Contínuo

Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)



Letr@ Viv@: ontem e hoje

O Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DLEM) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) tem o prazer de apresentar a primeira edição digital do ano de 2026 da *Revista Letr@ Viv@*. A partir de uma necessidade fundamental de disseminação dos conhecimentos produzidos no âmbito da educação superior pública, o periódico (re)nasce como uma forma de resposta à demanda do conhecimento científico. Em 2025, o corpo de editores, juntamente com a anuência do departamento, decidiu que já estava mais do que na hora de os cursos de Letras Estrangeiras da UFPB retomarem sua tradição em expandir os debates e as investigações produzidas dentro e fora dos seus muros.

Porém, o hoje para revista é uma herança de uma história de luta, recheada com muita garra e desejo de expandir as fronteiras do conhecimento. A *Letr@ Viv@* carrega consigo, antes de tudo, uma narrativa de entusiasmo, investigação e resistência acadêmica. Muito antes da consolidação das plataformas digitais de periódicos científicos, fazer circular uma revista universitária exigia não apenas dedicação intelectual, mas também uma dose considerável de coragem e criatividade.

Quando o projeto começou a tomar forma no Departamento de Letras Estrangeiras Modernas da UFPB, duas professoras recém-chegadas ao departamento decidiram enfrentar o desafio de criar um espaço de publicação para a área. As professoras Ana Berenice Martorelli e Betânia Passos Medrado tomaram para si a responsabilidade de criar um periódico departamental que representasse a riqueza e a diversidade de um grupo de docentes e alunos que pensam as línguas e a literatura a partir de perspectivas variadas. A iniciativa partia de um projeto fundamental para a vida acadêmica: construir um espaço de circulação de ideias, pesquisas e reflexões que representasse a vitalidade do departamento. De fato, desde sua concepção inicial, a revista tinha que abraçar múltiplas abordagens e distintas visões sobre a linguagem, a educação e a literatura. Em essência, ela deveria representar a pluralidade de um



departamento que abrigava ao menos quatro línguas estrangeiras: Inglês, Espanhol, Francês e Alemão, com todas as suas nuances e distintas abordagens.

Naquele momento, porém, os recursos institucionais eram limitados (e seguem sendo), o que implicava desafios para além da editoração dos textos e do processo de divulgação. Editar um periódico na era *offline* não era fácil. Produzir uma revista significava lidar diretamente com todas as etapas do processo editorial — muitas vezes de maneira quase artesanal. O material necessário para a impressão era comprado pelas próprias editoras, transportado em carros particulares e levado até a gráfica. Na prática, a editora universitária se responsabilizava apenas pela impressão final.

Apesar dos desafios, a *Letr@ Viv@* rapidamente começou a construir sua própria identidade. As capas das primeiras edições traziam contribuições artísticas paraibanos. Uma delas foi criada por Miguel dos Santos em homenagem ao escritor paraibano Ariano Suassuna — um gesto simbólico que aproximava a revista do universo cultural nordestino e refletia, sobretudo, a força da arte paraibana. Em uma ocasião memorável, um exemplar da revista foi entregue ao próprio Suassuna durante uma palestra realizada no Colégio Marista, em João Pessoa.

Outras edições contaram com capas produzidas por artistas como Flávio Tavares, Clóvis Júnior, Elpídio Dantas e Rose Catão, além de docentes do próprio departamento como as professoras Mercedes Cavalcanti (Pepita) e Maria del Pilar, reforçando o caráter coletivo e criativo do projeto editorial.

Com o tempo, a revista ganhou circulação e visibilidade, chegando inclusive a aparecer em espaços da imprensa local. Aquilo que havia começado como uma iniciativa inédita para o departamento passou a se consolidar como um espaço de expressão acadêmica, científica e cultural. Esse reconhecimento, inclusive, pode ser também notado pela ascensão no Qualis Capes atribuído à revista, passando da categoria C para B2.

Hoje, ao olhar para essa trajetória, é impossível não recordar com humor e orgulho os desafios que foram necessários para fazer cada número existir.



Mais do que um periódico, a *Revista Letr@ Viv@* tornou-se um símbolo da persistência e do compromisso de suas idealizadoras com a produção e a difusão do conhecimento.

Com o aumento de demandas administrativas e institucionais assumidas pelas professoras, o processo de publicação foi interrompido. Agora, seu ressurgimento nos dias atuais não é apenas a retomada de um projeto editorial. É também a continuidade de uma história construída com trabalho, paixão e espírito coletivo — uma história que ainda tem muito a contar. Nesta retomada, dois jovens professores, Tiago Lessas Almeida e Janailton Mick da Silva, recém ingressantes no DLEM, seguem com a premissa inicial das duas professoras. Observamos então a continuidade de uma história, calcada nos primeiros passos desbravados pelas suas primeiras editoras.

Acreditamos que os novos tempos digitais refletem um sintoma e um processo do mundo contemporâneo. As informações são difundidas mais rapidamente; e talvez por isso, tendem a serem esquecidas na mesma velocidade. Nesse sentido, o próprio nome do periódico nasce como parte de sugestões dos membros do departamento, que já na década de 90 apontava para novos tempos, uma visão do futuro por vir. O @@ acompanha a estrutura de inovação e vivacidade que universo das letras demanda, e, porque não exige, especialmente em tempos onde a linguagem deve assumir um papel fundamental de gestão de conflitos, crises e cisões.

Nos tempos contemporâneos, temos mais oportunidades de democratizar a produção e o acesso ao conhecimento. E é com essa convicção que a nova equipe de editores da *Letr@ Viv@* retoma o dever de manter a história em movimento. A nova edição do periódico apresenta olhares múltiplos sobre as questões da linguagem e da educação. Como parte de nossa agenda, acreditamos que este é um espaço de conexão e ampliação dos horizontes do conhecimento. Oferecer ao DLEM a oportunidade de difundir informação de qualidade é parte da nossa responsabilidade para com a sociedade e forma, mesmo que singela, de dizer que o ontem e hoje são parte de quem somos e dos sonhos que nos formam.



Para esta edição, autores da literatura e da linguística foram convidados a contribuir com seus estudos, dando os primeiros passos para a retomada de um espaço de divulgação científica importante para a formação do conhecimento científico e dos debates críticos. Esperamos que este seja o primeiro de muitos ciclos de edições que virão.

Boa leitura.

Equipe *Letr@ Viv@*.



O trocadilho em tradução: análise e crítica de duas traduções brasileiras da cena dos coveiros de *Hamlet*

Pun in translation:
analysis and criticism of two Brazilian Portuguese translations of Hamlet's
gravediggers' scene

LUIZ, Tiago Marques¹
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)
markx2006@gmail.com

RESUMO: Este artigo analisa a cena dos coveiros na peça trágica *Hamlet*, de William Shakespeare, com ênfase no humor presente no diálogo entre os coveiros e o protagonista. O estudo investiga como traduções e adaptações de textos clássicos moldam a representação de obras fundamentais da literatura, ao mesmo tempo em que discute os desafios específicos da tradução de elementos cômicos. A pesquisa compara duas traduções brasileiras: a de Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliódora (2016), e a de Rodrigo Bravo (Shakespeare, 2021). A partir de uma abordagem microestrutural, examinam-se as escolhas tradutórias em cada versão, considerando como diferentes estratégias influenciam a construção de sentido, especialmente no que tange ao jogo de palavras, às ambiguidades e ao humor característico do original. O objetivo é compreender como as particularidades linguísticas e culturais impactam a recriação da cena em português. A análise revela que ambas as traduções adotam caminhos distintos para equilibrar a fidelidade ao texto shakespeariano com a clareza e acessibilidade para o leitor contemporâneo. Conclui-se que a tradução do humor afeta não apenas o tom e o estilo da cena, mas também sua carga dramática, desempenhando um papel importante nas formas de atualização e permanência de *Hamlet* na tradição literária.

Palavras-chave: Tradução de humor; Análise textual; Cena dos coveiros; *Hamlet*; Traduções brasileiras.

ABSTRACT: This paper analyzes the gravediggers' scene in William Shakespeare's tragedy *Hamlet*, focusing on the humor present in the dialogue between the gravediggers and the protagonist. The study investigates how translations and adaptations of classic texts shape the representation of fundamental literary works while discussing the specific challenges involved in translating comedic elements. The research compares two Brazilian Portuguese translations: the one by Anna Amélia Carneiro de Mendonça and Bárbara Heliódora (2016), and the one by Rodrigo Bravo (Shakespeare, 2021). Using a microstructural approach, the study examines the translation choices in each version, considering how different strategies influence meaning construction, especially regarding

¹ ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4462-3050>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2785674972617689>.





wordplay, ambiguities, and the humor characteristic of the original. The objective is to understand how linguistic and cultural particularities impact the recreation of the scene in Portuguese. The analysis reveals that both translations adopt different approaches to balance fidelity to Shakespeare's text with clarity and accessibility for contemporary readers. It concludes that the translation of humor affects not only the tone and style of the scene but also its dramatic weight, playing a significant role in the ongoing reinterpretation and endurance of *Hamlet* in the literary tradition.

Keywords: Translation of Humor; Textual Analysis; Gravediggers' scene; Hamlet; Brazilian translations.

1 INTRODUÇÃO

As traduções literárias desempenham um papel crucial na mediação de obras clássicas, possibilitando sua reinterpretação por diferentes gerações e em distintos contextos culturais. No campo dos Estudos da Tradução, torna-se fundamental investigar como as escolhas linguísticas e estilísticas feitas pelos tradutores impactam a recepção de textos marcados por complexidade estética, como é o caso das obras de William Shakespeare.

Este artigo analisa a célebre cena dos caveiros em *Hamlet*, conhecida por articular humor irônico com reflexões existenciais e filosóficas, em um ponto de inflexão da peça em que a leveza aparente contrasta com a gravidade do tema da morte. A análise comparativa foca em duas traduções brasileiras: a de Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliodora (2016) e a de Rodrigo Bravo (Shakespeare, 2021), investigando como diferentes estratégias tradutórias moldam o efeito cômico e reflexivo da cena.

Para situar a discussão, parte-se de uma abordagem mais ampla sobre a tradução do humor – notoriamente desafiadora devido à presença de trocadilhos, jogos de linguagem e ironias culturalmente marcadas. Autores como Attardo (2020), Zabalbeascoa (2005), Fuentes Luque (2004) e Nord (2006) oferecem fundamentos teóricos ao compreender o humor como um fenômeno linguístico, pragmático e cultural. No contexto específico do teatro de Shakespeare, estudos como os de Martins (2016), O'Shea (1997; 2020) e





Viégas-Faria (2011) destacam como a comicidade shakespeariana opera em tensão constante com a densidade temática, exigindo sensibilidade tanto textual quanto cênica na tradução.

A cena dos coveiros é especialmente significativa nesse contexto. Análises como as de Snyder (2019) e Videbaek (1996) abordam a figura do *clown* shakespeariano, cuja comicidade não se limita ao riso, mas revela crítica social, inconformismo e densidade filosófica. Preservar essas múltiplas camadas – em especial em um idioma e tempo diferentes – representa um dos maiores desafios tradutórios da peça.

A fim de examinar como tais camadas são recriadas nas versões brasileiras, este estudo adota uma abordagem descritiva de base microestrutural, conforme o modelo proposto por Lambert e Van Gorp (2011). O foco recai sobre elementos como trocadilhos, ambiguidade, registro de linguagem e efeitos de estilo, analisando como os tradutores negociam, em suas escolhas. Considerando a tradução como um texto autônomo, voltado a um novo público, busca-se compreender como os efeitos de humor e reflexão são preservados, transformados ou suprimidos.

2 A TRADUÇÃO DO HUMOR

A tradução do humor envolve desafios singulares, pois depende de elementos culturais, linguísticos e contextuais nem sempre transferíveis. O tradutor enfrenta constantemente o dilema entre conservar a verossimilhança com o original e preservar o humor. Manter o efeito cômico é possível, mas exige uma competência que vai além do domínio linguístico: é necessário também conhecer profundamente as culturas envolvidas e reconhecer as referências extralinguísticas que sustentam a comicidade. Muitas vezes, torna-se inevitável renunciar à proximidade literal para que o leitor da língua de chegada compreenda a piada e ache graça, recorrendo a adaptações e substituições que tornem o humor acessível.





Segundo Attardo (2020, p. 345), a tradução, em termos gerais, reduz-se à busca por equivalência. Contudo, como os sistemas linguísticos são diferentes entre si, não há equivalência plena possível: sobretudo em poesia e trocadilhos, nos quais o significante é parte essencial do efeito.

Como lembra o autor (2020, p. 344), a fidelidade absoluta ao texto-fonte é impossível, já que cada língua organiza de forma distinta seus signos. Quando o significante está implicado – como ocorre em poesia e trocadilhos – a tradução torna-se, em sentido estrito, inviável, pois o jogo formal não encontra equivalência direta na língua de chegada. Nesses casos, deve-se recorrer à transposição funcional, ou seja, à recriação de um efeito análogo no público-alvo, mediante estratégias diferentes das do original.

Essa perspectiva dialoga diretamente com a proposta de Zabalbeascoa (2005, p. 247), segundo a qual, na tradução de comédia, o efeito humorístico deve ser prioridade global, de modo que a avaliação da tradução não dependa da quantidade ou do tipo exato de humor preservado, mas da sua eficácia em provocar riso. Assim, a comparação entre texto-fonte e texto-alvo não deve se restringir ao número ou ao tipo de piadas preservadas, mas sim ao efeito humorístico que conseguem gerar.

Essa mesma lógica aproxima-se da perspectiva funcionalista aplicada à tradução. Fuentes Luque (2004, p. 77) afirma que o papel do tradutor é “alcançar no texto de chegada o mesmo efeito humorístico (em forma de sorriso ou riso) na cultura e na língua de chegada que no original²”. A ênfase, portanto, recai sobre a recepção: o texto traduzido precisa provocar no leitor da cultura de chegada uma reação equivalente à que o texto original produz em sua comunidade. Na mesma linha de pensamento, Nord (2006, p. 31) afirma que “se o propósito é divertir, então o texto deve realmente fazer seus leitores rirem ou, ao menos, sorrirem³”. Preservar o humor, portanto, pode exigir adaptações estruturais ou estilísticas.

² Do original: “conseguir en el texto término el mismo efecto humorístico (en forma de sonrisa o risa) en la cultura y la lengua término que en las originales”.

³ Do original: “if the purpose is to amuse, then the text should actually make its readers laugh or at least smile”.





Cabe ao tradutor priorizar a função cômica sobre a forma, recriando soluções que garantam ao leitor da língua de chegada uma experiência de riso ou sorriso semelhante à do público original.

3 A TRADUÇÃO DO HUMOR EM SHAKESPEARE

A linguagem é uma das marcas mais distintivas de Shakespeare, conhecida pela riqueza e criatividade. Além de explorar elementos anglo-saxônicos e latinos, o dramaturgo criou inúmeros neologismos que ainda permanecem no inglês contemporâneo. Mas é nos jogos de palavras que leva ao extremo o gosto elisabetano pela manipulação verbal, explorando a materialidade da língua e estabelecendo relações entre significantes e múltiplos significados. A crítica shakespeariana reconhece esses jogos como recurso poético fundamental, com função dramática tão relevante quanto a construção imagética recorrente em suas peças (Martins, 2016, p. 287).

Se os jogos de palavras já apresentam dificuldades para o leitor moderno do inglês, em tradução o problema se intensifica. Os trocadilhos, em particular, são recorrentes: construídos a partir de identidades formais (homonímia, homofonia, homografia, paronímia) e diferenças semânticas, podem operar tanto pela repetição de um termo em acepções diferentes (contiguidade) quanto pela ambiguidade de um único vocábulo (Martins, 2016, p. 288-289). Em ambos os casos, a tradução precisa lidar com múltiplos sentidos, frequentemente intraduzíveis, exigindo compensações ou recriações.

Martins (2016, p. 289-290) mostra que os trocadilhos mais sofisticados são normalmente proferidos por personagens inteligentes ou pelos bobos da corte, enquanto disparates e impropriedades (malapropismos) surgem entre personagens rústicos ou menos instruídos. Assim, o humor verbal não apenas diverte, mas marca diferenças sociais e psicológicas, sendo um recurso dramático de caracterização. Preservar essa dimensão é tarefa central da tradução.





Esse aspecto se conecta à observação de O’Shea (2020, p. 144), de que Shakespeare reserva o verso para temas elevados – como amor, honra e morte – e utiliza a prosa para temas cômicos, chulos ou escatológicos, frequentemente proferidos por personagens rústicos. Para o autor, essa modulação deve ser considerada também na tradução, sob pena de comprometer a dramaturgia e o efeito cômico. Mais ainda, O’Shea (2020, p. 149) insiste que Shakespeare escrevia para o palco, e que o texto traduzido deve ser “encenável”: precisa soar natural, ser compreensível em performance e manter a fluidez oral. O humor shakespeariano não se limita à página, mas exige uma tradução que preserve sua função teatral.

Viégas-Faria (2011, p. 21-23) observa que o humor está ligado às características sociais e psicológicas dos personagens, exigindo do tradutor recriações que transmitam tais traços na língua de chegada.

Nesse sentido, a tradução do humor em Shakespeare ultrapassa a mera transposição linguística. Ela exige criatividade, conhecimento histórico, sensibilidade estilística, competência interpretativa e consciência da teatralidade: o tradutor deve atuar como mediador não apenas entre línguas e culturas, mas também entre a escrita e sua realização cênica, garantindo que o humor preserve sua função dramática e alcance no público contemporâneo um efeito comparável ao do teatro elisabetano.

4 A CENA DOS COVEIROS

A cena dos coveiros, situada no ato V de *Hamlet*, é um momento emblemático que combina humor e reflexão filosófica sobre a morte. A interação entre eles traz à tona uma visão mundana e pragmática da morte, que contrasta fortemente com a angústia existencial e a busca por significado do protagonista. Através da comicidade e da irreverência dos coveiros, Shakespeare oferece ao público uma pausa crítica que, ao mesmo tempo que alivia a tensão dramática, aprofunda os temas centrais da peça, como a finitude humana e a igualdade diante da morte.





Snyder (2019, p. 117) destaca que essa cena “requer um tratamento separado. Ela usa a comédia de maneira distintiva, como um elemento dentro da visão trágica, em vez de um *ethos* contrastante ou um valor a ser invertido”⁴ (Snyder, 2019, p. 117). O diálogo, carregado de trocadilhos e ironias, discute a morte com humor e pragmatismo e revela uma visão mundana e cíclica da vida, oferecendo um olhar irreverente que contrasta com a angústia existencial de Hamlet (Snyder, 2019, p. 68).

Enquanto a tragédia destaca a singularidade e irreversibilidade das escolhas humanas, a comédia, ao focar em personagens comuns, apresenta a vida como um fluxo contínuo e banal (Snyder, 2019, p. 41). A interação entre Hamlet e os coveiros marca um ponto crucial no amadurecimento do protagonista, que começa a aceitar a morte como inevitável, abandonando idealizações anteriores (Videbaek, 1996, p. 25). Para Snyder (2019, p. 72), os “aspectos cômicos e filosóficos do papel do Coveiro ressaltam o efeito nivelador da morte, que não faz distinção entre reis e plebeus”⁵.

Os coveiros ironizam privilégios, como o enterro de Ofélia, e desafiam autoridades com astúcia (Videbaek, 1996, p. 24). Santos (2006, p. 66) observa que “a comédia, muitas vezes, se torna o espaço em que a ordem social pode ser momentaneamente questionada”. O confronto com a irreverência dos coveiros faz Hamlet encarar a finitude humana de forma mais realista, rompendo a tensão da tragédia e promovendo reflexão (Snyder, 2019, p. 43). Assim, a cena dos coveiros não apenas introduz leveza na peça, mas aprofunda seus temas filosóficos, sociais e existenciais.

Dado o papel central do humor verbal, dos jogos de linguagem e do contraste entre registros na cena dos coveiros, a tradução revela-se um campo fértil para investigar estratégias adaptativas.

⁴ Do original: “requires separate treatment. It uses comedy in a quite distinctive way, as an element within the tragic vision rather than as a contrasting *ethos* or a value to be turned inside out”.

⁵ Do original: “The comic and philosophical aspects of the Gravedigger’s role underscore the leveling effect of death, which makes no distinction between kings and commoners”.





5 METODOLOGIA DE ANÁLISE TEXTUAL

A comparação de traduções literárias permite compreender como escolhas tradutórias específicas transformam o texto original em novas versões, revelando aproximações e distanciamentos em relação ao original e suas camadas estilísticas – como ocorre em *Hamlet*. Este estudo propõe uma análise comparativa entre a edição crítica da peça organizada por Jonathan Bate e Eric Rasmussen (2008) – que reúne o *Second Quarto* e o *First Folio*, com notas sobre contexto histórico e linguístico – e duas traduções brasileiras contemporâneas: a de Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliodora (2016) e a de Rodrigo Bravo (Shakespeare, 2021).

O enquadramento teórico-metodológico adota o modelo descritivo de Lambert e Van Gorp (2011), que organiza a investigação em quatro níveis: dados preliminares, macronível, micronível e contexto sistêmico. Nos dados preliminares, as fichas catalográficas das edições consultadas registram apenas que se trata de traduções de *Hamlet*, sem indicação explícita da edição crítica de base; considerando a tradição tradutória da peça, assume-se, como hipótese de trabalho, a filiação ao *First Folio* (1623). No macronível, observa-se que tanto Mendonça/Heliodora quanto Bravo oferecem paratextos concisos, com notas de rodapé escassas e pouco elucidativas quanto a decisões tradutórias mais complexas. Na tradução de Heliodora/Mendonça, há apenas uma introdução geral da coletânea e uma introdução da peça, enquanto a de Bravo apresenta paratextos mais extensos. O contexto sistêmico – voltado a relações intertextuais e intersistêmicas – não é abordado, por não constituir objetivo deste texto.

A ênfase recai, portanto, sobre o micronível. É nele que a cena dos coveiros – espirituosa e rica de jogos linguísticos – exige precisão e risco. Examinam-se: (i) manutenção ou diluição de ambiguidades; (ii) preservação, deslocamento ou perda de trocadilhos; (iii) registro de linguagem (do formal ao popular, quando pertinente); (iv) soluções para expressões culturalmente marcadas; e, sobretudo, (v) a recriação do efeito humorístico. Importa menos





ser fiel a cada unidade lexical do que verificar como a tradução funciona como texto autônomo para um leitor brasileiro de hoje. Em outras palavras, observa-se onde os tradutores sustentam, atenuam ou reformulam a tensão entre sentido e comicidade.

O cotejo entre as traduções é sustentado por dicionários e glossários especializados (Schmidt, 1971a; 1971b), além da edição crítica de *Hamlet* organizada por Mowat e Werstine (2012).

A escolha por analisar poucos fragmentos da cena se justifica pela presença de segmentos em que o texto original apresenta múltiplos níveis de sentido e recursos linguísticos complexos, como ambiguidade semântica, trocadilhos, expressões idiomáticas e construções culturalmente marcadas. Busca-se, por fim, avaliar como esses elementos são retrabalhados em português e qual o impacto das escolhas tradutórias sobre a legibilidade, a expressividade e a preservação do humor no texto de chegada.

6 ANÁLISE COMPARATIVA DE TRADUÇÕES

A fala inaugural do Primeiro Coveiro – “Is she to be buried in Christian burial, when she willfully seeks her own salvation?” (Shakespeare, 2008, p. 165) – ativa uma ambiguidade retórica decisiva: *willfully* marca agência deliberada, ao passo que *salvation* adquire valor irônico. Como observam Bate e Rasmussen (2008, p. 367), *salvation* opera aqui como eufemismo de *damnation*, expondo a ironia – ou a própria ignorância – do coveiro ao comentar o suicídio de Ofélia.

Na tradução de Mendonça/Heliadora – “Deve ser enterrada em sepultura cristã aquela que buscou voluntariamente a salvação?” (Shakespeare, 2016, p. 483) – privilegia-se a clareza, mas atenua-se a fricção semântica entre *willfully* e *salvation*, o que neutraliza o efeito irônico. Bravo (Shakespeare, 2021, p. 353) envereda por caminho próximo: “Ela receberá enterro cristão mesmo tendo buscado a sua própria salvação?”, preservando a linearidade sintática, mas igualmente reduzindo o subtexto satírico e a crítica à hipocrisia religiosa.





Em ambos os casos, o entrelaçamento de religiosidade, moralidade e crítica social resta diluído, com perda da complexidade tonal da fala.

No segmento seguinte – “I tell thee she is. Therefore make her grave straight. The crowner hath sat on her and finds it Christian burial” (Shakespeare, 2008, p. 165)– a ambiguidade se prolonga. A construção *make her grave straight* (Shakespeare, 2012, p. 329) admite leitura temporal (“abra logo a cova”) e espacial (“abra a cova em linha reta”), sobrepondo urgência e precisão física – sobreposição crucial para o humor ambíguo do trecho. Mendonça/Heliadora optam por “Portanto, abre logo essa cova” (Shakespeare, 2016, p. 483), realçando a pressa e suprimindo o aspecto literal; Bravo prefere “Por isso, cava direito essa cova” (Shakespeare, 2021 p. 353), enfatizando a exatidão espacial e perdendo o ímpeto imediato. Cada versão captura apenas uma face de *straight*, enfraquecendo o duplo sentido e a ironia decorrente.

No enunciado “The crowner hath sat on her, and finds it Christian burial” (Shakespeare, 2008, p. 165), o verbo *sat* sustenta uma ambiguidade estrutural: por um lado, pertence ao jargão jurídico e indica o ato de o legista (*crowner*) presidir um inquérito; por outro, convoca uma leitura literal e burlesca – “sentar(-se) sobre o caso” (ou mesmo sobre o cadáver). O efeito resultante é de humor irônico e rústico, produzido pelo atrito entre a solenidade da linguagem legal e a irreverência da fala popular, como assinalam Bate e Rasmussen (2008, p. 365) e Mowat e Werstine (2012, p. 329).

Nas soluções brasileiras, observa-se tendência à normalização semântica. Em Mendonça/Heliadora – “O pontífice informou-se de tudo e deliberou que o enterro fosse cristão” (Shakespeare, 2016, p. 483) – substitui-se *crowner* por “pontífice”, deslocando o referente do âmbito forense para o eclesiástico e institucionalizando a fala; além disso, verbos como “informou-se” e “deliberou” eliminam a leveza subversiva e o jogo paródico. Em Bravo (Shakespeare, 2021 p. 353) – “O legista a examinou e determinou um enterro cristão” —, embora haja maior precisão terminológica na equivalência de *crowner* para “legista”, a locução *hath sat* reduz-se a “examinou”, suprimindo o duplo sentido cômico e a fricção entre registros que a formulação





shakespeariana ativa. Em ambos os casos, privilegia-se uma leitura monossêmica e formalizada da cena, com apagamento do humor irônico característico dos coveiros: Mendonça/Heliadora (Shakespeare, 2016) adotam um tom institucional; Bravo (Shakespeare, 2021) preserva a funcionalidade narrativa, sem capturar plenamente a irreverência do original.

A cena dos coveiros exemplifica com nitidez a habilidade de Shakespeare de mesclar humor e ironia ao tratar de temas graves – morte, ritos, contradições sociais. Um momento emblemático surge quando o Primeiro Coveiro recorre a uma lógica pseudo-jurídica, cheia de corruptelas latinas como se *offendendo* (distorção de se defendendo) e *argal* (variação de ergo), criando um efeito cômico que satiriza a linguagem erudita das instituições legais (Bate; Rasmussen, 2008; Mowat; Werstine, 2012): “It must be ‘se offendendo’. It cannot be else. [...] Argal, she drowned herself wittingly.” (Shakespeare, 2008, p. 165)

As traduções brasileiras respondem com estratégias distintas para preservar esse humor. Mendonça e Heliadora (2016, p. 483) mantêm a estrutura do original e tentam reproduzir as corruptelas com “Ergum”: “Deve ter sido ‘se offendendo’, nem pode ser de outro modo. [...] Ergum, ela afogou-se voluntariamente.” Já Bravo (Shakespeare, 2021) opta por uma abordagem mais adaptativa: “Deveria ser ‘legítima ofensa’. Não pode ser outra coisa. [...] portanto, ela se afogou voluntariamente” (Shakespeare, 2021, p. 353).

O riso, no trecho inglês, apoia-se sobretudo em dois gatilhos: a expressão *se offendendo* e o termo inventado *argal* (Schmidt, 1971ab). Ambos configuram a fala do coveiro como paródia da retórica legal – falaciosa, pedante, um tanto atrapalhada. Mendonça e Heliadora preservam essas deformações; com isso, mantêm o tom cômico da linguagem truncada e aproximam o leitor do tropeço sonoro e lógico do original. Já Bravo opta por uma abordagem mais adaptativa: “Deveria ser ‘legítima ofensa’. Não pode ser outra coisa. [...] portanto, ela se afogou voluntariamente” (Shakespeare, 2021, p. 353)





Bravo, por outro lado, recria o humor ao transpor *se offendendo* como “legítima ofensa”, uma referência irônica ao jargão jurídico brasileiro (*legítima defesa*), o que aproxima a piada do universo do leitor atual. Por outro lado, ao substituir *argal* por “portanto”, elimina a distorção e, com ela, parte do efeito cômico derivado da fala desajeitada.

Enquanto Mendonça e Heliadora (Shakespeare, 2016) priorizam fidelidade formal e preservação linguística, Bravo (Shakespeare, 2021) foca na eficácia humorística e na recepção cultural. A comparação mostra que, ao traduzir o humor de Shakespeare, manter o impacto cômico exige muitas vezes mais do que literalidade – demanda recriação inteligente.

Para aprofundar a comparação entre as estratégias adotadas nas traduções da cena dos coveiros, convém analisar expressões-chave que concentram nuances de tom e significado, capazes de definir a recepção do humor e o caráter das figuras. Um exemplo ilustrativo é *Give me leave*, com que o Primeiro Coveiro inicia sua fala. A frase, aparentemente simples, cumpre papel decisivo na construção do estilo e da postura do personagem: pede permissão e, ao mesmo tempo, toma a palavra, convocando a atenção do interlocutor.

Segundo o Oxford English Dictionary Online⁶, *give me leave* significa “dar permissão”, “permitir” e pode ser entendida como “dar condições para” que alguém realize algo. As escolhas dos tradutores para essa expressão evidenciam prioridades distintas: Mendonça e Heliadora optam por “Com licença” (Shakespeare, 2016, p. 483), solução simples e coloquial que preserva a aproximação com o público; contudo, acrescenta uma polidez não explícita no original, suavizando a irreverência do personagem e, por consequência, parte do impacto cômico. Já Bravo escolhe “Faça-me um favor!” (Shakespeare, 2021, p. 353), intensificando a informalidade e a atitude desafiadora do Primeiro Coveiro; aproxima o tom performativo, mas aciona um registro mais agressivo

⁶ Disponível em: https://www.oed.com/dictionary/leave_n1?tab=meaning_and_use#39588584. Acesso em: 27 set. 2025.





e contemporâneo, que pode afastar a fala do contexto histórico e do estilo da peça.

A discussão em torno de *give me leave* mostra como decisões aparentemente mínimas deslocam significativamente o tom da cena; essa tensão se acentua em passagens de ambiguidade lexical e jogos de palavras, como o trocadilho do Primeiro Coveiro sobre Adão

Em “He was the first that ever bore arms”, Shakespeare explora os múltiplos sentidos de *arms* (Shakespeare, 2012, p. 330): “armas” (instrumentos de combate), “braços” (membros) e, de modo mais sutil, “brasão” (*coat of arms*, símbolo de linhagem nobre). A pergunta seguinte – “The Scripture says Adam digged. Could he dig without arms?” (Shakespeare, 2008, p. 166) – reforça o jogo entre os dois primeiros sentidos, produzindo humor e abrindo espaço para uma reflexão sobre a condição humana e o trabalho.

Rodrigo Bravo adota via de regra uma abordagem mais literal: traduz a primeira fala de modo semelhante, mas na sequência prefere “Ele conseguiria cavar sem o equipamento?” (Shakespeare, 2021, p. 355). Aqui, o jogo de sentidos dá lugar a uma leitura prática e funcional, eliminando a ambiguidade (braços/armas) e o humor associado. A referência mais sutil a *coat of arms*, ligada à linhagem nobre e à tradição cavalheiresca, também se perde.

Esse terceiro sentido, embora difícil de verter, é crucial para a riqueza do trecho: nele, o Primeiro Coveiro ridiculariza a suposta nobreza de Adão – ancestral comum – justamente enquanto fala de um trabalho manual e humilde como cavar. A tensão entre linhagem e labor físico amplia o humor e reforça o viés satírico. No conjunto, os trocadilhos de Shakespeare, ao articular significados múltiplos, interrogam valores sociais e culturais: a ironia nasce do choque entre conceitos elevados (nobreza, brasão) e situações banais ou brutais (o trabalho, a morte).

No enunciado seguinte, “The gallows does well. But how does it well?” (Shakespeare, 2008, p. 166), o duplo sentido recai sobre *does well*: por um lado, a força “funciona bem” (eficiência punitiva); por outro, “faz o bem” (juízo





moral) (cf. Mowat, Werstine, 2012; Bate; Rasmussen, 2008). Mendonça/Heliadora propõem “A forca calha bem; mas calha bem como?” (Shakespeare, 2016, p. 484) – tentativa de manter o jogo, embora calhar evoque conveniência/adequação e não carregue a mesma ambiguidade ética do inglês, atenuando o contraste. Bravo (Shakespeare, 2021, p. 357) opta por “Boa resposta, prisão... Mas quão boa?”, substituindo *gallows* (*forca*) por “prisão”: a atualização facilita o acesso do leitor contemporâneo, mas altera o teor da piada, afasta a atmosfera sombria e dilui a crítica à justiça punitiva.

O mesmo cinismo emerge quando o Primeiro Coveiro afirma: “Now thou dost ill to say the gallows is built stronger than the church. Argal, the gallows may do well to thee” (Shakespeare, 2008, p. 166) Mendonça/Heliadora vertem: “Agora, tu fazes mal em dizer que a forca é mais forte que a igreja; Ergum, a forca poderá calhar-te bem” (Shakespeare, 2016, p. 484), preservando o tom arcaizante e o latim macarrônico (*Argal* → *Ergum*), que reforça o cômico da ignorância pedante. Bravo simplifica: “Portanto, a prisão te faria bem” (Shakespeare, 2021, p. 357), solução direta e legível, porém menos eficaz em termos de humor e retórica.

No balanço, as estratégias divergem: Mendonça/Heliadora (2016) tendem a preservar a formalidade e o colorido arcaico, resguardando jogos de registro; Bravo (2021) privilegia fluidez e inteligibilidade atuais, mesmo ao custo de perder ambiguidades. Em ambos os casos, o desafio é constante: traduzir o humor verbal e as camadas de sentido de Shakespeare sem sacrificar nem a comicidade nem a crítica social que sustenta a cena.

Entre o jogo em torno de *gallows* e a formulação “And now my Lady Worm’s” (Shakespeare, 2008, p. 168), este estudo avança – com supressões pontuais motivadas por limite de espaço, e não por irrelevância analítica – para o motivo do *worm* (verme), núcleo semântico que condensa humor negro e nivelamento social pós-morte. A atribuição do título honorífico (*Lady*) ao ser ínfimo opera uma personificação satírica que rebaixa a hierarquia nobiliárquica e reforça o *memento mori*, deslocando a comicidade para o plano material do corpo. Do ponto de vista tradutório, a expressão impõe escolhas de





registro e efeito: manter o literal *verme*, adotar um híbrido (*Lady Verme*) ou verter plenamente (*Senhora Verme/Dona Verme*) produz impactos distintos na tonalidade arcaizante ou burlesca, na legibilidade contemporânea e na intensidade da ironia. É a partir desse eixo – o tratamento aristocratizante do ínfimo – que se examinam, no nível microtextual, as soluções em português e seus efeitos sobre o humor e a crítica social da cena.

O vocábulo *worm*, no contexto shakespeariano, apresenta múltiplas camadas de significado, conforme registra o dicionário de Alexander Schmidt (1971b, p. 1248). Além de designar pequenos animais rastejantes, o termo simboliza a decomposição humana e a inevitabilidade da mortalidade – aspectos centrais na cena dos coveiros em *Hamlet*, na qual o humor ácido se imbrica a reflexões sobre a efemeridade da existência. A tradução de Mendonça/Heliadora (2016, p. 486), ao empregar “vermes” no plural, enfatiza o destino universal e inescapável dos humanos, eliminando qualquer individualização e reforçando a decomposição como processo natural; o tom resultante é mais filosófico e impessoal. Em contraste, Rodrigo Bravo (Shakespeare, 2021, p. 359) adota “*Lady Verme*”, personificação irônica que aristocratiza o ínfimo e produz um contraste mordaz entre a dignidade em vida e a degradação pós-morte. Essa estratégia intensifica o humor negro e se alinha ao viés crítico e reflexivo do texto original.

No segmento seguinte, “*Here’s fine revolution, and we had the trick to see’t.*” (Shakespeare, 2008, p. 168) ilustra, de forma mordaz, a morte como grande niveladora de *status* e poder. Ao observar o coveiro manusear com rudeza um crânio que poderia ter pertencido a um cortesão bajulador, Hamlet ironiza o ciclo inevitável da existência: quem um dia adulou poderosos jaz agora sem distinção. Aqui, *revolution* não indica ruptura política, mas o giro natural do tempo, isto é, “mudança produzida pelo tempo”⁷ (Schmidt, 1971b, p. 440).

⁷ Do original: “change produced by time”.





A ironia sugere que a passagem da vida à morte poderia ser vista como uma “boa revolução” – se os vivos tivessem meios de apreender sua verdadeira natureza. Há, possivelmente, um paralelo implícito entre o cortesão reduzido a pó e o rei Cláudio, cujo destino, para Hamlet, deveria cumprir o mesmo curso, restaurando a ordem. Nas traduções, Mendonça/Heliadora (Shakespeare, 2016, p. 486) optam por “evolução”, realçando um processo contínuo; Bravo (Shakespeare, 2021, p. 361) conserva “revolução”, reforçando o retorno cíclico à origem. Cada escolha destaca uma face do conceito, sem explorar plenamente a ironia do enunciado.

Na mesma fala do príncipe direcionada a Horácio, “Did these bones cost no more the breeding but to play at loggats with them?” (Shakespeare, 2008, p. 168), o termo *loggats*, segundo Schmidt (1971a, p. 1155), designa um jogo popular em que pequenos troncos são arremessados contra uma estaca, a referência sustenta o comentário irônico sobre a trivialização da morte: os coveiros manejam crânios com indiferença, e a grandeza humana reduz-se a passatempo. Mendonça/Heliadora vertem por “jogar malha”(Shakespeare, 2016, p. 486), aproximando-se de um jogo tradicional lusófono de pontaria; Bravo (Shakespeare, 2021, p. 361) prefere “pinos de boliche”, solução mais familiar ao leitor contemporâneo, ainda que anacrônica. Ambas preservam a ideia de jogo de arremesso, mas modulam de modo distinto o horizonte cultural do leitor.

Dando prosseguimento, há um embate entre Hamlet e o Primeiro Coveiro, no que tange a *lie*:

HAMLET: I think it be thine indeed, for thou liest in 't.

FIRST CLOWN: You lie out on 't, sir, and therefore 'tis not yours. For my part, I do not lie in 't, yet it is mine.

HAMLET: Thou dost lie in 't, to be in 't and say it is thine. 'Tis for the dead, not for the quick; therefore thou liest.

FIRST CLOWN: 'Tis a quick lie, sir; 'twill away again from me to you. (Shakespeare, 2008, p. 169)





Essa cena é um dos momentos mais emblemáticos da peça, destacando-se pelo uso sofisticado de trocadilhos e pela densidade filosófica alojada no humor. No original, a ambiguidade de *lie* desempenha papel estruturante, pois significa simultaneamente *mentir* e *jazer*, permitindo que o diálogo opere em dois planos: o literal (estar deitado/*jazer* na cova) e o moral-discursivo (afirmar algo falso, *mentir*). Schmidt (1971a, p. 788) registra ambos os sentidos, e Shakespeare explora o recurso por paralelismos (*lie in/lie out*), culminando no fecho acusatório “Therefore thou liest” (Shakespeare, 2008, p. 169). Esse reaparecimento do mesmo lexema funciona como *rima verbal* que sustenta a cadência do escárnio e o motor cômico do trecho.

Nas traduções, a preservação desse mecanismo é desigual. Mendonça/Heliadora vertem “Mentes ao dizeres que é tua porque estás nela; isto é para os mortos, não para os vivos” (Shakespeare, 2016, p. 487), conservando o pivô moral (*mentir*) no clímax e, adiante, o trocadilho com *quick* em “Mentira viva, senhor, que vivamente passa de mim para vós” (Shakespeare, 2016, p. 487). Ainda que *vivamente* insinue celeridade, a solução privilegia o valor *vivo* (Bate; Rasmussen, 2008, p. 369; Schmidt, 1971b, p. 353).

Em contrapartida, a oposição *lie out on't/lie in't* é aplainada em *fora/dentro*, sem ativar o sentido de *mentir a respeito de*, o que enfraquece a rima lexical. Bravo, por sua vez, mantém com coesão o polo físico (*jazes; jazo*), mas substitui o ápice moral por “portanto, me enganas” (Shakespeare, 2021, p. 363), deslocando o ataque para um pragmatismo interpessoal e rompendo a retomada de *lie*; na sequência, abandona o eixo *lie/quick* em favor de um novo jogo (*desenganado*), espirituoso, porém exógeno ao mecanismo original.

Nenhuma das versões preserva integralmente a dualidade semântica de *lie*. As tradutoras mantêm o golpe moral e um eco de *quick* como “vivo”, mas perdem a antítese “*lie out/lie in*”; Bravo garante a simetria espacial de “*jazer*” (Shakespeare, 2021, p. 363), ao preço de esvaziar a rima com *lie* no fecho.

No enunciado “How absolute the knave is! We must speak by the card, or equivocation will undo us” (Shakespeare, 2008, p. 169), os termos-chave organizam um eixo entre precisão e ambiguidade. *Absolute*,





conforme Bate e Rasmussen (2008, p. 369), é glosado como “rigorosamente exato”⁸, sugerindo aqui uma fala meticulosa e, por vezes, inflexível. Quanto a *knave*, trata-se de insulto classe-marcado cujo campo semântico-pragmático vai do valor arcaico (*rapaz/criado*) ao injurioso (*patife; velhaco; canalha*) (Schmidt, 1971a, p. 1075). *By the card* indica a necessidade de exatidão e de controle referencial, com provável lastro náutico (*carta/bússola*), evitando desvios (Mowat; Werstine, 2012, p. 332; Bate; Rasmussen, 2008, p. 169). *Equivocation*, por sua vez, remete à ambiguidade calculada, ao risco de duplo (Bate; Rasmussen, 2008, p. 169; Crystal; Crystal, 2002, p. 335).

Nas traduções, eles são modulados de maneiras distintas. Mendonça/Heliadora vertem: “Como é preciso esse sujeito. Temos de falar muito claro, ou nos perderemos em seus equívocos.” (Shakespeare, 2016, p. 488) A opção por *sujeito* atenua o teor pejorativo de *knave*; *preciso* preserva o rigor de *absolute*, mas sem salientar o potencial tom irônico. “Falar muito claro” (Shakespeare, 2016, p. 488) comunica a exigência de exatidão, embora apague a metáfora náutica de *by the card*; *equívocos* mantém a noção de ambiguidade lesiva. Bravo propõe: “Mas quão literal é esse canalha! Ou falamos ao pé da letra ou nos pega nos equívocos” (Shakespeare, 2021, p. 363). Aqui, *canalha* recupera o ataque de *knave*; *literal* recorta *absolute* para um matiz específico, reduzindo seu espectro (*exato; estrito*). “Ao pé da letra” (Shakespeare, 2021, p. 363) reforça a leitura de precisão, mas, de novo, desativa o lastro marítimo; *equívocos* mantém o risco de ambivalência, sem ativar plenamente a duplicidade pragmática do termo elisabetano.

Comparativamente, as tradutoras privilegiam clareza e acessibilidade, suavizando a agressividade do original, enquanto o tradutor acentua o estigma atribuído e a literalidade do enunciado. Em ambas, o teor *by the card* se compromete.

Dando sequência à análise, com os cortes necessários, detemo-nos em “Upon what ground?” (Shakespeare, 2008, p. 170), pergunta de Hamlet ao

⁸ Do original: “Strictly accurate”.





Primeiro Coveiro. Essa pergunta suscita desafios específicos devido à ambiguidade do termo *ground*, que pode significar tanto “razão” ou “motivo” (Crystal; Crystal, 2002, p. 430) quanto “território” ou “solo” (Schmidt, 1971a, p. 865). Tal ambivalência é crucial para a comicidade da cena: Hamlet formula uma indagação potencialmente abstrata, ao passo que o coveiro a toma no sentido concreto, realizando o jogo de duplo sentido descrito por Bate e Rasmussen (2008, p. 369), para quem *ground* também vale “causa”⁹; Mowat e Werstine (Shakespeare, 2012, p. 332) igualmente assinalam que essa pergunta pode ser lida como “sob quais circunstâncias/por que motivo¹⁰” (Shakespeare, 2012, p. 332), leitura que colide com a resposta literal do coveiro. Entre as versões brasileiras, Mendonça/Heliadora propõem “E o que deu lugar a isso?” (Shakespeare, 2016, p. 489), solução que prioriza o polo abstrato (causa), mas reduz a possibilidade de leitura concreta e, com ela, parte do efeito cômico. Rodrigo Bravo, por sua vez, verte “Onde ele estava?” (Shakespeare, 2021, p. 365), convertendo a fala em pergunta estritamente espacial e eliminando a ambiguidade original.

Diante das diferentes abordagens analisadas, observa-se que a tradução do humor na peça *Hamlet* envolve uma gama de recursos que vão além de trocadilhos e ambiguidades lexicais, incluindo corruptelas intencionais, ironia, raciocínios falaciosos e distorções retóricas. Esses elementos exigem decisões tradutórias que inevitavelmente impactam a recepção do texto na cultura de chegada. Algumas estratégias favorecem a clareza e a fluidez do discurso, aproximando o leitor contemporâneo; outras buscam preservar os efeitos estilísticos e cômicos do original, mesmo que isso demande soluções mais criativas e arriscadas.

⁹ Do original: “cause”.

¹⁰ Do original: “under what circumstances, for what reason”





6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tradução literária não se reduz a uma conversão lexical entre idiomas; trata-se de uma operação criativa orientada à preservação, tanto quanto possível, das dimensões estética, semântica e estilística do texto de partida. Em *Hamlet*, essa tarefa adquire grau elevado de complexidade em virtude da alta densidade de trocadilhos, ambiguidades, deformações lexicais e referências culturais. A cena dos coveiros constitui um caso paradigmático, ao articular humor mordaz, reflexão filosófica e crítica social. Exige-se, portanto, do tradutor não apenas proficiência linguística, mas sensibilidade ao ritmo dramaturgico e às camadas de ironia.

As traduções examinadas evidenciam respostas distintas a esses desafios. Mendonça e Heliodora (Shakespeare, 2016) adotam uma orientação mais tradicional e conservadora, priorizando a clareza e a fidelidade estrutural ao texto de partida; Bravo (Shakespeare, 2021), por sua vez, investe em linguagem mais contemporânea e culturalmente ancorada na comunidade de chegada, com soluções que atualizam o humor e visam ampliar a acessibilidade. Tais opções, contudo, implicam custos: em certos pontos, perdem-se ambiguidades constitutivas; em outros, a ironia é simplificada, reduzindo a espessura semântica do original.

Diante disso, é plausível sustentar que nenhuma tradução captura integralmente os matizes semânticos e estilísticos do texto shakespeariano. Toda decisão tradutória envolve escolhas e renúncias: ora se privilegia a literalidade, ora o efeito cômico; ora se preserva a forma, ora se adapta o conteúdo ao horizonte cultural do leitor/espectador. Em última instância, traduzir Shakespeare – e, de modo particular, o humor na peça *Hamlet* – requer um equilíbrio delicado entre fidelidade e recriação significativa, de forma a produzir no destinatário um efeito análogo ao projetado pelo autor.

Essa tensão é precisamente descrita por Attardo (2020, p. 344) ao discutir a tradução do humor: a fidelidade estrita ao texto de partida mostra-se inalcançável, sobretudo quando o significante está em jogo – caso de





trocadilhos e demais jogos poéticos de linguagem. Nesses contextos, a literalidade se revela inviável e impõe-se a transposição funcional, entendida como a busca por efeitos pragmáticos equivalentes no público de chegada por meios eventualmente diversos. É nesse quadro que se inscrevem as estratégias contrastantes de Mendonça/Heliadora (Shakespeare, 2016) e de Rodrigo Bravo (Shakespeare, 2021), ora preservando deformações do original, ora propondo soluções culturalmente marcadas que reatualizam o cômico.

Cumprе salientar, ademais, a dimensão especificamente teatral da tradução. As peças de Shakespeare foram concebidas para a cena; sua vitalidade depende do pulso da fala, da interação entre personagens e da resposta da plateia. Uma tradução que conserva trocadilhos, mas que soa artificial na boca do ator, compromete a encenabilidade e esvazia o impacto estético. Conforme observa O’Shea (2020), o teatro traduzido precisa ser encenável – isto é, falável, fluido e acessível. Nessa direção, Martins (2016) demonstra que os jogos de palavras não constituem ornamentos, mas recursos dramaturgicos que constroem personagens e marcam distinções sociais. Traduzir o humor, portanto, implica considerar não apenas o texto escrito, mas sua performatividade: o funcionamento da fala em cena, a reação do público e a emergência da comicidade pela oralidade e pelo gesto.

Nesse contexto, as escolhas lexicais devem incidir com clareza no plano da recepção auditiva. Trocadilhos como *lie* dependem da reiteração audível da mesma forma; alternâncias como *jazer/mentir/estar* tendem a dissolver o efeito paronomástico que sustenta a graça. O registro deve carregar marcas sociolinguísticas reconhecíveis – a fala do coveiro requer oralidade marcada, sem artificialismo, sob pena de se diluir o contraste que produz comicidade. Além disso, ambiguidades essenciais precisam ser decodificáveis no instante da enunciação, sem apoio de notas extratextuais, como ocorre com expressões do tipo *by the card*, *ground* ou *quick*. Quando a homonímia não encontra correspondência na língua de chegada, o efeito cômico pode ser reconstruído por meio de rimas internas, aliterações ou repetições controladas, que performativamente substituam o mecanismo intraduzível. Traduzir para a





cena implica equilibrar inteligibilidade imediata e densidade de efeitos, para que o texto não apenas signifique, mas também aconteça no palco.

Assim, a tradução na peça *Hamlet* deve ser concebida como mediação entre línguas, culturas, temporalidades e formas artísticas (página e cena). A análise comparativa sugere que, embora nenhuma tradução consiga preservar integralmente as nuances do inglês elisabetano, cada uma projeta concepções específicas de tradução e estabelece diálogo com públicos-alvo distintos. Traduzir Shakespeare – sobretudo nas passagens de humor e ambiguidade – exige não apenas competência linguística, mas também sensibilidade teatral, de modo a recriar, dentro das possibilidades da língua de chegada, os efeitos dramaturgicos do original. Em última análise, traduzir o humor em uma tragédia shakespeariana significa reconstruir, em outra cultura, a tensão vital entre o cômico e o trágico que estrutura a obra. O tradutor deixa de ser mero mediador linguístico para atuar como recriador de efeitos que oscilam entre o riso e o abismo, garantindo a persistência da força expressiva do texto – na leitura e, sobretudo, na encenação.

REFERÊNCIAS

ATTARDO, Salvatore. Humor and Translation. In: ATTARDO, Salvatore. **The Linguistics of Humor: an introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2020, p. 340-366.

CRYSTAL, David; CRYSTAL, Ben. **Shakespeare's Words: A Glossary and Language Companion**. London: Penguin, 2002.

FUENTES LUQUE, Adrián. Humor, cine y traducción. In: FERNÁNDEZ, Leandro Félix; ORTEGA ARJONILLA, Emilio (coord.). **II Estudios sobre traducción e interpretación: actas de las II Jornadas Internacionales de Traducción e Interpretación de la Universidad de Málaga**. Málaga: Universidad de Málaga, 1998. v. 2, p. 665-673.

LAMBERT, José; VAN-GORP, Hendrik. Sobre a descrição de traduções. Tradução de Lincoln Paulo Fernandes e Marie-Hélène Catherine Torres. In: GUERINI, Andréia; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter. (Orgs.). **Literatura e Tradução: Textos selecionados de José Lambert**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2011. p. 197-212.





MARTINS, Márcia do Amaral Peixoto. A tradução dos jogos de palavras shakespearianos: o caso de *A Megera Domada*. In: CAMATI, Anna Stegh; MIRANDA, Célia Arns (orgs.). **Shakespeare sob múltiplos olhares**. Curitiba: Editora da UFPR, 2016, p. 287-314.

NORD, Christiane. Loyalty and fidelity in specialized translation. **Confluências – Revista de Tradução Científica e Técnica**, n. 4, p. 29-41, maio 2006.

O'SHEA, José Roberto. Antony and Cleopatra em tradução. In: SHAKESPEARE, William. **Antônio e Cleópatra**. Tradução de José Roberto O'Shea. São Paulo: Mandarim, 1997, p. 21-33.

O'SHEA, José Roberto Basto. **Desafios e Procedimentos de Tradução/Transposição Cultural: Tróilo e Créssida e Os Dois Primos Nobres**. Letras, Santa Maria, n. 2, 141-158, 2020.

OXFORD ENGLISH DICTIONARY ONLINE. Oxford English Dictionary. Oxford: Oxford University Press. Disponível em: <https://www.oed.com/>. Acesso em 28 nov. 2024.

SCHMIDT, Alexander. **Shakespeare Lexicon and Quotation Dictionary: a complete dictionary of all the English words, phrases, and constructions in the works of the poet. v. 1: A-M**. New York: Dover Publications, 1971a. <https://doi.org/10.1515/9783110882544>

SCHMIDT, Alexander. **Shakespeare Lexicon and Quotation Dictionary: a complete dictionary of all the English words, phrases, and constructions in the works of the poet. v. 2: N-Z**. New York: Dover Publications, 1971b. <https://doi.org/10.1515/9783110882544>

SNYDER, Susan. **The comic matrix of Shakespeare's tragedies: Romeo and Juliet, Hamlet, Othello, and King Lear**. Princeton: Princeton University Press, 2019. <https://doi.org/10.1515/9780691196626>

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Edição de Jonathan Bate e Eric Rasmussen. UK: Random House Publishing Group, 2008.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Edição de Barbara A. Mowat e Paul Werstine. New York: Simon & Schuster Paperbacks, 2012.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Tradução de Rodrigo Bravo. São Paulo: Mocho, 2021.

SHAKESPEARE, William. Hamlet, príncipe da Dinamarca. In: LEÃO, Liana Camargo (Org.). **Teatro completo: tragédias e comédias sombrias**. Tradução de **Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)**





Anna Amélia Carneiro de Mendonça e Bárbara Heliodora. v. 1. São Paulo: Nova Aguilar, 2016, p. 394-511.

VIDEBAEK, Bente A. **The Stage Clown in Shakespeare**. Westport: Greenwood Press, 1996. DOI: [10.5040/9798216018087](https://doi.org/10.5040/9798216018087)

VIÉGAS-FARIA, Beatriz. O que significa traduzir hoje a dramaturgia shakespeariana? In: CORONEL, Luiz (Org.). **Dicionário William Shakespeare: as múltiplas facetas de um gênio**. Porto Alegre: Mecenaz/TAB Marketing, 2011, p. 21-25.





Instintos ou dispositivos? Esse não é o debate que deveríamos estar fazendo

Instincts or gadgets? Not the debate we should be having

SPERBER, Dan¹
Institut Nicod/Paris
dan@sperber.fr

Tradutores
VERÍSSIMO, Gabriel da Silva²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
gabrieldsverissimo@gmail.com

MAIA, Ana Livia Braz³
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
analiviabrazmaia@gmail.com

SANTOS, Tiago Vieira dos⁴
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
tiago.santos@academico.ufpb.br

ALMEIDA, Tiago Lessas José de⁵
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
tiago.lessas@academico.ufpb.br

RESUMO: Defendo, com exemplos, que a maioria das habilidades cognitivas humanas não são instintos nem dispositivos, mas mecanismos moldados tanto por predisposição evolucionária quanto por estímulos culturais. Essa modelagem pode funcionar por meio de habilidades evoluídas que cumprem sua função com a ajuda de habilidades culturais que contribuem para moldar, ou por meio de competências culturais que recrutam habilidades evoluídas e se ajustam a elas.

Palavras-chave: Predisposições evolucionárias; Dispositivos culturais; Habilidades.

ABSTRACT: This study, a segment of broader research, investigates symbolic interdictions of literacy at the University, focusing on the experiences of Language students in forging their academic identity. It relates symbolic systems of oppression present in the construction of literacy to markers of race, class, and gender, discussing the intersection of these dimensions in the literate practices of students benefiting from affirmative action policies. The work is grounded in studies of social and

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4066-3058>/Web page: <https://www.dan.sperber.fr/>.

² ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9926-9584>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7703031235413739>.

³ ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-5818-8768>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5269822915035542>.

⁴ ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-8324-4264>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9496332791416750>.

⁵ ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4774-240X>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1726595948048132>.





academic literacies, in Bourdieu's (1983) reflections, in the notions of spheres and heterodiscourse from the Russian Circle (2015), and in Collins' (2022) theory of intersectionality. The case study guided the research conducted, from which an interview with a student and their personal account related to gaps in their academic training were extracted. It highlights the persistence of symbolic interdictions in the educational trajectory of students assisted by affirmative action policies, most of whom belong to socially disadvantaged groups. The homogenization of literacies as individual (in)abilities persists, which neglects structural and historical factors. Self-demand, guilt, non-belonging, and loneliness are revealed in the student's academic journey due to the absence of internal and external support networks within the University. The need to review the hegemonic conception of literacy in academia is reinforced, in welcoming plural literacies, in a University that fosters this plurality.

Keywords: Evolved disposition; Cultural gadgets; Skills.

Cecilia Heyes (2018) contrasta nitidamente duas abordagens mutuamente incompatíveis das habilidades cognitivas que tornam os humanos tão especiais. De acordo com uma abordagem ao qual ela se opõe, essas habilidades são instintos cognitivos biologicamente evoluídos. Entretanto, de acordo com o posicionamento assumido por ela, essas habilidades cognitivas seriam “dispositivos cognitivos” culturalmente adquiridos (Heyes, 2018). Essa maneira de enquadrar o debate é baseada em um forte pressuposto, o qual a autora discute superficialmente, isto é, o de que existem apenas duas alternativas que valem a pena considerar: habilidades cognitivas especializadas são ou instintos ou dispositivos. Consistente com esse pressuposto, a autora demonstra que qualquer argumento que defenda uma habilidade como culturalmente adquirida, demonstra, por seu turno, que esta não é biologicamente evoluída, de forma que a lógica contrária também seja verdadeira. Aqui quero desafiar esse pressuposto e, portanto, ressaltar a pertinência do debate assim concebido sob esta abordagem.

Heyes (2018) assume que o principal mecanismo através do qual todos os animais, incluindo os humanos, adquirem conhecimentos e habilidades é a “aprendizagem associativa”, que ela vê como algo intrinsecamente abrangente em termos de domínio. A aprendizagem associativa é complementada por mecanismos neurocognitivos especializados. Em geral, na cognição animal,





esses são instintos cognitivos. Em contra partida, no caso dos humanos, eles também podem ser dispositivos cognitivos, que são socialmente aprendidos e culturalmente evoluídos. Quaisquer que sejam os instintos cognitivos que os humanos tenham, eles os compartilham com outros primatas. São seus dispositivos cognitivos que tornam os humanos especiais. Isso pode soar como uma nova defesa do lado da criação no antigo debate natureza-criação, mas a própria Heyes (2018) rejeita esse entendimento simplista da questão. “A rica complexidade interativa dos processos de desenvolvimento”, observa a estudiosa, “deixa bem claro que, tanto na cognição como em outros sistemas biológicos, não há casos puros da natureza ou da criação; nenhuma característica biológica é causada apenas pelos ‘genes’ ou apenas pelo ‘ambiente’” (Heyes 2018, p. 24).

Ainda assim, Heyes (2018) tem muito pouco a dizer sobre a contribuição do ambiente para o desenvolvimento dos instintos: como, por exemplo, crescer em uma determinada comunidade cultural pode contribuir para conter, aprimorar ou moldar os instintos sexuais humanos (que não são puramente cognitivos, mas têm uma dimensão cognitiva essencial). Da mesma forma, ela tem pouco a dizer sobre a contribuição dos genes para o desenvolvimento de dispositivos, que, segundo ela, são adquiridos por meio da aprendizagem associativa. A autora enxerga a aprendizagem associativa como uma capacidade de aprendizagem evoluída de domínio geral, ou abrangente. A aprendizagem associativa apenas permite a aquisição de dispositivos, mas não contribui para moldar suas características específicas de domínio ou tarefa. Não há lugar em seu relato para “instintos de aprendizagem” (Marler, 1991). Os dispositivos são, em termos de desenvolvimento, desconectados dos instintos.





Assim, sua abordagem *evo-devo*⁶ se desdobra em uma abordagem *evo*, como fundamento explicativo para os instintos, e uma abordagem *devo*, que por sua vez tenta dar conta dos dispositivos.

Com isso, pergunto: A divisão das habilidades cognitivas em dois grupos não sobrepostos — instintos e dispositivos — é autoevidente, ou pelo menos em parte, particularmente plausível? Quero sugerir que, de fato, as muitas e variadas habilidades cognitivas que tornam os seres humanos especiais estão em um *continuum* de casos com, em uma extremidade, mecanismos cujo desenvolvimento é fortemente canalizado por fatores biológicos e não muito modificáveis por fatores ambientais e, na outra extremidade, mecanismos que são apenas fracamente canalizados por fatores biológicos e são particularmente suscetíveis a fatores ambientais (sobre canalização, ver Ariew, 1996; Waddington, 1942). Se houver de fato esse tipo *continuum* de casos, e se as habilidades cognitivas humanas se situarem em vários pontos ao longo desse *continuum*, então o antigo termo *instinto* e o novo e engenhoso termo lexical *dispositivo* não devem ser usados para dividir todo o espectro mas apenas — se for o caso — para destacar seus pontos extremos

Há uma razão fundamental pela qual, entre todos os traços biológicos, os mecanismos neurocognitivos são particularmente propensos a serem espalhados ao longo de um *continuum inato-adquirido* ou *dispositivo-instintivo*, em vez de agrupados em uma ou em ambas as extremidades. A função geral da cognição é ajustar o comportamento do organismo ao seu ambiente. A sensibilidade ao meio ambiente é a condição *sine qua non*⁷ dos mecanismos cognitivos. Quando há seleção para uma mesma forma de ajuste comportamental às mesmas condições ambientais locais recorrentes, o desenvolvimento do mecanismo cognitivo envolvido pode ser fortemente

⁶ N.T.: *Evo-devo* é uma abreviação de Evolutionary-Developmental (Evolutivo-Desenvolvimental). Esta abordagem se refere à biologia evolutiva do desenvolvimento, a qual desenvolve mecanismos de análise comparada dos mecanismos e sequências do desenvolvimento embrionário para explicar o processo de desenvolvimento genético e suas implicações para as formas, funções e comportamento no curso temporal da evolução

⁷ N.T.: Expressão latina que significa "sem a qual não" ou "condição sem a qual não", ou seja, algo que é indispensável.





canalizado por fatores biológicos. Por outro lado, quando as condições ambientais relevantes são mais variadas e complexas e, portanto, exigem respostas mais flexíveis, há motivos biológico-evolutivos para esperar uma canalização mais fraca e um papel maior de fatores ambientais variáveis. Trata-se, evidentemente, de uma questão de gradação.

Por sua vez, Heyes (2018) argumenta que, quando uma resposta relativamente rígida às condições ambientais recorrentes se mostra adequada, a seleção (natural) tende a favorecer instintos cognitivos especializados. Em contrapartida, quando uma maior flexibilidade é mais adaptativa, a seleção tende a favorecer uma estratégia marcadamente distinta: o desenvolvimento e a utilização de um mecanismo de aprendizagem de domínio geral, como a aprendizagem associativa. Como a própria autora aponta, “defensores do aprendizado profundo, codificação preditiva, aprendizado por reforço hierárquico, modelagem causal e Bayesianos de quase todos os tipos” descrevem esses procedimentos de aprendizado como competências de domínio geral (Heyes, 2019, p. 2). Isso é verdade, mas o fato de que as propriedades formais de um procedimento de aprendizagem sejam melhor especificadas sem atribuir a ele qualquer domínio ou objetivo específico não implica que o uso de tal procedimento, em um organismo ou uma máquina, não possa ser vinculado e ajustado a objetivos específicos.

Para sustentar o seu ponto de vista, Heyes (2019) cita Lake *et al.* (2017). Os próprios autores, todavia, observaram:

A afirmação de que uma mente é uma coleção de redes neurais de uso geral com poucas restrições iniciais é bastante extrema na ciência cognitiva contemporânea. Uma nova e distinta perspectiva surgiu. E ela destaca a importância dos vieses indutivos iniciais, incluindo conceitos centrais como número, espaço, agência e objetos, bem como poderosos algoritmos de aprendizagem que dependem de conhecimento prévio para extrair conhecimento de pequenas quantidades de dados de treinamento. Esse conhecimento é muitas vezes ricamente organizado e apresenta uma estrutura de caráter quase teórico em estrutura, capaz de inferências graduais e capacidades produtivas características do pensamento humano (Lake *et al.*





2017, p. 5).

Em termos mais precisos, um mecanismo de aprendizagem bayesiano, empregado para a aquisição e utilização de informações em um determinado domínio, pode, de maneira eficaz, ser dotado de conhecimentos prévios apropriados ao referido domínio e à tarefa em questão, configurando-se, assim, como um mecanismo especializado. Do ponto de vista evolutivo, é bastante concebível que muitas, senão todas as adaptações cognitivas, sejam mecanismos bayesianos especializados com, entre outras características evoluídas, antecedentes iniciais prontos para serem reajustados no curso do desenvolvimento cognitivo.

Heyes (2019) também apela para considerações gerais sobre o curso da evolução humana. Qual é a probabilidade de que, na restrição de tempo da evolução humana, muitos novos mecanismos tenham evoluído não apenas para tornar a cultura possível, mas para moldar habilidades cognitivas culturais distintas? Esta é uma pergunta razoável para a qual as pessoas que trabalham na evolução humana dão respostas diferentes. Alguns, como Joe Henrich (2015), assumiram que uma variedade de mecanismos direcionados a aspectos específicos da cultura pode muito bem ter evoluído; outros, como Michael Tomasello (1999) ou a própria Heyes (2018), são mais céticos. Uma consideração que geralmente falta neste debate é o fato de que as habilidades culturais podem ser parcialmente moldadas não apenas por um mecanismo evoluído, cuja função é pelo menos parcialmente cumprida por meio dessas habilidades culturais; as habilidades culturais também podem ser moldadas por habilidades evoluídas que não evoluíram para favorecer qualquer sequência cultural, mas que são recrutadas no processo de evolução cultural para tornar certas habilidades mais fáceis de serem aprendidas.

Há, de fato, duas maneiras principais pelas quais as disposições biologicamente evoluídas podem contribuir para moldar um traço cultural. Uma função biológica pode ser cumprida através da evolução cultural de um traço apropriado. Por exemplo, os seres humanos são animais onívoros que





estão biologicamente dispostos a buscar uma combinação de nutrientes que atenda às suas necessidades biológicas. As culinárias variam de cultura para cultura e são moldadas por histórias culturais, organização social e ecologias locais. Elas também são, obviamente, moldadas por preferências alimentares evoluídas. Portanto, as habilidades cognitivas e práticas envolvidas na culinária não são adequadamente descritas como instintos ou como dispositivos. Para dar um exemplo menos trivial, os benefícios biológicos do *altruísmo de parentesco*⁸ causaram a evolução biológica de várias formas de sensibilidade cognitiva ao relacionamento. Tal sensibilidade pode, no caso humano, favorecer a evolução cultural de habilidades e práticas culturais relevantes (Bloch; Sperber, 2002).

Uma segunda maneira pela qual as disposições biologicamente evoluídas podem contribuir para moldar um traço cultural é através da evolução cultural, aproveitando as disposições biologicamente evoluídas. Heyes (2018), por exemplo, evoca o trabalho de Dehaene e Cohen (2011) sobre habilidades de leitura. Dada a história recente da escrita, ninguém argumentaria que a leitura é moldada por genes que evoluíram para a leitura. O que os autores argumentaram, no entanto, não é que a leitura seja um dispositivo cultural adquirido por meio da aprendizagem associativa ou de algum outro tipo de procedimento de aspecto mais geral. Em vez disso, eles mostraram que a leitura recruta uma capacidade cognitiva evoluída implementada no sulco occipitotemporal lateral esquerdo e cuja função inicial é reconhecer padrões visuais relevantes para identificar contornos de objetos. A evolução cultural da escrita e da leitura foi possível e foi moldada por esse mecanismo evolutivo, aproveitando suas capacidades para criar novos estímulos visuais.

Sperber e Hirschfeld (2004) ilustraram outra maneira pela qual as disposições biologicamente evoluídas — cuja função não está, ou ao menos

⁸ N.T.: *Altruísmo de parentesco* é um conceito teórico evolucionário que postula que os indivíduos agem de forma a beneficiar seus parentes, mesmo que isso diminua seu próprio sucesso reprodutivo, de forma a garantir a perpetuação genética de um mesmo grupo familiar.





não em princípio, relacionada à cultura — oferecem oportunidades para a evolução cultural de habilidades ou práticas culturais e contribuem para moldar essas habilidades. Considere, por exemplo, os mecanismos mentais evoluídos que permitem aos humanos reconhecer rostos individuais e interpretar expressões faciais. As condições de entrada que um estímulo deve atender para desencadear o funcionamento desses mecanismos são preenchidas não apenas por rostos reais, mas também por itens semelhantes a rostos, como fotos de rostos, sorrisos, máscaras e assim por diante. Apenas os rostos reais estão no *domínio adequado* dos mecanismos; isto é, na gama de itens que eles evoluíram para processar. Entretanto, todos os itens que atendem às suas condições de entrada, independentemente de pertencerem ou não ao domínio próprio dos mecanismos, integram seu *domínio efetivo* — isto é, o conjunto de itens que desencadeiam as operações do mecanismo. A maioria desses itens semelhantes a rostos pertencentes ao domínio real dos mecanismos cognitivos de processamento de rostos são produzidos culturalmente. A produção e apreciação de retratos, por exemplo, é comum e diversificada entre culturas. Os próprios rostos reais podem ser modificados (por meio de maquiagem e penteados, por exemplo), de modo a influenciar a percepção do rosto (de sua juventude, seu humor, e assim por diante). Há, em outros termos, uma gama de habilidades culturais envolvidas na representação e modificação de rostos e na interpretação dessas representações e modificações que exploram e estendem o domínio real do reconhecimento facial. Os mecanismos de reconhecimento facial não evoluíram para produzir tais efeitos culturais. O que aconteceu, em vez disso, é que as habilidades culturais evoluíram aproveitando o mecanismo de reconhecimento facial biologicamente evoluído e preenchendo seu domínio real com artefatos culturais.

De forma mais geral, as habilidades cognitivas humanas podem ser moldadas pela evolução biológica, evolução cultural ou ambas. Algumas habilidades culturais são ajustes ou elaborações de uma habilidade biológica, como no caso da produção e apreciação cultural de alimentos. Tais





mecanismos culturais normalmente cumprem funções biológicas e culturais. As habilidades culturais também podem ser explorações de competências cognitivas biologicamente evoluídas sem servir à função biológica dos mecanismos que elas mesmas exploram. As habilidades de pintura de retrato ou maquiagem são exemplos disso. Algumas habilidades culturais têm uma relação mais complexa com as capacidades evoluídas. Tal é o caso da leitura que não apenas explora, mas que também modifica um mecanismo de percepção cuja função inicial é ajudar a identificar contornos de objetos.

Portanto, estamos em um estágio no estudo da relação entre cognição e cultura em que, nas próprias palavras de Heyes (2018):

permanece coerente e importante perguntar, por qualquer característica particular [aqui, habilidades cognitivas humanas envolvidas na cultura], em que medida e de que maneira a natureza e a nutrição contribuem para seu desenvolvimento (Heyes, 2018, p. 25).

Isso, no entanto, não equivale, ou mesmo se assemelha à tarefa de classificar essas habilidades enquanto instintos e dispositivos, ou de perguntar se a maioria dessas habilidades são de um ou de outro tipo. Esse não é o debate que deveríamos estar fazendo.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos ao Professor Dan Sperber, membro do Departamento de Ciência Cognitiva e do Departamento de Filosofia da Universidade Centro-Europeia em Budapeste, pela gentileza em nos ceder a oportunidade de traduzir este artigo diretamente para a língua portuguesa.⁹

REFERÊNCIAS

ARIEW, André. Innateness and canalization. *Philosophy of Science*, v. 63, n. 3, supl., p. S19–S27, 1996. DOI: <https://doi.org/10.1086/289932>.

BLOCH, Maurice.; SPERBER, Dan. Kinship and evolved psychological dispositions: The mother's brother controversy reconsidered. *Current*

⁹ Artigo originalmente publicado em Inglês: SPERBER, Dan. Instincts or gadgets? Not the debate we should be having. *Behavioral and Brain Sciences*. 2019; v. 42, n. 183, p. 35–37. DOI: <https://doi.org/10.1017/S0140525X19001122>.





Anthropology, v. 43, n. 5, p. 723–748, 2002. DOI:
<https://psycnet.apa.org/doi/10.1086/341654>.

DEHAENE, Stanislas.; COHEN, Laurent. The unique role of the visual word form area in reading. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 15, n. 6, p. 254–262, 2011. DOI:
<https://doi.org/10.1016/j.tics.2011.04.003>.

HENRICH, Joseph. **The secret of our success**: How culture is driving human evolution, domesticating our species and making us smarter. Princeton: Princeton University Press, 2015. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvc77f0d>.

HEYES, Cecilia. **Cognitive gadgets**: The cultural evolution of thinking. Cambridge: Harvard University Press, 2018. DOI:
<https://doi.org/10.4159/9780674985155>.

HEYES, Cecilia. Précis of Cognitive Gadgets: The Cultural Evolution of Thinking. **Behavioral and Brain Sciences**. 2019, vol. 42, n. 169, p. 1–58. DOI:
<https://doi.org/10.1017/S0140525X18002145>.

LAKE, Brenden M. *et al.* Building machines that learn and think like people. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 40, e253, 2017. DOI:
<https://doi.org/10.1017/S0140525X16001837>.

MARLER, Peter. The instinct to learn. In: CAREY, Susan.; GELMAN, Rutgers. (Ed.). **The epigenesis of mind**: Essays on biology and cognition. Hove: Psychology Press, 1991. p. 591–617. DOI: <https://doi.org/10.2307/1423173>.

SPERBER, Dan; HIRSCHFELD, Lawrence A. The cognitive foundations of cultural stability and diversity. **Trends in Cognitive Sciences**, v. 8, n. 1, p. 40–46, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tics.2003.11.002>.

TOMASELLO, Michael. **The cultural origins of human cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1999. DOI: <https://doi.org/10.2307/j.ctvj5f4jc>.

WADDINGTON, Conrad Hal. Canalization of development and the inheritance of acquired characters. **Nature**, v. 150, p. 563–565, 1942. DOI:
<https://doi.org/10.1038/1831654a0>.





Eco e inadequação em enunciados irônicos

Echo and inadequacy in ironic utterances

PISKORSKA, Agnieszka¹
University of Warsaw, Poland
a.piskorska@uw.edu.pl

Tradução
ALMEIDA, Tiago Lessas José de²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
tiago.lessas@academico.ufpb.br

RESUMO: Diversos estudos experimentais demonstraram que as condições necessárias para a compreensão da ironia incluem a alusão a outra representação como um enunciado ou pensamento, e a inadequação contextual evidente, também denominada violação de uma máxima Griceana. Este artigo adota o modelo de compreensão inferencial da Teoria da Relevância, que propõe o ajuste mútuo e paralelo entre o conteúdo explícito e as implicaturas, a fim de investigar o papel dessas condições e, de modo mais geral, o papel da proposição literalmente expressa por um enunciado irônico para orientação do ouvinte ao longo do processo interpretativo. Sustenta-se que, embora tanto o caráter alusivo quanto a inadequação de um enunciado devam ser identificados durante o processamento, um deles pode, inicialmente, mostrar-se mais saliente e desempenhar um papel decisivo no desencadeamento de um percurso interpretativo irônico, isto é, aquele em que os principais ganhos cognitivos decorrem da exploração da semelhança com outra representação e da identificação da atitude de desaprovação do falante. Entre os casos em que a inadequação contextual evidente se mostra particularmente proeminente, dedica-se atenção especial às ironias absurdas, como *Sou a Rainha de Sabá*, que têm sido analisadas, no âmbito da Teoria da Relevância, como instâncias de eco da absurdidade do ato de fala precedente. Argumenta-se que tais ironias também são alusivas em nível de conteúdo, por meio de implicaturas fortes que expressam eco de pensamentos atribuídos ao autor do enunciado ou da pergunta anterior.

Palavras-chave: Ironia verbal; Uso ecóico; Metarrepresentação; Semelhança interpretativa; Proposição literalmente expressa.

ABSTRACT: A number of experimental studies have established that the conditions for irony comprehension include allusion to another representation, such as an utterance or a thought, and blatant contextual inadequacy, also referred to as flouting of a Gricean maxim. This paper adopts the relevance-theoretic model of inferential comprehension positing the mutual parallel adjustment of explicit content and

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7297-1776>/Scopus ID: 26868069600.

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4774-240X>/Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1726595948048132>.





implicatures to investigate the role of these conditions, and more generally, of the proposition literally expressed by an ironic utterance in guiding the hearer through the interpretation process. It claims that although both the allusive character and inadequacy of an utterance must be identified in the course of processing, one of them can be initially more salient and play a decisive role in triggering an ironic interpretative path, i.e. one in which the main cognitive benefits stem from exploiting resemblance to another representation and identifying the speaker's disapproving attitude. Among cases in which blatant contextual inadequacy is highly prominent, special attention is given to absurd ironies, such as *I'm the Queen of Sheba*, which have been analysed in Relevance Theory as instances of echoing the absurdity of the preceding speech act. I argue that such ironies are allusive also on the level of content through strong implicatures carrying echo to thoughts attributed to the utterer of the preceding statement or question.

Keywords: Verbal irony; Echoic use; Metarepresentation; Interpretive resemblance; Literally expressed proposition.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Teoria da Relevância (doravante TR), a ironia verbal consiste em ecoar uma representação (por exemplo, um pensamento ou enunciado) atribuída a um indivíduo ou a um grupo de pessoas, e em expressar uma atitude dissociativa em relação a essa representação (Sperber; Wilson, 1978, 1981, 1986, 1998a; Wilson, 2006, 2009, 2013; Wilson; Sperber, 1992, 2012; Curcó, 2000; Yus, 1998, 2000, 2016). Nessa perspectiva, um enunciado irônico alcança relevância quando o ouvinte reconhece sua função alusiva, identifica a representação à qual ele alude, atribui a ele a uma determinada fonte e identifica a atitude de dissociativa (desdenhosa, depreciativa, zombeteira ou crítica) do falante. O processamento de um enunciado como irônico está, portanto, orientado primordialmente para a identificação de uma suposição que o falante pretende ridicularizar. Entre os sinais que acionam a interpretação nessa direção, estão sinais prosódicos e paralinguísticos, como a característica entonação inexpressiva³, expressões faciais e gestos, bem como

³ N.T.: O termo original usado no artigo e vertido como *entonação inexpressiva* se refere ao vocábulo *deadpan* (em inglês). Este termo é comumente usado para descrever comediantes que usam recursos humorísticos de forma deliberada para apresentar expressões sem variação de linguagem corporal e de emoção.





sinais presentes no conteúdo proposicional do enunciado irônico. Dentre estes últimos, o mais amplamente reconhecido parece ser a inadequação contextual manifesta, que se apresenta como falsidade, subestimação, hipérbole ou aparente irrelevância. Essa característica era capturada pelas definições tradicionais de ironia sob a mesma ótica do dizer uma coisa e querer dizer outra. Como qualquer abordagem alusiva da ironia sustentaria, há outra característica fundamental dos enunciados irônicos: eles devem guardar alguma semelhança com uma representação à qual aludem, pois, sem isso, o ouvinte seria incapaz de identificar a suposição que está sendo ridicularizada.

Adotando a abordagem da Teoria da Relevância para a ironia, este artigo se concentra em duas características do conteúdo dos enunciados irônicos, a saber, a inadequação manifesta e a semelhança com outra representação⁴, demonstrando como elas são exploradas na comunicação do significado do falante e como desencadeiam a interpretação pretendida pelo falante. Sustento que todos os enunciados irônicos dependem da identificação dessas duas características-chave durante o processamento. Nesse sentido, me posicionando contra abordagens que postulam mecanismos de processamento distintos — como o fingimento — para um subconjunto de enunciados irônicos (p. ex., Kumon-Nakamura *et al.*, 1995) e contra perspectivas que propõem classes distintas de ironia (p. ex., Kapogianni, 2011; Dynel, 2013). Reconhecendo que as duas características-chave podem não ser igualmente salientes na proposição expressa literalmente — o que concerne especialmente aos enunciados ecóicos, já que em alguns casos não é imediatamente aparente à qual representação a proposição alude —, demonstro como essa característica pode emergir durante a compreensão, à medida que as implicaturas do enunciado são derivadas. A explicação proposta baseia-se na concepção teórica da relevância para o processo de compreensão como um *ajuste paralelo e mútuo* (Sperber; Wilson, 1998b/2012). Tal concepção, como também destaco, oferece a

⁴ A semelhança com outra representação será doravante designada pelo termo técnico *eco*, em conformidade com a abordagem da Teoria da Relevância (TR) para a ironia, apresentada em detalhe na seção 3.





possibilidade de reconciliar duas visões aparentemente opostas sobre o processamento da ironia: a perspectiva do acesso direto (*direct access view*, do inglês) e a perspectiva da saliência gradual (*graded salience view*, do inglês).

Ao discutir o papel da inadequação manifesta e dos enunciados ecóicos na interpretação irônica, será dada atenção especial a respostas ou comentários absurdos, como *E eu sou o Papa*, proferido em resposta a uma declaração de credibilidade duvidosa. Nesses casos, não parece haver qualquer semelhança óbvia entre o conteúdo do enunciado e qualquer outra suposição que pudesse ser alvo de uma atitude de dissociação. Tais enunciados são analisados como exemplos de ironia não ecóica por Kapogianni (2011). Esses tipos de enunciado não foram extensivamente tratados na TR, com exceção de uma breve discussão apresentada por Wilson (2000/2012). Este artigo demonstra como as ironias absurdas podem ser explicadas em termos ecóicos, utilizando apenas os instrumentos teóricos que já são independentemente motivados no arcabouço da Teoria da Relevância.

O presente artigo está organizado da seguinte forma: a próxima seção discute duas noções pertinentes à compreensão da ironia, a saber, a *semelhança interpretativa* e a *metarrepresentação*. A Seção 3 apresenta a abordagem ecóica da ironia e uma visão geral de estudos experimentais que confirmam a realidade psicológica das duas propriedades essenciais dos enunciados irônicos, isto é, o *eco* e a *inadequação ridicularizadora*. A Seção 4 descreve o processo de *ajuste paralelo e mútuo* e avança a tese de que esta concepção de compreensão explica de forma natural como a proposição expressa literalmente é explorada no processo compreensivo, sem, no entanto, ser comunicada explicitamente. A seção explora ainda as duas propriedades-chave da ironia, demonstrando que elas podem estar presentes em diferentes graus e se manifestar ao ouvinte em fases distintas do *ajuste paralelo e mútuo*. A Seção 5 apresenta alguns exemplos de *ironias absurdas*, para as quais é proposta uma explicação em termos ecóicos. A Seção 6 discute brevemente os efeitos do uso de vários tipos de enunciados irônicos, e finalmente, a Seção 7 oferece algumas considerações finais





2. SEMELHANÇA INTERPRETATIVA E METARREPRESENTAÇÃO

Nesta seção, pretendo caracterizar duas noções que influenciam a produção e a compreensão da ironia: a semelhança interpretativa e a metarrepresentação. A primeira origina-se de uma distinção entre dois modos de uso da linguagem: o descritivo e o interpretativo (Sperber; Wilson, 1986/1995). Os usos descritivos são aqueles em que os falantes pretendem expressar seus próprios pensamentos sobre estados de coisas num mundo possível ou atual, enquanto no uso interpretativo, um enunciado pretende representar outro enunciado ou pensamento ao qual se assemelha em conteúdo.

A semelhança envolve o compartilhamento de características. Geralmente, a semelhança entre dois objetos é uma noção de base gradual e abrange um contínuo de casos, desde a identidade de todas as características até o compartilhamento de apenas uma delas. Nos estudos cognitivos, é importante compreender como a semelhança é explorada em situações reais, em vez de estabelecer condições sobre o grau de semelhança envolvido. Um globo pode ser objetivamente uma representação mais fiel da Terra do que uma maçã, mas, ao explicar os movimentos planetários para uma criança, um pai pode usar uma maçã para representar a Terra e uma lâmpada para representar o Sol, simplesmente porque estes objetos estão disponíveis na cozinha, onde a discussão ocorre. Dessa mesma forma, na comunicação verbal, os falantes podem produzir um enunciado com a intenção de assemelhá-lo a outro enunciado ou pensamento não necessariamente por ser extremamente similar a essa outra representação, mas porque é fácil e natural formulá-lo. Se Eric acha que o uso de *smartphones* é prejudicial para as crianças, e Kate diz (1) com a intenção de relatar a opinião dele sobre o assunto, ela está usando o enunciado de forma interpretativa, para representar um pensamento que ela lhe atribui:





(1) Usar smartphones não é bom para as crianças.

Apesar das diferenças entre o pensamento de Eric (ao qual, afinal de contas, não temos acesso direto) e o enunciado de Kate (1), pode ser uma representação suficientemente fiel da visão que ela tacitamente atribui a Eric. Pensamentos e enunciados podem ser abertamente atribuídos, como em:

(2) Eric acha que o uso de *smartphones* não faz bem às crianças.

Tanto em (1) quanto em (2), a suposição de que o uso de *smartphones* é prejudicial para as crianças está metarrepresentada, pois não é diretamente assumida como uma crença do falante, mas sim incorporada (tacitamente em (1) e abertamente em (2)) sob uma representação de ordem superior. Como argumenta Wilson (2000/2012, p. 243), “todas as variedades de metarrepresentação — pública, mental e abstrata — podem ser analisadas em termos de uma noção de *representação por semelhança*”⁵ (*grifos do autor*). A semelhança, por sua vez, apresenta duas variedades: a metalinguística, que “aumenta a saliência de propriedades formais ou linguísticas”⁶, e a interpretativa, que “aumenta a saliência de propriedades semânticas ou lógicas”⁷ (Wilson, 2000/2012, p. 244). Assim, o uso interpretativo é uma subvariedade dos usos metarrepresentacionais da linguagem, e a semelhança interpretativa é um tipo de relação que pode existir entre um enunciado e uma suposição fonte que ele visa representar.

Vale notar que, embora um enunciado possa ser usado para metarrepresentar outro enunciado com base numa combinação de semelhança metalinguística e interpretativa, um enunciado que pretende ser relevante como uma metarrepresentação de um pensamento só pode contar com a semelhança de conteúdo, já que pensamentos não possuem propriedades

⁵ Do original: “all varieties of metarepresentation, public, mental and abstract, can be analysed in terms of a notion of *representation by resemblance*”.

⁶ Do original: “increases the salience of formal or linguistic properties”.

⁷ Do original: “increases the salience of semantic or logical properties”.





linguísticas. Avaliar o grau de semelhança nesse caso está longe de ser simples — o falante de (1) ou (2) pode nunca ter ouvido Eric expressar sua opinião diretamente sobre *smartphones*. Neste caso, a opinião que lhe foi atribuída pode ter sido inferida com base em seu comportamento observável, por exemplo, uma expressão facial de reprovação que Kate notava sempre que seu próprio filho brincava com algum dispositivo eletrônico.

Um enunciado usado para metarrepresentar outro enunciado pode compartilhar com ele pelo menos algumas propriedades linguísticas. Tendo lido um artigo de jornal intitulado “*Tablets and smartphones may affect social and emotional development, scientists speculate*”⁸, o falante pode produzir um relato indireto de seu conteúdo, dizendo (3):

(3) (O jornal *The Guardian* afirma) que brincar com *smartphones* não faz bem às crianças.

com o objetivo de dissuadir uma amiga de manter seu filho pequeno ocupado brincando com um *smartphone*. No entanto, como ocorre com todos os relatos indiretos, os falantes não buscam tornar seus enunciados relevantes garantindo uma grande semelhança com a formulação original: eles frequentemente usam frases que manifestamente não poderiam ter sido usadas no enunciado fonte, como por exemplo, *não faz bem* para referir-se ao título de uma reportagem. A semelhança interpretativa, portanto, não requer qualquer similaridade linguística na superfície verbal entre uma representação fonte e sua metarrepresentação, e não é necessariamente maior quando tal similaridade existe. Em vez disso, ela pode ser definida em termos de propriedades lógicas compartilhadas entre formas proposicionais (Sperber e

⁸ N.T: Matéria do jornal *The Guardian* citada no manuscrito original inglês: “*Cientistas especulam que tablets e smartphones podem afetar o desenvolvimento social e emocional*” (tradução do original em inglês). Disponível em: <https://www.theguardian.com/technology/2015/feb/01/toddler-brains-research-smartphones-damage-social-development>. Acesso em: 16 out. 2025.





Wilson, 1986/1995, p. 233). Wilson (2000/2012, p. 244) elabora a definição da seguinte forma:

A semelhança interpretativa é uma semelhança de conteúdo: isto é, o compartilhamento de implicações. Duas representações assemelham-se uma à outra (num contexto) na medida em que compartilham implicações lógicas e contextuais. Quanto mais implicações elas tiverem em comum, mais se assemelham entre si⁹.

Tomando a “presunção de relevância ótima”¹⁰ (Sperber e Wilson, 1986/1995, p. 270) em consideração, segue-se que os falantes que produzem enunciados intencionados como metarrepresentações visam expressar-se de maneira a transmitir as implicações desejadas da suposição fonte sem incorrer em esforço de processamento desnecessário. Para este fim, eles podem divergir da formulação original, parafraseando a mensagem, alterando o registro ou usando expressões que aumentam o acesso ao contexto pretendido. A falante de (3) pode estar usando a expressão coloquial *não faz bem* porque a considera mais fácil de processar do que *afetam o desenvolvimento social e emocional* e também porque facilita o acesso a suposições sobre comportamentos prejudiciais e suas consequências negativas, concedendo, assim, acesso à implicação pretendida de forma bastante eficaz.

Do ponto de vista da otimização da relevância através dos atos de se elicitar as implicações pretendidas e de economizar custos de processamento, nos casos em que há uma única implicação claramente pretendida, a estratégia mais eficaz pode ser comunicá-la explicitamente, por exemplo, proferindo (4) em vez de (3):

⁹ Do original: “Interpretive resemblance is resemblance in content: that is, sharing of implications. Two representations resemble each other (in a context) to the extent that they share logical and contextual implications. The more implications they have in common, the more they resemble each other”.

¹⁰ Do original: “presumption of optimal relevance”.





(4) (O jornal *The Guardian* afirma) que não se deve acalmar crianças pequenas dando-lhes dispositivos eletrônicos para brincar.

De fato, essa estratégia é frequentemente adotada quando os falantes receiam que seus interlocutores possam não conseguir chegar às implicações pretendidas por si mesmos. Isso há muito é reconhecido nos estudos da tradução, uma vez que, na comunicação interlinguística, pode ser notoriamente difícil para o público da língua-alvo processar um texto no contexto originalmente previsto pelo autor e derivar as inferências pretendidas. As vantagens e desvantagens dessa estratégia, referida como *explicitação* (Vinay e Darbelnet, 1995) ou *tradução indireta* (Gutt, 2000), são bem conhecidas¹¹. Basta dizer que, na comunicação monolíngue e face a face, os falantes que optam por explicitar uma implicação normalmente aumentam sua determinabilidade e força, o que, por um lado, reduz o risco de o ouvinte não compreender a mensagem, mas, por outro, priva o falante dos benefícios da comunicação implícita ou fraca (ver Sperber; Wilson, 1986, 2008; Jodłowiec, 2012; 2015). Adicionalmente, isso pode criar a impressão de que o falante está tratando o ouvinte de forma paternalista.

Em busca da relevância alcançada por meio da semelhança interpretativa, os falantes podem optar pela direção oposta, como observado por Wilson (2000/2012, p. 231, 243, *exemplos 3 e 11, aqui citados como 5 e 6, respectivamente*): quando Maria critica Pedro por não estar se esforçando o suficiente, ela pode produzir um dos seguintes enunciados:

(5) **Você está negligenciando seu trabalho.**

(6) **Você passa tempo demais no teatro.**

¹¹ O nome da estratégia “tradução indireta” (*indirect translation*, do inglês) foi introduzido por analogia ao *relato indireto*, como explica Gutt (2000, p. 136).





Supondo que (5) corresponda de perto ao conteúdo proposicional da opinião que Maria (ou outra pessoa) tem sobre Pedro, e (6) seja o que ela escolhe dizer, seu enunciado “apenas implica contextualmente ou implica que Pedro está negligenciando seu trabalho”¹² (Wilson, 2000/2012, p. 243). Evidentemente, portanto, em algumas ocasiões, os falantes produzirão enunciados que expressam não implicações, como em (4), mas, inversamente, implicam representações às quais se pretende uma semelhança interpretativa, esperando que os ouvintes derivem as implicações pretendidas por si mesmos. Neste caso, os falantes podem aumentar um pouco o risco de o ouvinte não compreender o significado pretendido pelo falante (afinal, Pedro poderia pensar que Maria objeta principalmente ao fato de ele gastar dinheiro indo ao teatro, em vez de à sua atitude em relação ao trabalho), mas, ao mesmo tempo, exploram os benefícios da comunicação implícita, como transmitir uma gama mais ampla de suposições mais fracas.

As habilidades metarrepresentacionais em geral¹³ e a capacidade de explorar a semelhança interpretativa em particular são empregadas em todo ato de comunicação humana. Sperber (2000a, p. 121) observa que

[os] falantes, ao produzirem um enunciado, e os ouvintes, ao interpretá-lo, representam mentalmente esse enunciado como um portador de conteúdo especificado, ou seja, eles o metarrepresentam¹⁴.

Nesse sentido, o autor argumenta também a favor de duas teses relacionadas: que as habilidades metarrepresentacionais são um pré-requisito para a comunicação ostensivo-inferencial e que elas apareceram na evolução humana antes do desenvolvimento da comunicação linguística. Aceitar essas

¹² Do original: “merely contextually implies or implicates that Peter is neglecting his job”.

¹³ Na Teoria da Relevância, a noção de metarrepresentação tem sido aplicada a uma variedade de fenômenos, por exemplo, *relatos indiretos*, *perguntas ecóicas*, *negação metalinguística* (Noh, 2000), *enunciados fáticos* (Padilla Cruz, 2007a), incluindo a *ironia fática* (Padilla Cruz, 2007b) e *queixas indiretas* (Padilla Cruz, 2010). Uma perspectiva mais ampla e multidisciplinar sobre a metarrepresentação é oferecida por Sperber (2000b).

¹⁴ Do original: “Speakers, in intending an utterance and hearers, in interpreting an utterance mentally represent it as a bearer of specified content, that is, they metarepresent it”.





teses leva à conclusão de que os seres humanos são muito versados em formar metarrepresentações e explorar relações de semelhança entre representações de diferentes tipos — públicas, mentais ou abstratas. Ao fazer isso, eles levam em conta as intenções do detentor/usuário dessas representações, o que requer encontrar um contexto no qual as representações se assemelham, o que também pode exigir subir ou descer em uma cadeia de inferências explorando implicações ou suposições que impliquem uma representação. Esta última observação terá repercussão na análise da ironia absurda apresentada na seção 5.

3. PROPRIEDADES DA IRONIA

Nesta seção, apresento a abordagem ecóica da ironia de Sperber e Wilson (1978; 1981) e exploro as propriedades das proposições empregadas em enunciados irônicos. Em seguida, discuto estudos experimentais selecionados que testam o papel do eco e da inadequação na compreensão da ironia. Seguindo Wilson (2006), saliento que as características da ironia podem se manifestar em diferentes graus, tornando-a um contínuo em vez de uma classe natural, com alguns casos indeterminados em suas fronteiras.

Sperber e Wilson (1978; 1981) foram pioneiros na defesa de uma abordagem alusional da ironia, que originalmente apresentaram em 1978 (a versão em inglês foi publicada em 1981) como uma abordagem da menção ecóica. Posteriormente, como os autores abandonaram a apelação a uma *distinção entre uso e menção* em favor da distinção mais geral entre *uso descritivo e interpretativo* discutida acima, a abordagem da TR para a ironia passou a ser referida como a abordagem ecóica. Alimentando-se de uma alusão a outra representação, como um enunciado ou pensamento, a ironia explora a dimensão interpretativa do uso da linguagem e, portanto, envolve metarrepresentação. Humanos com um grau menores de sofisticação mental ou comunicativa, ou comunicadores *ingenuamente otimistas* (Sperber, 1994),





incluindo crianças de até aproximadamente seis anos¹⁵, podem não ser capazes de atingir o nível de complexidade metarrepresentacional necessário para compreender e produzir ironia.

Além de sua natureza ecóica, a ironia também é caracterizada por uma atitude de dissociação (crítica, zombeteira, hostil, depreciativa, etc.) expressa em relação a uma suposição ecoada. É essencial que a suposição seja atribuída a alguém, como um indivíduo específico ou às pessoas em geral, pois, como esclarece Sperber (1984, p. 131),

O absurdo das proposições *per se* é irrelevante. O absurdo, ou mesmo a mera inadequação, de pensamentos humanos, por outro lado, torna-se um elemento que muitas vezes vale a pena ser comentado, ridicularizado, ou sobre o qual se produza ironia¹⁶.

Esta propriedade da ironia é o que explica os tons críticos frequentemente presentes (Garmendia, 2010). Tais tons podem ser fortes se a ironia for direcionada a um indivíduo ou grupo específico que violou uma norma, mas são bastante fracos se a suposição ecoada for meramente uma expectativa atribuída às pessoas em geral, como a de que o tempo deveria estar bom. A atitude crítica pode, de fato, ser tratada como um subtipo da atitude geral dissociativo-irônica, que abrange vários matizes da postura do falante em relação à suposição aludida. A gama de atitudes dissociativas, por sua vez, funde-se suavemente com outras atitudes (Wilson, 2006). Argumentavelmente, em algumas ocasiões, os falantes podem até estar expressando uma mistura de atitudes contraditórias, como admiração e zombaria em *Você é certamente um especialista*, que pode ser usado como uma expressão que elogia a expertise do interlocutor e zomba de sua arrogância ao mesmo tempo.

¹⁵ Para mais informações, consulte Wilson (2013) e as referências nele contidas para uma perspectiva do desenvolvimento sobre a ironia.

¹⁶ Do original: "Absurdity of propositions *per se* is irrelevant. The absurdity, or even the mere inappropriateness, of human thoughts, on the other hand, is often worth remarking on, making fun of, being ironic about".





Assim como a dissociação do falante pode variar em força e tipo, o caráter ecóico do enunciado também pode ser mais ou menos determinado. Quando o enunciado

(7) Todo ser humano tem direito a sol num feriado bancário.

é dito em um feriado frustrantemente frio e chuvoso, em resposta a reclamações sobre o clima, pode não ser óbvio se o falante está meramente tentando ser divertido, enunciando uma proposição absurda de que os direitos humanos incluem um direito ao sol, ou se está ecoando e ridicularizando a esperança ou expectativa de alguém por um bom tempo nessas ocasiões. A indeterminação pode permanecer sem resolução durante o processamento de (7), que pode, não obstante, ser relevante para o ouvinte ao comunicar uma série de implicaturas. Isso também pode fazer parte da constituição mental do falante — afinal, os falantes podem pretender comunicar algumas suposições sem especificamente visar ser irônicos (Gibbs, 2012).

Muitas ironias são veiculadas por enunciados flagrantemente falsos, que podem ser vistos como manifestações fortes e determinadas de inadequação. Em sua breve discussão sobre a ironia, Grice analisa exemplos desse tipo — dizer “X é um grande amigo” sobre alguém que não é (Grice, 1975; 1978). Wilson e Sperber (1992, 2012) argumentaram consistentemente que, além da falsidade flagrante, interpretações irônicas também podem surgir do uso de uma hipérbole, meiose ou outros tipos de enunciados de inadequação ridicularizadora, manifestamente, mas por vezes de forma bastante sutil, direcionando a atenção do ouvinte para uma discrepância entre a proposição expressa e a maneira como as coisas realmente são. O falante pode, por exemplo, citar um verso conhecido de um poema para expressar dissociação das implicações que essa citação poderia transmitir quando usada de forma descritiva, como quando uma pessoa diz “Ó, estar na Inglaterra / Agora que





abril é lá”¹⁷ em um dia chuvoso de primavera (exemplo discutido em Wilson e Sperber, 1992/2007, p. 37)¹⁸. Outros estudos enraizados na tradição psicolinguística também reconhecem que os enunciados irônicos envolvem mais tipos de insinceridade do que a falsidade flagrante (Gibbs, 1986; Kumon-Nakamura *et al.*, 1995), embora alguns deles contrastem ironia e hipérbole (p. ex., Colston; O’Brien, 2000).

Das três características essenciais da ironia discutidas acima — isto é, eco, inadequação ridicularizadora manifesta e atitude de dissociação — as duas primeiras são características da proposição expressa por um enunciado, enquanto a atitude pode ser pensada como uma propriedade enxertada sobre a proposição¹⁹. As duas características-chave da proposição foram testadas experimentalmente como condições para a compreensão da ironia. Especificamente concebido como um teste da teoria ecóica, o estudo de Jorgensen *et al.* (1984) demonstrou que o falante não afirma a proposição expressa literalmente por um enunciado irônico (a condição de inadequação) e que “o conteúdo proposicional do enunciado corresponde, pelo menos em parte, ao de algum enunciado, pensamento, intenção, expectativa ou norma identificável que ele pode ser considerado ecoar”²⁰ (Jorgensen *et al.*, 1984, p. 116) (a condição do eco). Kumon-Nakamura *et al.* (1995) propuseram e testaram condições similares para a compreensão da ironia, mais precisamente a *insinceridade pragmática* observada no nível da força ilocucionária (cf. Haverkate, 1990) e a *alusão a expectativas violadas*, que pode se manifestar evocando expectativas reais, elicitadas ou imaginadas. Estas também foram empiricamente confirmadas por Colston (2000/2007), que reformulou a primeira como uma condição mais abrangente de “violação de uma máxima griceana”²¹ (Colston, 2000/2007, p. 119).

¹⁷ Do original: “Oh to be in England/Now that April’s there”.

¹⁸ Citação do poema *Home Thoughts From Abroad* (Lembranças Longe da Pátria) de Robert Browning e tradução de Grünewald (1988).

¹⁹ Em termos da Teoria da Relevância, a atitude de dissociação está incorporada na explicatura de nível superior (Wilson; Sperber, 1993).

²⁰ Do original: “the propositional content of the utterance matches at least in part that of some identifiable utterance, thought, intention, expectation or norm which it can be taken to echo”.

²¹ Do original: “flouting a Gricean maxim”.





Apesar das diferenças terminológicas e metodológicas entre os três estudos, as condições para a compreensão da ironia que eles verificaram parecem coincidir em grande medida: a condição de *alusão a expectativas violadas* inclui a condição do *eco* e, ao mesmo tempo, implica a atitude de desapontamento/dissociação pela referência explícita a expectativas *violadas*. A condição de *violação de uma máxima griceana* é virtualmente idêntica à *inadequação ridicularizadora manifesta*, uma vez que, em um nível puramente descritivo, para um enunciado ser inadequado significa ser falso, super ou subinformado, flagrantemente irrelevante, estilisticamente estranho, etc.

À luz dos resultados experimentais apresentados, parece legítimo tratar o *eco* e a inadequação como propriedades estáveis, empiricamente verificadas e psicologicamente reais da ironia. No entanto, alguns pesquisadores, apesar de reconhecerem o caráter alusional de pelo menos alguns enunciados irônicos, recorrem à postulação de mecanismos alternativos, como o fingimento (p. ex., Kumon-Nakamura *et al.*, 1995; Colston, 2000) ou o *surrealismo* (Kapogianni, 2011), para dar conta de ironias cujo caráter ecóico não é imediatamente aparente. Uma vez que, como foi observado, a ironia envolve um contínuo de casos, em alguns dos exemplos menos centrais, uma das propriedades-chave pode ser fracamente saliente, mas ainda assim desempenhar um papel na recuperação da interpretação irônica. Se for esse o caso, um apelo a esses mecanismos alternativos pode não ser necessário.

4. O RECONHECIMENTO DA IRONIA – ECO E INADEQUAÇÃO EXPRESSA NA PROPOSIÇÃO

Após refletir sobre a validade empírica das condições para a compreensão da ironia, gostaria de abordar a questão de como o caráter ecóico e a inadequação ridicularizadora da proposição expressa são explorados no processo de ajuste paralelo e mútuo, bem como a relação destes com as capacidades cognitivas fundamentais discutidas na seção 2 — ou seja, com a





exploração da semelhança interpretativa e a construção de metarrepresentações.

A questão do papel do eco e da inadequação no processamento da ironia parece ser particularmente interessante à luz da controvérsia sobre o status da proposição expressa frequentemente denominada *significado literal*. De acordo com a perspectiva do *acesso direto* (Gibbs, 1986, 2002; Gibbs *et al.*, 1995), interpretações irônicas surgem sem a etapa intermediária de construir e rejeitar o significado literal. Por outro lado, na *perspectiva da saliência gradual* (Giora, 1997; 1999; 2003), os significados literais são construídos e permanecem ativos na memória, mesmo quando as interpretações irônicas pretendidas são alcançadas. Se a perspectiva do acesso direto fosse assumida em sua forma mais extrema — que o significado literal é completamente ignorado — seria difícil explicar como as propriedades da proposição expressa, ou seja, o eco e a inadequação, atuam no processo de compreensão. Por outro lado, se a perspectiva da saliência gradual fosse interpretada como implicando que a compreensão da ironia é alcançada através da consideração e rejeição de uma interpretação literal errônea, seria necessário postular um mecanismo de processamento único para a ironia e, possivelmente, outros usos metarrepresentacionais-interpretativos, distinto do mecanismo empregado para processar usos descritivos.

É necessária uma breve explicação sobre como a TR concebe o processo de compreensão inferencial que ocorre na mente do ouvinte em tempo real. De acordo com a concepção mais aceita, o significado comunicado por um enunciado é derivado por um módulo mental especializado no processo de “ajuste mútuo do conteúdo explícito e implícito do enunciado”²² (Sperber; Wilson, 1998b/2012, p. 43). Isso significa que a explicatura e as implicaturas alimentam-se mutuamente, ou, como Clark (2013, p. 145) afirma, “hipóteses sobre cada um desses elementos são trabalhadas em paralelo e

²² Do original: “mutual adjustment of the explicit and implicit content of the utterance”.





sujeitas a ajustes constantes”²³. Para ilustrar, usarei um exemplo discutido por Sperber e Wilson (1998b/2012, p. 41–42): Maria diz a Pedro: *Estou cansada*, quando eles estão visitando um museu. Pedro pode primeiro acessar a premissa implicada de que quando as pessoas estão cansadas em um museu, elas querem voltar para o hotel e relaxar. Somente após acessar essa premissa ele pode refinar o significado codificado de *cansada* para o conceito *ad hoc* CANSADA*, correspondente ao tipo de cansaço que ele acredita que Maria realmente sente. Neste percurso interpretativo, um elemento do significado implicado afeta a recuperação da explicatura, da qual o conceito *ad hoc* CANSADA* é um constituinte. Quando o significado de CANSADA* é estabelecido, ele pode ativar ainda outra premissa implicada, por exemplo, *Se Maria está CANSADA**, ela quer ir para o hotel imediatamente, o que, por sua vez, leva à construção de uma conclusão implicada: *Maria quer voltar para o hotel imediatamente*.

Quando consideramos o funcionamento do módulo de compreensão internamente, como fizemos acima, observamos que os processos inferenciais (construção de conceitos *ad hoc*, ativação de premissas implicadas, derivação de conclusões implicadas, etc.) são ordenados, sendo que alguns deles são realizados mais de uma vez, após receber *input* de outros processos. Dessa forma, várias fases interpretativas intermediárias podem ser discernidas, sobre as quais podemos especular mais precisamente. Mas como a operação do módulo de compreensão não é acessível à introspecção, esses estágios intermediários nunca surgem na mente do ouvinte, na qual apenas o produto final da operação do módulo surge como a interpretação consistente com as expectativas de relevância do ouvinte.

O ajuste paralelo e mútuo tem, assim, uma natureza dual. Por um lado, ele exhibe considerável complexidade interna, envolvendo uma série de etapas inferenciais e hipóteses interpretativas. Por outro lado, quando visto de uma perspectiva externa, ele produz uma única interpretação consistente com

²³ Do original: “hypotheses about each of these are worked out in parallel and subject to constant adjustment”.





o princípio comunicativo da relevância (Sperber; Wilson, 1986/1995, p. 260–261). Retomando as duas visões opostas sobre o processamento da ironia, a dualidade do ajuste paralelo é talvez o que as reconcilia: a perspectiva do acesso direto capta o fato de que há um produto final único do processamento inferencial, sem quaisquer interpretações intermediárias que o ouvinte tenha que rejeitar; e a perspectiva da saliência graduada aborda o fato de que, entre as hipóteses interpretativas criadas durante o ajuste mútuo, algumas delas envolvem os significados codificados das palavras e a proposição expressa literalmente. Esta explicação alinha-se bem com uma declaração recente dos proponentes da perspectiva da saliência graduada (Fein *et al.*, 2015), segundo os quais os resultados experimentais que demonstram que os significados literais não são apenas construídos, mas também retidos na memória do ouvinte são “consistentes com a abordagem teórica da relevância [...] onde ativar e reter ‘o que é dito’ é essencial para a projeção de uma atitude dissociativa em relação a este ‘dito’”²⁴ (Fein *et al.*, 2015, p. 26).

Plenamente ciente de que exigiria muito mais espaço para discutir a (in)compatibilidade entre as duas perspectivas e explicar as diferenças reais em seus respectivos resultados experimentais²⁵, adotarei a postura dualista esboçada acima, aceitando que em algum momento durante o processo de compreensão a proposição *literal* é construída como *input* para processos inferenciais posteriores, os quais dependem crucialmente do reconhecimento dessa proposição como *ecóica* e *ridicularizadamente inadequada*. Deve-se enfatizar que isso não equivale, de forma alguma, a endossar a visão de processamento em dois estágios da ironia, frequentemente atribuída a Grice, segundo a qual a ironia é invariavelmente obtida por meio de um retrocesso à primeira interpretação, literal e não intencionada. Parece que a visão de dois estágios requer que a interpretação literal seja primeiro considerada como uma

²⁴ Do original: “consistent with the relevance theoretic account [...] where activating and retaining ‘what is said’ is essential for the projection of a dissociating attitude toward it”.

²⁵ Uma explicação interessante para pelo menos parte dessas diferenças é oferecida por Bromberek-Dyzman (2010), que estabeleceu que os tempos de processamento de enunciados irônicos e não irônicos são afetados por sua valência (significado positivo ou negativo) em relação ao contexto.





asserção e, após a percepção do ouvinte de que ela não foi intencionada como tal, ocorra uma mudança da atitude proposicional de crença para a de dissociação. De acordo com natureza dual da noção do ajuste paralelo e mútuo esboçada acima, sustento que, desde que o ouvinte consiga compreender o significado irônico do falante por meio de um processamento espontâneo, a proposição literal é desenvolvida apenas para acionar um percurso de processamento metarrepresentacional e, em seguida, é imediatamente incorporada sob a atitude irônica para, subsequentemente, passar por outros processos inferenciais, produzindo conjuntamente a interpretação pretendida pelo falante como resultado.

Como, então, as duas características da proposição usadas para transmitir uma intenção irônica estão ligadas à semelhança interpretativa e à metarrepresentação? Um enunciado é reconhecido como potencialmente ecóico quando sua semelhança interpretativa com alguma outra suposição é identificada. Tal enunciado é metarrepresentado e processado como um enunciado sobre outro enunciado ou pensamento²⁶. Às vezes, a suposição fonte é facilmente acessível, como quando o interlocutor irônico está ecoando um enunciado produzido recentemente no contexto relacionado à situação atual. Isso pode ser ilustrado por um dos exemplos do estudo de Jorgensen *et al.* (1984) — Joe, que recebeu uma pista enganosa da localização da residência dos Clark, onde uma festa estava ocorrendo, e a qual supostamente identificava a casa como sendo aquela “*com uma grande árvore de bordo*²⁷ no jardim da frente, descobriu que a casa não tinha jardim algum. Mais tarde, ele comentou (Jorgensen *et al.*, 1984, p. 117):

(8) “Os Clarks têm um jardim lindo”.

²⁶ Os enunciados ecóicos constituem uma subvariedade dos usos interpretativos atributivos. O que distingue os enunciados ecóicos de outros usos atributivos, como os relatos indiretos, é o fato de que eles comunicam não apenas um pensamento relacionado a outra representação, mas também a atitude do falante em relação a ela (Sperber; Wilson, 1986/1995, p. 238).

²⁷ N.T.: *maple tree*, do inglês.





para Irma — a pessoa que o havia mal-informado. Aqui, o enunciado aludido é altamente saliente para Irma, que, afinal, o produziu ela mesma pouco antes de Joe fazer seu comentário irônico. Por causa disso, torna-se imediatamente aparente para ela que (8) pretende alcançar a relevância por meio de sua semelhança interpretativa com seu enunciado anterior. Conforme discutido na seção 2, a semelhança deve-se a implicações compartilhadas, das quais a principal parece ser *A casa dos Clarks tem um jardim* — possivelmente a representação fonte real que Joe está atribuindo a Irma e ridicularizando ao mesmo tempo. Considere também que Irma acreditava que a casa realmente tinha um jardim com um bordo, portanto, o enunciado irônico de Joe pode não ter necessariamente soado para ela como insincero ou ridicularizadamente inadequado. Dessa forma, o reconhecimento da semelhança interpretativa com outra representação atuou como o sinal mais proeminente para a ironia. A suposição da qual o ironista se dissociou foi encontrada entre as implicações compartilhadas do enunciado irônico e do enunciado aludido, sendo a suposição que torna o enunciado falso — a de que a casa não tem um jardim — derivada como uma implicatura em um estágio posterior do processamento.

Diferentemente de Irma, a destinatária imaginária do enunciado (8), os participantes do experimento de Jorgensen *et al.* sabiam que não havia jardim na história. Para eles, a falsidade da proposição expressa literalmente por (8), adicionalmente ressaltada pelo adjetivo *lindo*, era tão saliente quanto sua natureza ecóica. Ambas as características-chave da ironia foram, assim, reconhecidas instantaneamente e impactaram o processamento de (8). Em muitas ocasiões, porém, os diferentes tipos de inadequação contextual podem ser muito mais salientes do que a natureza alusiva de um enunciado. Por exemplo, quando Eric descobre que Kate está com uma forte cólica intestinal e liga para ela para perguntar como ela está, ela responde:

(9) Nunca me senti tão bem na minha vida toda.





Há uma discrepância flagrante entre a proposição expressa por (9) e a crença de Eric de que pessoas com cólica intestinal se sentem terrivelmente mal. Nenhuma suposição pode então parecer prontamente disponível para ser ecoada — Eric certamente não pensou que Kate se sentiria esplêndida ou mesmo bem. Mas a inadequação ridicularizadora manifesta no enunciado impulsiona o percurso metarrepresentacional do processamento, no qual o ouvinte é convidado a buscar no contexto uma suposição que está sendo ecoada. Neste caso, é uma expectativa baseada na norma de que as pessoas deveriam se sentir bem. Como observam Wilson e Sperber (2012, p. 142):

As normas, no sentido de ideias socialmente compartilhadas sobre como as coisas deveriam ser, estão sempre disponíveis para serem ironicamente ecoadas quando não são satisfeitas. As pessoas deveriam ser educadas, inteligentes, bonitas; as ações deveriam atingir seu objetivo; o tempo deveria estar bom; os preços deveriam ser baixos; e assim por diante²⁸.

Com base nessa norma, Eric pode inferir que Kate atribui a ele a expectativa de que ela deveria se sentir bem e está sendo sarcástica sobre sua esperança frustrada. Alternativamente, ou até mesmo simultaneamente, ela pode estar ridicularizando outra norma social, segundo a qual as pessoas devem sempre dizer que estão bem, independentemente de como realmente se sentem. Como no exemplo de Joe e Irma, então, o falante está atribuindo ao ouvinte uma implicação de seu enunciado — a de que ela se sente bem, ou que deveria dizê-lo — , mas, diferentemente do outro exemplo, o reconhecimento da ironia depende mais do enunciado ser ridicularizadamente inadequado, com a suposição ecoada sendo construída e a semelhança interpretativa sendo explorada numa fase posterior do processamento inferencial.

Como seria de se esperar, considerando que a ironia não é uma classe natural, mas funde-se com outros tipos de usos atributivos, ambas as propriedades-chave dos enunciados irônicos e condições necessárias para sua

²⁸ Do original: “Norms, in the sense of socially shared ideas about how things should be, are always available to be ironically echoed when they are not satisfied. People should be polite, smart, handsome, actions should achieve their goal, the weather should be good, the prices should be low, and so on”.





compreensão — o eco e a inadequação ridicularizadamente — podem estar presentes em diferentes graus. Em instâncias centrais da ironia verbal, ambas são altamente salientes. Este é o caso quando o enunciado irônico é claramente falso ou de outra forma inadequado no contexto e, ao mesmo tempo, evoca imediatamente uma alusão a uma representação facilmente acessível, como um enunciado recentemente proferido, uma opinião ou norma social generalizada, uma expectativa comum ou uma suposição altamente manifesta no ambiente cognitivo mútuo do falante e do ouvinte.

Em alguns enunciados irônicos, no entanto, uma dessas propriedades pode desempenhar um papel mais proeminente do que a outra no reconhecimento inicial da intenção irônica do falante pelo ouvinte. Se o eco for altamente saliente desde o início, ele pode direcionar o processamento para estabelecer como a proposição expressa é discrepante da realidade; se for a inadequação que se torna imediatamente aparente, ela pode estimular a busca por uma suposição que o falante possa estar ecoando. Como foi demonstrado, isso envolve examinar o contexto, explorar implicações contextuais ou implicaturas do enunciado e construir uma suposição que o ironista poderia legitimamente estar atribuindo a uma fonte.

5. O TRATAMENTO ECÓICO DAS IRONIAS ABSURDAS

Uma vez reconhecido que vários enunciados irônicos dependem dos efeitos ecóicos e da inadequação em graus variados e que essas propriedades podem emergir em diferentes pontos do processo de ajuste paralelo e mútuo, é natural esperar que algumas ironias explorem uma dessas características-chave ao máximo. Esse é o caso das ironias absurdas, exemplificadas no modelo a seguir, como discutido em Wilson (2000/2012, p. 251):

(10) a. Príncipe Charles: Olá, eu sou o Príncipe Charles

(10) b. Operadora de telefone: E eu a Rainha de Sabá.





O absurdo de (10b) expressando a dissociação da operadora em relação à suposição de que quem ligou teria sido Príncipe Charles é um sinal altamente saliente para a ironia. Isso não é surpreendente à luz das descobertas de Colston e O'Brien (2000), que comprovaram que enunciados claramente falsos são mais eficazes em transmitir significados irônicos do que hipérbolos. Disso, se pode concluir que quanto mais absurdo for um enunciado, mais fácil é reconhecê-lo como irônico. Por outro lado, pode não ser óbvio de que maneira as ironias absurdas exploram a semelhança interpretativa, uma vez que o enunciado (10b) não parece se assemelhar a uma representação que poderia ser plausivelmente atribuída a qualquer pessoa. Kapogianni (2011) discute uma série de exemplos semelhantes, denominados *ironias surrealistas*, as quais ela classifica como parte de um subtipo não ecóico de ironia. Em um dos exemplos de Kapogianni (2011), ocorre o seguinte diálogo entre um candidato a emprego azarado e um entrevistador:

(11) a. Entrevistador de emprego: Apresente-se, por favor.

(11) b. Candidato: O senhor quer que eu me apresente?

(11) c. Entrevistador de emprego: Não, você deveria cantar uma ária de *As Bodas de Fígaro* (Kapogianni, 2011, p. 57).

Outro exemplo de ironia absurda a ser considerado aqui vem de uma conversa autêntica:

(12) a. S: Quer fazer uma pausa comigo?

(12) b. J: (com um sorriso caloroso) Ursos cagam na floresta?²⁹

²⁹ Nota da autora: Agradeço a Signe Rix Berthelin (Professora do Departamento de Formação de Professores da Universidade Norueguesa de Ciência e Tecnologia) por compartilhar este exemplo comigo. A conversa foi originalmente conduzida em norueguês, no qual (12b) é uma expressão coloquial convencionalizada usada para destacar o absurdo de uma pergunta anterior.





As ironias absurdas não receberam um tratamento sistemático dentro da TR até agora, exceto por uma breve análise oferecida por Wilson (2000/2012). Em sua explicação, para a qual ela também credita Dan Sperber, (10b) assemelha-se a (10a), com a qual compartilha “uma propriedade bastante abstrata de ser obviamente falsa ou absurda”³⁰ (2000/2012, p. 251). O enunciado (10b) seria, então, um caso de ironia paródica, explorando a semelhança metalinguística, por meio da qual o falante ecoa e ridiculariza o ato de fala de afirmar (10a) e dela se dissocia e/ou de algumas de suas implicações³¹. Gostaria de argumentar que a interpretação de ironias absurdas como (10b), (11c) e (12b) envolve não apenas a semelhança metalinguística, conforme desenvolvido por Wilson (2000/2012), mas também a semelhança interpretativa, e que tais ironias podem, portanto, ser agrupadas sob uma abordagem plenamente ecóica. Deve-se notar que absurdos como (10b), (11c) e (12b) podem ser considerados ironias apenas quando aparecem como o segundo turno em um par pergunta-resposta, afirmação-comentário ou pergunta-pergunta. Isto fornece um forte suporte para a afirmação de que a semelhança é crucial e de que a representação fonte é o primeiro enunciado do par (ou alguns de seus aspectos e/ou implicações) — se a ironia surrealista envolvesse apenas contrafactualidade, por que o primeiro turno seria necessário?

A observação de que o primeiro enunciado do par elicit a suposição fonte à qual a semelhança é explorada justifica tanto a análise da semelhança metalinguística de Wilson (2000/2012) quanto minha própria proposta, formulada em termos de semelhança interpretativa. Uma explicação de como esse tipo de ironia explora a última é consistente com as observações apresentadas na seção 4: o absurdo do comentário estimula o módulo de compreensão a processá-lo como uma metarrepresentação e a derivar dele

³⁰ Do original: “a rather abstract property of being obviously false or absurd”.

³¹ Outro exemplo de ironia paródica discutido por Wilson (2000/2012, p. 250–51) é “Nossos amigos estão sempre lá quando eles precisam de nós” (Do original: “*Our friends are always there when they need us*”), que explora a semelhança metalinguística com o ditado “Nossos amigos estão sempre lá quando nós precisamos deles” (Do original: “*Our friends are always there when we need them*”). O que este exemplo compartilha com (10b) é, possivelmente, o fato de ser direcionado tanto ao conteúdo de outro enunciado quanto ao ato de fala de afirmar o enunciado em questão.





suas implicações. Uma das mais fortes, e definitivamente a pretendida pelo falante, é a implicatura³²

(10) c. Não acredito que você seja o Príncipe Charles.

A suposição fonte para o eco poderia ser, então:

(10) d. Você quer que eu acredite que você é o Príncipe Charles,

a qual, como uma implicatura de (10a), pode ser atribuída ao Príncipe Charles e ridicularizada pela operadora de telefonia. Dessa forma, a semelhança interpretativa também é estabelecida no nível dos pensamentos, entre uma das implicaturas do enunciado irônico e uma suposição atribuída ao alvo.

A resposta notoriamente absurda (11c) pode, da mesma forma, ser tratada como envolvendo semelhança metalinguística com a pergunta anterior do entrevistado. No entanto, ao mesmo tempo, ela implica fortemente

(11) d. Um candidato (que sabe como se comportar numa entrevista) não deve fazer perguntas tolas/perder tempo.

O entrevistador também provavelmente atribuirá ao candidato alguns pensamentos, que caracterizariam uma pessoa incompetente e ingênua:

(11) e. Um candidato pode fazer perguntas retóricas inúteis/conversar com o entrevistador/ganhar tempo para pensar no que dizer, etc.

Se for esse o caso, uma implicatura ou algumas implicaturas comunicadas por (11c), como as apresentadas em (11d), guardam semelhança

³² Implicações são inferências às quais uma representação dá origem; implicaturas são aquelas intencionadas pelo falante (Sperber; Wilson, 2008). As implicaturas podem ser sustentadas pelo falante em diferentes graus, sendo que as mais fracas se fundem gradualmente em implicações.





interpretativa com pensamentos atribuídos ao entrevistado com base no fato de ele parecer incompetente em seu papel de candidato a um emprego. Novamente, então, as implicaturas do enunciado absurdo carregam o eco até uma suposição (ou suposições) fonte, que parece (ou parecem) um alvo plausível para o ridículo.

Perguntas retóricas como (12b) aparentemente fornecem uma estratégia conveniente para transmitir suposições absurdas (cf. também o exemplo de Kapogianni (2011, p. 36) “E para qual planeta você está pensando em se mudar, criança?”³³, proferido em resposta a um desejo irrealista de viver em uma sociedade justa), especialmente quando são usadas em resposta a enunciados interrogativos, como em (12a–b), caso em que a exploração da semelhança metalinguística é altamente proeminente. Para observar como a semelhança interpretativa é explorada, deve-se notar que o uso de uma pergunta retórica completamente desconectada do contexto da conversa (o que a torna absurda) pode ser entendido como implicando:

(12) c. Nem precisava perguntar. (12a).

o que, por sua vez, ecoa e zomba da suposição atribuída a S., de que ela considerava necessário perguntar a J. sobre fazer uma pausa juntos.

A análise dos exemplos (10–12) apresentada acima sugere que as ironias absurdas envolvem tanto a semelhança metalinguística, como observado por Wilson (2000/2012), quanto a semelhança interpretativa. O enunciado que precede imediatamente o irônico alimenta ambos os tipos de semelhança: ele é a suposição que o falante considera absurda e, ao mesmo tempo, a suposição no contexto da qual o segundo turno, o irônico, é processado. Neste contexto, o enunciado irônico absurdo dá origem a implicaturas que podem carregar o eco de uma representação atribuída ao *indivíduo-alvo*, ou seja, ao falante do

³³ Do original: “And to which planet are you thinking of moving, child?”.





primeiro enunciado. O fato de a semelhança depender das implicaturas de um enunciado, e não diretamente da proposição expressa, não é exclusivo da ironia absurda. Como foi indicado na seção 2, a interpretação de vários tipos de enunciados metarrepresentacionais envolve percorrer cadeias de inferências de cima a baixo, exigindo que os ouvintes detectem a semelhança entre representações em diferentes níveis. Pode-se, portanto, afirmar que, embora as ironias absurdas possam ser vistas como instâncias menos centrais de ironia (devido à saliência relativamente baixa do eco), elas não constituem, de forma alguma, uma exceção nem à abordagem ecóica da ironia, nem aos princípios gerais de exploração da semelhança na comunicação.

No que diz respeito à presença de semelhança metalinguística e interpretativa nas ironias absurdas, é isso que explica seu caráter misto, paródico-irônico. Em alguns casos, possivelmente naqueles que envolvem perguntas retóricas nas quais não apenas o absurdo, mas também a forma interrogativa é compartilhada entre a representação irônica e a fonte, a semelhança metalinguística pode desempenhar um papel decisivo no processamento, cabendo à semelhança interpretativa um papel apenas auxiliar. Em outros casos, a implicatura portadora do eco pode contribuir com uma pista vital no processo de construção de uma interpretação irônica.

6. A ESCOLHA DO FALANTE

As considerações sobre as diferentes combinações de eco e inadequação levantam uma questão sobre os efeitos de se escolher um enunciado com uma das propriedades dominante sobre a outra. Uma vez que a compreensão está orientada para otimizar a relevância, a resposta deve ser buscada principalmente em referência aos efeitos cognitivos positivos e ao esforço de processamento. Sob esta perspectiva, as vantagens de destacar o eco são bastante óbvias, pois, na ironia, o ouvinte obtém a maioria dos efeitos cognitivos positivos explorando a semelhança interpretativa. Além disso, aludir a uma representação de fácil acesso, como um enunciado recentemente





proferido, mantém o custo de processamento baixo, poupando o ouvinte da necessidade de elaborar numerosas inferências às quais o eco poderia se ajustar. Maximizar o absurdo, por outro lado, traz a inadequação para o primeiro plano, o que sinaliza eficientemente que o enunciado deve ser processado como metarrepresentacional, mas, ao mesmo tempo, limita severamente a possibilidade de explorar a semelhança interpretativa. Isto se deve ao fato de que uma pessoa tem poucas, ou nenhuma, opiniões absurdas do tipo *a telefonista de plantão é a Rainha de Sabá*. Tipicamente, então, o maior efeito do processamento de uma ironia absurda será o de que o falante está ridicularizando a adequação do turno conversacional anterior, questionando ao mesmo tempo a validade das suposições que podem ser inferidas dele.

Mesmo que o esforço em se destacar a inadequação tenha o custo de reduzir o papel da semelhança, este também pode oferecer ao falante a chance de alcançar alguns efeitos interpessoais (cf. Gibbs; Colston, 2001). Supor que a afirmação ou pergunta do indivíduo-alvo é absurdamente inapropriada normalmente distanciará os interlocutores, ao mesmo tempo que possivelmente proporcionará diversão e criará um vínculo com uma terceira parte. Mas o efeito de distanciamento não precisa ser intencional, como sugere o exemplo (12b). Embora ridicularize o turno precedente, ele aumenta o vínculo (*rapport*) entre os interlocutores porque o falante demonstra uma atitude positiva em relação à sua companheira e profere (12b) para aceitar sua oferta de fazer uma pausa.

As ironias absurdas frequentemente carregam também um efeito humorístico. Isto pode ser explicado pela natureza cômica inerente ao comentário absurdo e também pela incongruência que ele introduz. Kapogianni (2011, p. 65) afirma que “esta incongruência é muito diferente daquela que existe entre o contexto apropriado e o contexto real das ironias típicas de reversão de significado”³⁴, o que se alinha bem com a ideia que ela defende de que a ironia surrealista é uma categoria distinta de ironia. No

³⁴ Do original: “this incongruity is very different from the one that exists between the appropriate and the actual context of typical ironies of meaning reversal”.





entanto, tomando o absurdo como uma manifestação extrema da inadequação, como faço, eu descreveria a diferença entre as ironias típicas e absurdas como quantitativa. Nisso, sigo a afirmação de Norrick (2003) de que a comicidade e, ao mesmo tempo, a agressividade em relação ao falante sobre cujo enunciado o humorista está ironizando, correspondem ao grau em que um turno é disruptivo para o fluxo da conversa. Uma vez que a ironia absurda introduz um roteiro conversacional altamente incompatível com o tópico da conversa em andamento, seu impacto pode ser comparado ao dos trocadilhos, que normalmente provocam um “efeito agressivo e disruptivo”³⁵ (Norrick, 2003, p. 1340).

7. CONCLUSÕES

Este artigo examinou o papel da inadequação ridicularizadora e do eco — as duas propriedades empiricamente verificadas das proposições expressas por enunciados irônicos — na derivação de uma interpretação pretendida pelo falante. Com base na observação de que as duas propriedades-chave da ironia podem não ser igualmente salientes em vários enunciados irônicos, foi proposta a análise das ironias absurdas como casos de exploração máxima da inadequação com uma dependência um pouco menos proeminente do eco de um tipo misto, o qual envolve tanto a semelhança metalinguística quanto a interpretativa.

Para fornecer um pano de fundo para a discussão sobre eco e inadequação, revisei as noções de metarrepresentação e semelhança interpretativa. Como apontado por Wilson (2000/2012), a semelhança interpretativa, definida em termos de implicações compartilhadas, pode manter-se entre pensamentos e enunciados, e envolve também as implicações dessas representações, bem como representações das quais os pensamentos e enunciados em questão são elas próprias implicações. Esta observação me

³⁵ Do original: “aggressive and disruptive effect”.





levou a argumentar que, para avaliar como os enunciados irônicos exploram a semelhança interpretativa, é necessário levar em conta não apenas a proposição expressa pelo enunciado, mas também as suas implicações/implicaturas, algumas das quais podem ressoar com suposições atribuídas ao indivíduo-alvo da ironia.

Uma vez que se considera o impacto total de um enunciado irônico, ou seja, a proposição expressa e suas implicaturas, torna-se aparente que mesmo instâncias menos típicas de ironia, às vezes vistas como uma subcategoria distinta de enunciados irônicos, são, de fato, interpretadas através da identificação e exploração da semelhança com algumas suposições atribuídas a um determinado alvo. O caso específico sob escrutínio — as ironias absurdas — envolve eco em dois níveis: no nível do ridicularizar de um ato de fala absurdo e no nível de uma crença absurda atribuída ao alvo por meio de uma implicatura do enunciado irônico. Uma vez que tanto a semelhança metalinguística quanto a interpretativa são exploradas, tais enunciados devem ser tratados como instâncias de ironia paródica. Eles oferecem ao falante a oportunidade de exibir sua criatividade, contribuindo frequentemente para variados efeitos interpessoais, incluindo humor e/ou agressão.

Este artigo explorou também algumas questões sobre o papel do significado literal na compreensão da ironia, que é tratado de forma diferente na perspectiva do acesso direto e na perspectiva da saliência graduada. Argumentei que, na explicação teórica da relevância do processo de interpretação como um ajuste paralelo e mútuo do conteúdo explícito e das implicaturas, nenhuma controvérsia precisa surgir, pois há espaço para uma proposição literal ser construída sem ser elevada ao status da interpretação do enunciado. Sendo meramente uma hipótese interpretativa, a proposição expressa cumpre sua tarefa de sinalizar a intenção irônica, torna-se metarrepresentada e é ainda explorada no curso do processamento inferencial orientado para identificar a atitude do falante, as implicaturas, o humor e possivelmente outros efeitos, aqui mencionados em uma ordem aleatória, que pode não corresponder ao funcionamento real do mecanismo de compreensão.





AGRADECIMENTOS ORIGINAIS:

Gostaria de expressar minha gratidão à Professora Deirdre Wilson por fornecer inspiração e orientação para minha pesquisa sobre a ironia. Agradeço à Professora Maria Jodłowiec por seus comentários perspicazes sobre uma versão inicial do manuscrito. Também sou grata a dois revisores anônimos, cujos comentários me ajudaram a aperfeiçoar o artigo.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à Professora Agnieszka Piskorska, da Universidade de Warsaw, na Polônia, pela gentileza em nos ceder a oportunidade de traduzir este artigo diretamente para a língua portuguesa.³⁶

REFERÊNCIAS³⁷

BROMBEREK-DYZMAN, Katarzyna, 2010. Irony processing - one stage or two? In: WAŁASZEWSKA, E., KISIELEWSKA-KRYSIUK, M., PISKORSKA, A. (Orgs.). **In the Mind and Across Minds**. Cambridge Scholars Publishing, Newcastle upon Tyne, p. 208-222.

CLARK, Billy. **Relevance Theory**. Cambridge University Press, Cambridge, 2013.

COLSTON, Herbert. On necessary conditions for verbal irony comprehension. *Pragmat. Cognit.* 2000, v. 8, p. 277-324. In: GIBBS, R. W., COLSTON, H. L. (Orgs.), 2007. **Irony in Language and Thought: A Cognitive Science Reader**. Reimpressão. Lawrence Erlbaum Associates, New York, p. 97-134.

COLSTON, Herbert; O'BRIEN, Jennifer. Contrast and pragmatics in figurative language: anything understatement can do, irony can do better. **Journal of Pragmatics**. 2000, v. 32, p. 1557-1583. DOI: 10.1075/pc.8.2.02col.

CURCÓ, Carmen, 2000. Irony: negation, echo and metarepresentation. **Lingua**. 2000, v. 110, p. 257-280. DOI: 10.1016/s0024-3841(99)00041-8.

DYNEL, Marta. Irony from a neo-Gricean perspective: on untruthfulness and

³⁶ Artigo originalmente publicado em Inglês: PISKORSKA, Agnieszka. Echo and inadequacy in ironic utterances. **Journal of Pragmatics**. 2016; v. 101, p. 54-65. DOI: <http://dx.doi.org/10.1016/j.pragma.2016.05.007>.

³⁷ Todas as datas de acesso indicadas nas referências se referem à tradução do manuscrito original.





evaluative implicature. **Intercultural Pragmatics**. 2013, v. 10, n. 3, p. 403-431. DOI: 10.1515/ip-2013-0018.

FEIN, Ofer; YEARI, Menahem; GIORA, Rachel. On the priority of salience-based interpretations: the case of sarcastic irony. **Intercultural Pragmatics**. 2015, v. 12, n. 1, p. 1-32. DOI: 10.1515/ip-2015-0001.

GARMENDIA, Joana. Irony is critical. **Pragmatics & Cognition**. 2010, v. 18, n. 2, p. 397-421. DOI: 10.1075/pc.18.2.07gar.

GIBBS, Raymond W. On the psycholinguistics of sarcasm. **Journal of Experimental Psychology: General**. 1986, v. 115, p. 3-15. DOI: 10.1037/0096-3445.115.1.3.

GIBBS, Raymond W. A new look at the literal meaning in understanding what is said and implicated. **Journal of Pragmatics**. 2002, v. 34, n. 4, p. 457-486. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216601000467>. Acesso em: 16 out. 2025.

GIBBS, Raymond W. Are ironic acts deliberate? **Journal of Pragmatics**. 2012, v. 44, p. 104-115. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0378216611003043>. Acesso em: 16 out. 2025.

GIBBS, Raymond W., COLSTON, Herbert L. The risks and rewards of ironic communication. In: ANOLLI, Luigi; CICERI, Andrea; RIVA, Giuseppe. (Orgs.). **Say Not to Say: New Perspectives on Miscommunication**. Amsterdam: IOS Press, 2001, p. 188-200.

GIBBS, Raymond W. *et al.* Inferring meanings that are not intended: speakers' intentions and irony comprehension. **Discourse Process**. 1995, v. 20, p. 187-203. DOI: 10.1080/01638539509544937.

GIORA, Rachel. Understanding figurative and literal language: the graded salience hypothesis. **Cognitive Linguistics**. 1997, v. 8, n. 3, p. 183-206. DOI: 10.1515/cogl.1997.8.3.183

GIORA, Rachel. On the priority of salient meanings: studies of literal and figurative language. **Journal of Pragmatics**. 1999, v. 31, p. 919-929. DOI: 10.1016/s0378-2166(98)00100-3

GIORA, Rachel. **On our Mind: Salience, Context, and Figurative Language**. New York: Oxford University Press, 2003.

GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: Cole, P., Morgan, H. (Orgs.), **Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)**





Syntax and Semantics, vol. 3: Speech Acts. New York: Academic Press, 1975. Reimpressão: *In*: GRICE, Herbert Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 22-40/p. 41-58. Reimpressão: *In*: GRICE, Herbert Paul. **Studies in the Way of Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 22-40.

GRICE, Herbert Paul. Further notes on logic and conversation. *In*: Cole, P. (Ed.), *Syntax and Semantics*, vol. 9: Pragmatics. New York: Academic Press, 1978. Reimpressão: *In*: GRICE, Herbert Paul. *Studies in the Way of Words*. Cambridge: Harvard University Press, 1989. p. 41-57/p. 113-212. Reimpressão: *In*: GRICE, Herbert Paul. **Studies in the Way of Words**. Cambridge: Harvard University Press, 1989, p. 41-57.

GRÜNEWALD, José Lino. **Grandes poetas da língua inglesa do século XIX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

GUTT, Ernst-August. **Translation and Relevance: Cognition and Context**. 2^o Ed. Manchester: St. Jerome Publishing, 2000.

HAVERKATE, Henk. A speech act analysis of irony. **Journal of Pragmatics**. 1990, v. 14, p. 77-109.

JODŁOWIEC, Maria. The implicit revisited. *In*: PISKORSKA, Agnieszka. (Org.), **Relevance Studies in Poland**, vol. 4: Essays on Language and Communication. Warsaw: Wydawnictwa Uniwersytetu Warszawskiego, 2012, p. 64-74.

JODŁOWIEC, Maria. **The Challenges of Explicit and Implicit Communication: A Relevance-theoretic Approach**. Frankfurt: Peter Lang, 2015.

JORGENSEN, Julia; MILLER, George A.; SPERBER, Dan. Test of the mention theory of irony. **Journal of Experimental Psychology: General**. 1984, v. 113, p. 112-120. DOI: 10.1037/0096-3445.113.1.112

KAPOGIANNI, Eleni. Irony via “surrealism”. *In*: Dynel, M. (Org.), **The Pragmatics of Humour Across Discourse Domains**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2011, p. 51-68.

KUMON-NAKAMURA, Sachi; GLUCKSBERG, Sam; BROWN, Mary. How about another piece of pie: the allusional pretense theory of discourse irony. **Journal of Experimental Psychology: General**. 1995, v. 124, p. 3-21. DOI: 10.1037/0096-3445.124.1.3

NOH, Eun-Ju. **Metarepresentation**. A relevance-theory approach. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

NORRICK, Neal R. Issues in conversational joking. **Journal of Pragmatics**.
Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)





2003, v. 35, p. 1333-1359. Disponível em:
[https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(02\)00180-7](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(02)00180-7). Acesso em: 27 out. 2025.

PADIILLA CRUZ, Manuel. Metarepresentations and phatic utterances: a pragmatic proposal about the generation of solidarity between interlocutors. In: CAP, Piotr, NIJAKOWSKA, Joanna. (Orgs.). **Current Trends in Pragmatics**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007a. p. 110-128.

PADIILLA CRUZ, Manuel. Can irony be phatic? A relevance-theoretic proposal. In: Losada Friend, M., Ron Vaz, P., Hernández Santano, S., Casanova, J. (Orgs.), **Proceedings of the 30th International AEDEAN Conference**, 2007b. CD ROM ed. Servicio de Publicaciones de la Universidad de Huelva, Huelva. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/51410721.pdf>. Acesso em: 27 out. 2025.

PADIILLA CRUZ, Manuel. 2010. Metarepresentation and indirect complaints: a relevance-theoretic approach. In: WAŁASZEWSKA, Ewa, KISIELEWSKA-KRYSIUK, Marta, PISKORSKA, Agnieszka. (Orgs.). **In the Mind and Across Minds: A Relevance-theoretic Perspective on Communication and Translation**. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, p. 167-187.

SPERBER, Dan. Verbal irony: pretense or echoic mention? **Journal of Experimental Psychology: General**. 1984, v. 113, p. 130-136.

SPERBER, Dan. Understanding verbal understanding. In: KHALFA, Jean. (Org.), **What is Intelligence?** Cambridge: Cambridge University Press, 1994, p. 179-198.

SPERBER, Dan. Metarepresentations in an evolutionary perspective. In: Sperber, Dan (Org.). **Metarepresentations**. Oxford: Oxford University Press, 2000a, p. 117-137.

SPERBER, Dan (Org.). **Metarepresentations: A Multidisciplinary Perspective**. Oxford: Oxford University Press, 2000b.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Les ironies comme mentions. **Poétique**. 1978, v. 36, p. 399-412.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Irony and the use-mention distinction. In: COLE, Peter. (Org.). **Radical Pragmatics**. New York: Academic Press, 1981, p. 295-318.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. **Relevance: Communication and Cognition**, 2º Ed. Oxford: Blackwell, 1986, p. 1995.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. Irony and relevance. A reply to Seto, Hamamoto and Yamanashi. In: CARSTON, Robyn; UCHIDA, Seiji. (Orgs.). **Relevance Theory: Applications and Implications**. Amsterdam/Philadelphia:





John Benjamins, 1998a, p. 283-293.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. The mapping between the mental and the public lexicon. In: CARRUTHERS, P; BOUCHER, J. (Orgs.). *Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1998b. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. *Meaning and Relevance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 31-46, p. 184-200. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 31-46.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. A deflationary account of metaphors. In: GIBBS, Raymond W. (Org.), **The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008, p. 84-105.

VINAY, Jean-Paul, DARBELNET, Jean. *Comparative Stylistics of French and English: A Methodology for Translation*. Tradução de SAGER, Juan C.; HAMEL, Marie Josée. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

WILSON, Deirdre. Metarepresentation in linguistic communication. In: SPERBER, Dan (Org.), *Metarepresentations*. Oxford: Oxford University Press, 2000. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. *Meaning and Relevance*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 230-258/p. 411- 448. Reimpressão: WILSON, Dan; SPERBER, Dan. **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 230-258.

WILSON, Deirdre. The pragmatics of verbal irony: Echo or pretence? *Lingua*. 2006, v. 116, p. 1722-1743. DOI: 10.1016/j.lingua.2006.05.001. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0024384106001124?via%3Dihub>. Acesso em: 03 nov. 2025.

WILSON, Deirdre. Irony and metarepresentation. *UCL Working Papers in Linguistics*. 2009, v. 21, p. 183-226. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Deirdre-Wilson-2/publication/293080379_Irony_and_Metarepresentation/links/56dd857208ae628f2d249d89/Irony-and-Metarepresentation.pdf. Acesso em: 27 out. 2025

WILSON, Deirdre. Irony comprehension: a developmental perspective. *Journal of Pragmatics*. 2013, v. 59, parte A, p. 40-56. Disponível e: <https://doi.org/10.1016/j.pragma.2012.09.016>. Acesso em: 27 out. 2025.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. On verbal irony. *Lingua*. 1992, v. 87, p. 53-76. Reimpressão: In: GIBBS, Raymond W; COLSTON, Herbert L. (Orgs.). **Irony in Language and Thought: A Cognitive Science Reader**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2007, p. 35-55. DOI: 10.1016/0024-3841(92)90025-E.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Linguistic form and relevance. *Lingua*, 1993, **Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)**





v. 90, p. 1-25.

WILSON, Deirdre; SPERBER, Dan. Explaining irony. In: WILSON, Deirdre, SPERBER, Dan (Orgs.), **Meaning and Relevance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012, p. 123-145.

YUS, Francisco. Irony: context accessibility and processing effort. **Pragmalingüística**. 1998. v. 5-6, p. 391-411. DOI: 10.25267/Pragmalinguistica.1997.i5.17. Disponível em: <https://revistas.uca.es/index.php/pragma/article/view/530/464>. Acesso em: 03 nov. 2025.

YUS, Francisco. On reaching the intended ironic interpretation. **International Journal of Communication**. 2000, v. 10, n. 1-2, p. 27-78. Disponível em: <https://personal.ua.es/francisco.yus/site/Reaching.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2025.

YUS, Francisco. **Humour and Relevance**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2016.





Vivências de práticas letradas na universidade: análise da interdição simbólica dos letramentos em perspectiva interseccional

Experiences of literate practices in the University: an analysis of the symbolic interdiction of literacies from an intersectional perspective

PEREIRA, Sônia Virginia Martins¹
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)
sonia.mpereira@ufpe.br

ARAÚJO, Júlio²
Universidade Federal do Ceará (UFC)
araujo@ufc.br

RESUMO: Este estudo, recorte de pesquisa ampla, investiga interdições simbólicas dos letramentos na Universidade centrando-se nas vivências de estudantes de Letras, em sua formação identitária acadêmica. Relaciona-se sistemas simbólicos de opressão, presentes na construção dos letramentos, a marcadores de raça, classe e gênero discutindo-se o entrecruzamento dessas dimensões nas práticas letradas de estudantes beneficiários de políticas afirmativas. O trabalho ancora-se nos estudos dos letramentos sociais e acadêmicos, nas reflexões de Bourdieu (1983), na noção de esferas e heterodiscurso, do Círculo Russo, como traduzido por Bezerra (2015) e na teoria da interseccionalidade, de Collins (2022). O estudo de caso baseou a pesquisa desenvolvida, da qual se extraiu a entrevista de um estudante e seu relato pessoal relacionado às lacunas na sua formação acadêmica. Assinala-se a persistência de interdições simbólicas na trajetória formativa de estudantes assistidos por políticas afirmativas, em sua maioria, pertencentes a grupos socialmente desfavorecidos. Persiste a homogeneização dos letramentos como (in)capacidades individuais, o que negligencia fatores estruturais e históricos. Revela-se autocobrança, culpa, não pertencimento e solidão no percurso acadêmico do estudante, pela ausência de redes de apoio internas e externas à Universidade. Reforça-se a necessidade de revisão da concepção hegemônica de letramento na academia, no acolhimento de letramentos plurais, em uma Universidade que fomente essa pluralidade.

Palavras-chave: Letramentos acadêmicos; Ações afirmativas; Interseccionalidade; Identidade acadêmica.

ABSTRACT: Mesma formatação para o resumo em língua portuguesa. Se o idioma original do artigo for inglês, francês ou espanhol, a versão em português do resumo deverá ser apresentada, no lugar do abstract.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8066-5149>/Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1673025156495316>.

² ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7399-3769>/Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3016042855685546>.





Keywords: Academic literacies; Affirmative actions; Intersectionality; Academic identity.

1 INTRODUÇÃO

“Eu fiz dois anos de graduação em Ciências Sociais e cinco anos de graduação no Direito na UFPR. Fiz dois anos no mestrado do Direito na UFPR. Decodifiquei a linguagem, até com uma certa fluência, eu diria. Consigo traduzir a linguagem porque me é própria. Eu tenho afeição, eu sou, de alguma forma, íntimo das palavras. E mesmo assim, não é suficiente para que eu consiga escrever. Porque, para nós, mais que um processo criativo, é um processo terapêutico. A gente quer escrever aquilo que é impossível escrever. E aquilo que é impossível de escrever é o que é necessário de escrever. E os lugares em que a gente deveria estar são justamente os lugares que não estamos.

“E quando a gente desvendar os lacres desse simbolismo, dessa interdição simbólica, eu tenho certeza aí que as novas gerações vão ser muito mais fortalecidas, porque a tradição, quando passada pela palavra, ela chega mais inteira. Obrigado por esse momento de também tentar fazer a minha palavra chegar para vocês de forma mais inteira, porque às vezes ela chega.”

Renato Freitas (Deputado Estadual/PR), por ocasião da FLIPEI (Festa Literária Pirata das Editoras Independentes), 2004.

O relato pessoal do jovem deputado Renato Freitas sobre suas vivências com a escrita é representativo de muitas outras vozes de jovens de identidade preta e periférica que, uníssonas, revelam certas interdições simbólicas enfrentadas por pessoas pretas na autoria de textos acadêmicos, mesmo com acesso a espaços destinados a essa produção. Tais interditos, nem sempre perceptíveis claramente, direcionam para desafios que ultrapassam um domínio técnico da linguagem e desembocam em vieses estruturais de raça, poder e pertencimento.





Com vistas à continuidade de discussões sobre os letramentos no campo acadêmico, neste estudo, buscamos inter-relacionar sistemas simbólicos de opressão presentes na construção dos letramentos de estudantes através de marcadores sociais interseccionalizados por outros recortes sobrepostos e inseparáveis. Nessa interseccionalização, articulam-se múltiplas diferenças e desigualdades que perpassam, refletem e transitam pelos letramentos, nos contextos situados dos sistemas de atividades da vida universitária, em que se exige o domínio da escrita acadêmica convencional.

Sob esse direcionamento, discutimos como se apresentam, sob recortes de classe, gênero, raça/etnia, dimensões pouco devassadas que se entrecruzam nas práticas letradas de estudantes beneficiários de políticas públicas de ações afirmativas. Como base das reflexões empreendidas, apresentamos elementos gerados numa pesquisa com graduandos de Letras³, matriculados em uma disciplina do Curso de Letras/Português-Licenciatura da Universidade Federal de Pernambuco, no segundo semestre letivo de 2024, que serviu como campo de observação participativa para o contato com esses estudantes. Além da observação ativa, o *corpus* deste trabalho foi construído através de entrevistas semiestruturadas, nas quais são expostos relatos pessoais relacionados a lacunas e restrições na formação acadêmica. Entre outras obstruções, essas restrições aparecem como potencializadoras de discriminação e exclusão desses indivíduos e do grupo racial que representam, uma vez que parcela significativa da turma observada se autodeclarou preta ou parda.

De maneira a delinear o perfil desses graduandos, aplicamos um questionário para levantar dados gerais sobre essas identidades, que nos apresentaram uma amostra significativa de um grupo com mais de 60% de pretos e pardos, com minoria branca e sem a presença de indígenas e quilombolas. A amostra indica o gênero feminino como maioria e faixa etária

³ Projeto de pesquisa submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa/UFPE, aprovado com Parecer consubstanciado de número 6.788.394, emitido no dia 25/04/2024. A pesquisa envolveu observação direta de uma turma para a qual foi ofertada a disciplina Português IV - Letramento em língua portuguesa, o do Curso de Letras/Português-Licenciatura. Foram aplicados instrumentos de pesquisa, entre os quais entrevistas semiestruturadas com os voluntários, das quais selecionamos uma para este estudo.





concentrada entre 19 e 21 anos, em que sobressaem estudantes com 20 anos. Destacamos um nicho de estudantes com 35 anos, seguindo uma zona etária que abrange o intervalo de 24 a 45 anos.

O ingresso desses alunos na UFPE ocorreu, predominantemente, aos 17 anos, contemplando uma faixa etária que intervala dos 17 aos 19 anos. Um total de 52% desses ingressantes confirmou o acesso à universidade por meio de políticas de ações afirmativas.

A maioria é egressa de escola pública, tendo estudado nessa rede no ensino fundamental e/ou médio, com mais de 70% assinalando sua moradia na zona urbana – em geral, em zonas periféricas da Região Metropolitana do Recife –, em casa própria, dividindo o espaço com até 3 pessoas. Ainda que em minoria, destacamos a presença de 17,6% de graduandos que moram em zona rural – em geral, áreas de municípios próximos do Recife – os quais são assistidos pela PROAES (Pró-Reitoria de Assistência Estudantil), com moradia e bolsa de assistência. Da totalidade desses estudantes, 60% asseguraram que ingressaram no mercado formal ou informal de trabalho a partir dos 18 anos, com parcelas significativas apontando esse ingresso entre os 14 e 18 anos. Uma minoria começou a trabalhar antes dos 14 anos. Ao avaliar a demanda por conciliar trabalho e formação universitária, grande parte dos licenciandos enfatizou as dificuldades para a condução dessas atividades, embora outra parte significativa reconheça um crescimento pessoal nesse gerenciamento.

Os traços que singularizam esses estudantes impelem a um tratamento interseccional do objeto de estudo, visto que os entrelaces entre raça, gênero, e condições socioeconômicas atravessam dispositivos acadêmicos engendrados nas relações de poder fixadas no ensino superior e que limitam as práticas de letramento universitárias a certos padrões que inibem a constituição de identidades diversas no espaço universitário. Nesse enquadre, é pertinente para o debate a percepção de Patricia Hill Collins (Collins, 2022), que compreende a interseccionalidade como uma teoria social crítica alargando o conceito para sua apreensão como dispositivo de análise crítica das estruturas sociais contemporâneas, entre estas, as estruturas de poder.





A socióloga, referência na epistemologia feminista negra, questionou noções rudimentares de opressão, ao formular sua teoria da matriz de dominação (Collins, 2019), na qual *intercruza* raça, gênero e classe nas vivências da mulher negra e, após consolidar a interseccionalidade como campo de estudo, transformou o conceito em teoria social crítica, por seu potencial analítico na investigação de problemáticas sociais contemporâneas e na sinalização de mudanças para solucioná-las.

Nessa compreensão, a interseccionalidade ultrapassa a linha de teoria acadêmica sendo tomada como prática política, em que desigualdades sociais não são mais vistas de modo simplista, considerando-se as confluências entre formas diversificadas de opressão (Collins, 2022).

Na esteira do pensamento da socióloga, ressaltamos a emergência de uma análise interseccional dos letramentos, no campo acadêmico, que extrapole a descrição de interseções de identidades como homogêneas, ao incorporarmos uma abordagem histórica e contextualizada sobre as relações de poder subsumidas nas práticas letradas na universidade. Para esse fim, o percurso textual-discursivo do estudo está assim apresentado:

A seção “O déficit como marcador do letramento acadêmico e a (auto)responsabilização do indivíduo” discute a tendência de se interpretar dificuldades de estudantes nas práticas de letramento acadêmico como déficit individual, negligenciando fatores sociais que moldam sua formação.

A seção “Autocobrança e culpa pela inabilidade acadêmica” analisa o relato de um estudante que internaliza a ideia de que o sucesso acadêmico depende exclusivamente de seu esforço individual, mesmo diante de condições socioeducacionais desfavoráveis, como uma família com baixo nível de escolaridade e uma formação escolar precária.

A seção “Reconhecimento de obstáculos estruturais e autoacusação” explora a contradição presente no discurso do estudante que, apesar de reconhecer que sua formação escolar não o preparou para a Universidade, continua a direcionar a responsabilidade pela superação das dificuldades a seu esforço pessoal.





Com a seção “Síndrome do invasor e não pertencimento ao mundo acadêmico” abordamos o sentimento de não pertencimento à universidade expresso pelo estudante, na chamada “síndrome do invasor”, que reflete a percepção de que o espaço acadêmico não é destinado a ele, sentimento reforçado por sua trajetória de acesso precário ao conhecimento legitimado.

A seção “A solidão do percurso na suposta autonomia do letramento”, discute a ausência de redes de apoio na formação escolar do estudante, realidade comum a universitários de famílias com baixa escolaridade, conforme ilustra o caso do estudante, um indicador de estudantes com mesmo perfil.

As considerações finais assinalam a necessidade de redimensionamento crítico da concepção hegemônica de letramento no campo acadêmico, a fim de se entender a multiplicidade de letramentos que envolvem as práticas sociais, sob marcadores interseccionais.

2 O DÉFICIT COMO MARCADOR DO LETRAMENTO ACADÊMICO E A (AUTO)RESPONSABILIZAÇÃO DO INDIVÍDUO

Nesta seção, intentamos refletir sobre o viés, pelo qual, em geral, problemas relacionados aos letramentos de estudantes universitários são percebidos e se restringindo, notadamente, a capacidades individuais, o que caracteriza uma autonomia do letramento, como já apontado por Street (2014). Sob essa ótica, imputa-se aos estudantes um *déficit* em relação às práticas letradas acadêmicas, refletindo o pensamento de que esses estudantes, majoritariamente pertencentes a grupos sociais menos favorecidos, ingressam na universidade com habilidades de leitura e escrita não suficientemente desenvolvidas para o trato com as demandas próprias dos processos da formação letrada acadêmica. A restrição do conceito de letramento a essa perspectiva reforça uma falsa ideia sobre a autonomia do indivíduo no domínio do seu letramento ignorando desigualdades e contextos sociais que influenciam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, o que





supõe modelos heterogêneos na construção dos letramentos. Nessa diretriz, apontam-se carências de capacidades cognitivas, como assinalado por Street (2014), como justificativa para legitimar desigualdades de acesso à educação superior historicamente estabelecidas, que recaem sobre estudantes cotistas e beneficiários de ações afirmativas, os quais podem enfrentar maiores dificuldades ao ingressarem na universidade, exatamente em razão das desigualdades sociais que precederam o seu ingresso no ensino superior.

É sobre as dimensões desse letramento autônomo, que enfatiza a responsabilidade individual no desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita que se adéquem à uniformização das práticas de letramento, a partir de um modelo individualista e negligenciador das desigualdades sociais e dos obstáculos enfrentados ao acesso aos letramentos para certos grupos, que refletimos sobre posturas de culpabilização do estudante pelo seu suposto fracasso no universo acadêmico. Tomamos por base trechos da entrevista concedida por um dos estudantes respondentes da pesquisa para refletir sobre indicadores representativos da percepção que o estudante tem sobre o seu desempenho acadêmico:

Da família materna, eu sou o único que está no curso superior. E da família paterna, eu acho que tem três pessoas que são professoras em pedagogia e acho que é matemática também, entendeu? E no dia a dia, familiar mesmo, eu tanto não tinha essa... Como posso falar? Uma pessoa que pudesse me orientar no dia a dia, a cobrar que eu pudesse ler, escrever. Isso surgiu mais do interesse próprio, porque eu vinha de uma opinião escolar que era importante para mim.

Então, eu pegava livros com os meus colegas, até mesmo livros usados de alguém. Eu ficava lendo em casa, reescrevia os textos. Era mais o interesse que surgiu por conta própria. Não tinha os pais presentes. Ah, lembro que isso é importante. Eu fui descobrindo isso no dia a dia, nas minhas vivências, e isso era importante para mim.

E que o dia a dia eu me sentava em casa, sabe? Era mais nesse ponto mesmo. Está certo. [...] Porque a formação que eu tive não preparava para que eu pudesse, por exemplo, cursar o curso superior. Era como se eu fosse parar no ensino médio e não quisesse mais continuar. Então, eu acho que toda a formação que eu tive não preparou para isso. Eu tive que buscar alguns recursos por conta própria mesmo, ser curioso, invadir alguns espaços para poder ver como eu podia ter um bom desenvolvimento nessas áreas. E não foi fácil porque eu encontrei vários vários caminhos, várias dificuldades. E eu pensava, como eu vou conseguir fazer isso?





Se a formação que eu tive não preparou para essa questão. Então, foi mais uma questão de interesse mesmo. Entendeu? De buscar. Por exemplo, nessa cobrança dos gêneros textuais, eu tive que entender como eu poderia produzi-los. Já que eram bem específicos no campo acadêmico e que os que eu tinha visto no ensino fundamental, no ensino médio, não conseguiam suprir essa demanda, essa cobrança que tem na faculdade. Então, eu tive que buscar, perguntar.

Por exemplo, eu comecei fazendo pipique com o Emanuel. E ali a gente tinha um grupo de debate nas escolas toda semana. Era um dia por semana. E falei que eu podia ver que eu ia conseguindo, aos poucos, ter esse desempenho através das perguntas e tal, das dúvidas que vinham surgindo. Eu ia perguntando e era isso. Isso.

Graduando em Letras/Português, 5º período.

O relato do estudante revela uma tensão entre responsabilização individual e condições socioeducacionais para seu letramento, constituindo um terreno fértil para se refletir sobre a culpabilização do indivíduo por suas "deficiências" acadêmicas. Alguns componentes centrais podem ser apreendidos e compreendidos, à luz de coordenadas teóricas que criticam a ideia de responsabilidade pessoal para o fracasso ou sucesso acadêmico.

3 AUTOCOBANÇA E CULPA PELA INABILIDADE ACADÊMICA

O estudante enfatiza seu "interesse próprio" como motor para superar dificuldades, "Era mais o interesse que surgiu por conta própria", demonstrando a internalização da ideia de que o sucesso acadêmico depende exclusivamente do esforço individual. Ele menciona repetidamente a necessidade de "buscar recursos por conta própria", "invadir espaços" e "perguntar", o que revela uma dimensão meritocrática dos processos, ainda que suas condições objetivas (família não letrada, escola precária) não lhe fornecessem ferramentas necessárias para seu desenvolvimento escolar.

A concepção de letramento como prática social (Street, 1984; Kleiman, 1995) critica a noção de que habilidades de leitura e escrita são neutras e universais. O estudante, ao culpar-se por não dominar gêneros acadêmicos,





ignora que esses gêneros podem funcionar como símbolos de poder, se entendidos sob as lentes dos conceitos de campo, *habitus* e capital (Bourdieu, 1983), inseridos no escopo de conceitos relacionais que descrevem o *habitus* como as disposições duráveis e transferíveis que orientam os comportamentos, gostos e práticas dos indivíduos.

O *habitus* é moldado pelas condições socioeconômicas sendo pertinente para se entender como as práticas sociais são formadas. O campo é formulado conceitualmente como a descrição de um espaço social específico, onde agentes e instituições interagem e competem por diferentes formas de capital (econômico, cultural, social, simbólico). Cada campo tem suas próprias regras e dinâmicas que afetam a interação dos agentes. Por fim, o conceito de capital identifica diferentes formas de capital que influenciam as relações de poder e as dinâmicas sociais, o que envolve capital econômico (recursos financeiros e bens materiais), capital cultural (conhecimentos, habilidades e educação, capital social (redes de relacionamento e conexões sociais e capital simbólico (prestígio e reconhecimento social). Esses são conceitos articulados que configuram uma rede de relações norteadoras de uma análise sociológica, permitindo compreender a dinâmica social e as lutas de poder em diferentes contextos sociais.

Sob uma concepção marxista de linguagem, o Círculo russo já tratava a dinâmica social a partir do seu locus de realização denominando os lugares das práticas sociais como esferas e as constituindo como eixo fundamental para a compreensão das relações de poder que permeiam tais práticas, como manifestado a seguir.

No interior do próprio campo dos signos, isto é, no interior da esfera ideológica, há profundas diferenças [...]. Cada campo da criação ideológica possui seu próprio modo de se orientar na realidade, e a refrata a seu modo. Cada campo possui sua função específica na unidade da vida social. Entretanto, o caráter sígnico é um traço comum a todos os fenômenos ideológicos. (Volóchinov, 2017, p. 94).





As esferas, conforme abordadas por Volóchinov (2017) e seus interlocutores no campo da filosofia da linguagem e das ciências sociais, referem-se a domínios discursivos e materiais nos quais os sujeitos agem, produzem sentidos e negociam suas posições no tecido social. Esses espaços não são neutros, mas sim arenas de disputa onde se materializam hierarquias, contradições e processos de dominação e resistência. São atravessadas por relações de poder na medida em que nelas se articulam discursos, normas e instituições que legitimam certas visões de mundo em detrimento de outras.

No pensamento de Foucault (1979), o poder não é uma entidade estática, mas uma rede de práticas que se exerce no cotidiano, moldando subjetividades e estruturando campos de possibilidade. Nesse sentido, cada esfera - acadêmica, jurídica, religiosa ou midiática - funciona como locus de produção e reprodução de ideologias que naturalizam ordens sociais específicas. A microfísica do poder, do filósofo francês, compreende as relações de poder em seus confrontos contrapondo soberania e disciplina, visto que para ele, o modelo hegemônico de poder não conseguiria abarcar as relações de poder na contemporaneidade por seu caráter centralizador e por se voltar para um sujeito que age sob privilégios, no exercício do poder. Por outro lado, o modelo disciplinar focaliza a prática do poder objetiva e empiricamente não importando quem o pratica ou se sua prática está à mercê ou não do Estado.

A linguagem, enquanto prática social, desempenha papel crucial nesse processo, pois é por meio dela que os grupos hegemônicos impõem seus horizontes de significação (Volóchinov, 2019[1930]), definindo o que é legítimo, verdadeiro ou desviante. Como exemplo, é evidente que a esfera acadêmica não apenas controla os modos como os estudantes devem se portar em relação à construção e demonstração de saberes universitários, na sua formação, como também tem o poder de classificar esses estudantes como aptos ou inaptos na aquisição desses saberes; assim como a esfera jurídica não apenas regula comportamentos, mas também os classifica, criando categorias como meliante ou cidadão de bem, que refletem e reforçam assimetrias estruturais.





No entanto, as esferas ideológicas não são homogêneas; são palco de tensões dialéticas entre forças dominantes e contradiscursos. Gramsci (2011) destacou que a hegemonia nunca é total, pois as classes subalternas desenvolvem suas próprias narrativas e estratégias de contestação dentro desses espaços. Assim, o filósofo marxista salientou a funcionalidade das políticas educacionais como parâmetro para a constituição da vontade coletiva, conceito que explica a organização social de grupos subalternizados no embate pela formação de uma contra-hegemonia. Portanto, a noção de esfera de atividade humana revela-se indispensável para uma análise das relações de poder nas práticas sociais. Seu estudo permite desnaturalizar estruturas aparentemente fixas, demonstrando como o poder se exerce, mas também como pode ser contestado. Longe de serem meros cenários passivos, essas esferas são terrenos de luta onde se definem os sentidos da vida coletiva.

Ao traçar aproximações e singularidades entre o conceito de esfera, do Círculo Russo (Volóchinov, 2017a) e campo, de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1983), Grillo (2010) entende que

Os conceitos de esfera e de campo testemunham a atenção à diversidade das manifestações culturais humanas [...]. Com isso, eles proporcionam uma compreensão mais ampla das produções ideológicas, que sofrem as coerções e adquirem um valor relativo no domínio em que são produzidas [...]. A linguagem é o terreno comum sobre o qual se assentam todos os campos/esferas, adquire especificidades e é responsável pela identidade de cada um deles. (Grillo, 2010, p. 156).

O enfoque nesses conceitos destaca a importância de se investigar empiricamente como as esferas/os campos operam em contextos específicos, no caso aqui analisado, o campo acadêmico. Isto revela os mecanismos pelos quais o poder se sustenta nessa esfera e como pode ser desafiada para atender a contento a grupos historicamente marginalizados que adentram a seus espaços. Portanto, as dificuldades relatadas pelo estudante, nesse enquadre, precisam ser vistas menos como falha individual e mais como produto de um





sistema educacional excludente que marca sua trajetória estudantil da educação básica à superior.

4 RECONHECIMENTO DE OBSTÁCULOS ESTRUTURAIS E AUTOACUSAÇÃO

Embora o estudante aponte que sua formação escolar “não preparou para o superior”, ele não atribui esse fato a falhas sistêmicas, como a qualidade do ensino público ou a ausência de políticas de inclusão e assistência, mas continua direcionando para si mesmo a responsabilidade: “Eu tive que buscar... ser curioso”. Nessa direção tomada, há uma contradição entre reconhecer o contexto desfavorável e ainda assim creditar a superação das dificuldades encontradas quando de seu ingresso na universidade apenas à agência individual.

Os conceitos descritos anteriormente oferecem uma estrutura valiosa para se entender como a esfera acadêmica molda as expectativas sobre as habilidades de leitura e escrita dos estudantes universitários, consagrando ao esforço pessoal o êxito. Em certa medida, a ênfase no letramento autônomo é compatível com a conformação que se espera dos que têm acesso à universidade aos códigos dominantes desse ambiente, o que denota uma face meritocrática nas práticas letradas acadêmicas.

A identidade acadêmica é formada também por experiências passadas, pelos processos de escolarização anteriores e pelas interações sociais que os estudantes tiveram ao longo de suas vidas, mas a universidade espera que os estudantes se ajustem a modelos de letramentos homogêneos, que inclui disposições para pensar criticamente, interpretar textos complexos e escrever de maneira igualmente homogênea. Desconsidera-se, assim, a influência de fatores socioeconômicos, que podem afetar a confiança e a capacidade dos graduandos em atender a essas exigências.

Aqueles pertencentes a contextos mais favorecidos podem já ter desenvolvido práticas de leitura e escrita que se alinham mais facilmente às expectativas acadêmicas, enquanto outros podem lutar para se adaptar. Em





geral, esses “outros” são pessoas pretas, periféricas, do gênero feminino, como mostram os dados do ENADE 2021 sobre o perfil dos estudantes concluintes, conforme a tabela 1, que discrimina a distribuição das respostas por sexo, cor ou raça e indicação de ingresso na universidade por política de ação afirmativa ou inclusão.

Esses estudantes, representados pelo microcosmo de um estudante do 5º período de Licenciatura em Letras/Português têm suas vivências marcadas por fatores que lhes impedem de se adequar a uma modelagem acadêmica bastante estratificada. É nessa esfera ideológica, onde normas, regras e modos de agir são estabelecidos que as habilidades de leitura e escrita modelares são não apenas valorizadas, mas também consideradas imprescindíveis para o sucesso. Em contrapartida, traços culturais que um estudante (com o perfil apontado nesta pesquisa e nos dados do ENADE 2021) são ignorados, ainda que influenciem sua capacidade de se adaptar ao espaço e fortalecer sua posição dentro dele.

Imagem 1 - Distribuição percentual do total de estudantes, por indicação de Ingresso por Política de Ação Afirmativa ou Inclusão Social e Sexo, segundo a Cor ou raça - Enade/2021 - Cursos em Modalidade Presencial - Letras-Português (Licenciatura)

| Cor ou raça | Ingresso por Política de Ação Afirmativa/Inclusão Social | | | | | | | | |
|--------------------|--|-----------|----------|--------|-----------|----------|--------|-----------|----------|
| | Total | | | Sim | | | Não | | |
| | Sexo | Sexo | Sexo | Sexo | Sexo | Sexo | Sexo | Sexo | Sexo |
| | Total | Masculino | Feminino | Total | Masculino | Feminino | Total | Masculino | Feminino |
| Branca | 35,6% | 8,1% | 27,6% | 28,2% | 6,1% | 22,1% | 41,1% | 9,5% | 31,5% |
| Preta | 16,7% | 4,7% | 12,0% | 22,5% | 6,1% | 16,3% | 12,4% | 3,6% | 8,8% |
| Amarela | 1,6% | 0,4% | 1,2% | 1,2% | 0,4% | 0,8% | 1,9% | 0,4% | 1,5% |
| Parda | 43,2% | 10,5% | 32,7% | 44,8% | 11,0% | 33,7% | 42,0% | 10,0% | 31,9% |
| Indígena | 0,7% | 0,2% | 0,5% | 0,9% | 0,2% | 0,7% | 0,5% | 0,1% | 0,4% |
| Não quero declarar | 2,3% | 0,6% | 1,7% | 2,4% | 0,6% | 1,8% | 2,2% | 0,6% | 1,6% |
| Total | 100,0% | 24,3% | 75,7% | 100,0% | 24,5% | 75,5% | 100,0% | 24,2% | 75,8% |

Fonte: Relatório Síntese de Área Letras-Português (Licenciatura), p. 45 - MEC/Inep/Daes - Enade/2021.

A tradição universitária valoriza formas de capital que conferem prestígio e sucesso acadêmico, com base num repertório cultural supostamente construído pelos estudantes ao longo de sua escolarização, como a familiaridade com gêneros textuais acadêmicos e a capacidade de argumentação a ser demonstrada nas modalidades textuais que organizam o sistema de atividades universitário. Mesmo os estudantes que não apresentam o repertório esperado são pressionados a acumular esse tipo de capital para





serem reconhecidos como competentes, nesse campo, entrando em tal dinâmica o capital social por meio de redes de relacionamentos com professores e colegas. Essa rede institucionalizada de relações oferta apoio e oportunidades para estudantes que se consideram inaptos para algumas práticas letradas, como no caso do estudante do relato, que participou de um projeto de iniciação científica.

A conquista de um capital simbólico para reconhecimento e prestígio acadêmico, é possível à medida que os estudantes demonstram competência em suas habilidades autônomas de leitura e escrita, embora nem isso, em alguns cenários, lhes permita avançar na formação acadêmica, uma vez que outros elementos envoltos nas relações de poder interferem nesse progresso. Assim, a inter-relação entre diversificados fatores ajuda a explicar como a esfera acadêmica molda a construção de letramentos pelos estudantes, influenciando não apenas o que é esperado deles, mas também como eles percebem e permitem que as expectativas acadêmicas os moldem.

Essa lógica gera a falsa ideia de que o fracasso é do estudante, não do sistema, como evidencia o relato, em que ecoa essa culpabilização do indivíduo, nesse ambiente onde o letramento é tratado como uma espécie de dom natural e não como prática social que reúne processos compartilhados entre pessoas com trajetórias de vida diferentes, em que raça, gênero, faixa-etária, local de moradia são, entre outros, fatores potencializadores de comportamentos letrados. Embora haja a pluralidade dos letramentos e isto está claro no relato do estudante, pois descreve práticas de letramentos comunitárias, ele entende que a universidade valoriza apenas os letramentos dominantes e isto gera nele a sensação de inadequação, de não pertencimento àquele lugar.

5 SÍNDROME DO INVASOR E NÃO PERTENCIMENTO AO MUNDO ACADÊMICO

O enunciado "invadir alguns espaços" descreve a sensação que atravessa um dado perfil de estudante representado pelo graduando que enuncia sua





vivência como acadêmico e simboliza a percepção de que a universidade não é um lugar destinado a ele – ideia reforçada por sua trajetória de acesso precário a um acervo de conhecimento socialmente aceito e legitimado por um sistema escolar que precariza a formação de estudantes do ensino público. Mesmo conseguindo ascender à educação superior, o estudante se vê como um impostor, efeito do que foi incorporado ao longo de sua história como indivíduo e, também, como pertencente a grupos minorizados socialmente, que organizam e atribuem significados a seu comportamento e suas práticas.

A conformação às esferas ideológicas que o constituem torna suas ações inconscientes, o que funciona como intermediação entre as estruturas sociais e sua própria conduta individual, gerando a certeza de pertencer a certos lugares, mas a outros, não. Como afirmado, isto é constituído ao longo da vida do indivíduo, sendo resultado de um processo de inculcação, isto é, de produção e reprodução das práticas. No relato do estudante, essa ideia de que a universidade seria um não-lugar atravessa seu percurso acadêmico e ele parece querer compensar sozinho suas falhas, em relação a esse lugar que não é seu, as quais são lacunas institucionais.

O enunciado do estudante aproxima-se do pensamento expresso pelo Deputado Renato Freitas, exposto como epígrafe neste estudo, uma vez que este pensamento reflete a contradição do lugar social, ao enunciar que "os lugares em que a gente deveria estar são justamente os lugares que não estamos", fala que sintetiza a exclusão simbólica de corpos negros em posições de autoridade intelectual.

A academia, mesmo quando permite acesso formal de minorias, mantém mecanismos de segregação que podem se revelar em currículos que ignoram pensadores não brancos, bancas que deslegitimam metodologias não hegemônicas, pressão para que pesquisadores negros e de outras etnias abordem apenas temas racializados, como se sua produção fosse válida apenas quando confinada à questão racial, além de outros tipos de interdições veladas. Isso cria uma dupla exigência para o estudante com esse perfil (beneficiário de ações afirmativas, licenciando, não-branco, habitante de município afastado da





universidade e, por isso mesmo, morador da Casa do estudante, entre outros traços que o singularizam e singularizam grupos que representa: habitar e pertencer a um sistema opressor e, simultaneamente, subvertê-lo para existir nele.

A constituição identitária do indivíduo ocorre pela apropriação dos discursos que povoam a vida social, especialmente aqueles das comunidades às quais pertence. É a heterodiscursividade da vida coletiva manifestada por diferentes vozes sociais que cruzam a formação pessoal, tal qual define o conceito bakhtiniano de heterodiscurso, interpretado por Paulo Bezerra como “ligado à concepção bakhtiniana de mundo como acontecimento, de realidade como um processo em formação, como o ser constituindo-se pelo discurso” (Bezerra, 2015, p. 12). O estudante, sem acesso prévio a vozes que estratificam o discurso acadêmico (embora traga outras vozes que lhe marcaram a experiência) e fazem da academia um lugar inacessível para muitos, precisa entender como se operam as relações acadêmicas e se moldar para que se sinta pertencente a esse espaço.

A noção de heterodiscurso, ancorada na tradição bakhtiniana, assinala que as vozes sociais que atravessam a formação dos sujeitos são impregnadas de ideologias, valores e práticas culturais e circunscrevem a forma como os indivíduos experienciam o mundo construindo sentido. No campo dos estudos dos letramentos, à luz das abordagens dos letramentos múltiplos, essa heterogeneidade discursiva assume papel central, por tensionar questões que contribuem para outras reflexões de letramento além de variações técnicas de leitura e escrita ressaltando as práticas sociais situadas, que se realizam em contextos diversos — culturais, linguísticos, raciais, regionais, digitais. A presença de diferentes vozes nos discursos dos estudantes, oriundos de grupos historicamente marginalizados, evidencia que sua trajetória de letramento é marcada por experiências que desafiam a hegemonia do modelo acadêmico tradicional, frequentemente monolítico, normativo e excludente.

É o que Paulo Bezerra (2015) advoga em favor do heterodiscurso, ao asseverar que





Para Bakhtin, o heterodiscurso é produto da estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, falares de grupos, jargões profissionais, e compreende toda a diversidade de vozes e discursos que povoam a vida social [...]. O resultado de tudo isso é um mundo povoado por um heterodiscurso oriundo das linguagens das gerações e das faixas etárias, das tendências e dos partidos, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras [...] em suma, de todas as manifestações da experiência humana individual e social e da vida das ideias. Trata-se de um universo discursivo povoado por uma diversidade de linguagens e vozes sociais, que são pontos de vista específicos sobre o mundo, formas de sua compreensão verbalizada, horizontes semânticos e axiológicos. (Bezerra, 2015, p. 12, 13).

Dessa forma, reconhecer o heterodiscurso como constitutivo da linguagem dos sujeitos nos permite compreender que cada estudante traz consigo uma tessitura de vozes e práticas de letramento que merecem ser legitimadas na universidade. A escuta atenta dessas vozes, a abertura para a diversidade textual e discursiva, e a valorização das formas plurais de se produzir e comunicar conhecimento tornam-se, portanto, exigências ético-políticas para a construção de uma universidade mais democrática e inclusiva. Assim, o trabalho com os letramentos no ensino superior não pode ignorar a complexidade heterodiscursiva dos sujeitos. Ao contrário, deve acolher e articular essas vozes de forma crítica, promovendo uma pedagogia dialógica que transcenda o silenciamento de saberes outros e reconfigure o espaço universitário como um território de pertencimento e acolhedor a minorias estabelecendo-se como lugar de enunciação plural.

6 A SOLIDÃO DO PERCURSO NA SUPOSTA AUTONOMIA DO LETRAMENTO

A ausência de redes de apoio na formação escolar do estudante ("não tinha os pais presentes" e "não tinha alguém para cobrar") condiz com a vivência de outros universitários de famílias com pais e mães que sequer ingressaram na escola ou, se o fizeram, o tempo de escolarização foi demasiado curto.





Os dados do ENADE 2021 asseguram essa comparação, conforme as Imagens 2 e 3, relacionadas à escolaridade do pai e da mãe, as quais expõem que os concluintes das modalidades presencial e à distância apresentaram distribuições diferentes quanto ao grau de escolaridade do pai, exposto na Imagem 2. Quanto à escolaridade da mãe, comparada à do pai, há uma ligeira superioridade em ambas as modalidades de ensino, devido à proporção menor de mães declarada como “sem nenhuma escolaridade”. Esses dados alertam para a necessidade de acolhimento institucional pontual em relação às condições e carências dos estudantes visando sua permanência na universidade.

Imagem 2 – Distribuição percentual do total de estudantes, por Modalidade de Ensino e Sexo, segundo o Grau de escolaridade do pai – Enade/2021 – Letras-Português (Licenciatura)

| Grau de escolaridade do pai | Modalidade de Ensino | | | | | |
|--|----------------------|-------|----------|----------------------|-------|----------|
| | Educação Presencial | | | Educação a Distância | | |
| | Sexo | | Feminino | Sexo | | Feminino |
| Total | Masculino | Total | | Masculino | | |
| Nenhuma | 13,1% | 3,1% | 10,0% | 14,7% | 3,0% | 11,7% |
| Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série) | 33,8% | 8,3% | 25,5% | 42,4% | 7,7% | 34,7% |
| Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série) | 14,8% | 3,6% | 11,3% | 12,5% | 2,8% | 9,8% |
| Ensino Médio | 25,9% | 6,4% | 19,5% | 18,6% | 4,4% | 14,2% |
| Ensino Superior - Graduação | 8,9% | 2,0% | 6,8% | 7,1% | 1,7% | 5,4% |
| Pós-graduação | 3,5% | 0,9% | 2,6% | 4,6% | 0,9% | 3,7% |
| Total | 100,0% | 24,3% | 75,7% | 100,0% | 20,6% | 79,4% |

Fonte: Relatório Síntese de Área Letras-Português (Licenciatura), p. 45 – MEC/Inep/Daes – Enade/2021.

Imagem 3 – Distribuição percentual do total de estudantes, por Modalidade de Ensino e Sexo, segundo o Grau de escolaridade da mãe – Enade/2021 – Letras-Português (Licenciatura)

| Grau de escolaridade da mãe | Modalidade de Ensino | | | | | |
|--|----------------------|-------|----------|----------------------|-------|----------|
| | Educação Presencial | | | Educação a Distância | | |
| | Sexo | | Feminino | Sexo | | Feminino |
| Total | Masculino | Total | | Masculino | | |
| Nenhuma | 7,0% | 2,0% | 5,0% | 10,1% | 2,0% | 8,2% |
| Ensino Fundamental: 1º ao 5º ano (1ª a 4ª série) | 28,0% | 6,6% | 21,4% | 39,4% | 7,6% | 31,8% |
| Ensino Fundamental: 6º ao 9º ano (5ª a 8ª série) | 15,3% | 3,6% | 11,6% | 15,1% | 3,2% | 11,9% |
| Ensino Médio | 31,0% | 8,0% | 23,0% | 21,7% | 4,4% | 17,3% |
| Ensino Superior - Graduação | 11,1% | 2,7% | 8,3% | 7,8% | 2,0% | 5,8% |
| Pós-graduação | 7,6% | 1,4% | 6,2% | 5,8% | 1,3% | 4,5% |
| Total | 100,0% | 24,3% | 75,7% | 100,0% | 20,6% | 79,4% |

Fonte: Relatório Síntese de Área Letras-Português (Licenciatura), p. 45 – MEC/Inep/Daes – Enade/2021.

As vivências do estudante, além dos dados relacionados ao perfil médio do licenciando em Letras/Português, contrastam com a realidade de estudantes de classes privilegiadas, que têm acesso a certos espaços de saberes, desde a infância, como cursos de inglês e esportes, cursos preparatórios para vestibulares e concursos, além de acesso a livros e acompanhamento





pedagógico particular etc., o que não lhes garante êxito no domínio dos letramentos requeridos na academia.

Pessoas com esses privilégios são parte de comunidades que socializam práticas de letramento distintas diferentemente do estudante que relata sua origem em ambiente onde eventos de letramento, talvez, não fossem tão constantes, não se constituindo em prática cotidiana – o que explica (sem justificar) suas dificuldades. Mesmo assim, com uma possível ausência de práticas letradas cotidianas, especialmente na família, não se pode desconsiderar o patrimônio cultural que esse estudante construiu, em contextos os mais diversos. Isto não subsidia uma visão limitadora sobre os letramentos plurais, de diferentes comunidades, como pensa, em suas próprias palavras, Brian Street: “O que desejo evitar, ao examinar o aspecto cultural do letramento, é recriar uma lista reificada – aqui está uma cultura, aqui está seu letramento; aqui está outra cultura, aqui está seu letramento [...] (Street, 2014, p. 147).

O estudante fala de sua busca solitária para se enquadrar em certas práticas letradas procurando livros usados e grupos de debate. Embora os fatos relatados revelem uma certa desigualdade no acesso à cultura letrada e aos bens culturais, em geral, ele assimilou a ideia de compensar sozinho as falhas de um sistema que o excluiu, quando, na verdade, a universidade deveria comprometer-se em lhe oferecer condições favoráveis para seu crescimento acadêmico e, principalmente, adaptar-se às diversidades de letramento (Lea & Street, 1998). Sua narrativa não é uma história de incapacidade, mas de resistência, diante de um sistema que naturaliza privilégios. O relato ilustra como a esfera ideológica universitária investe na meritocracia obscurecendo as causas estruturais do que se entende por fracasso dos estudantes.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas no estudo procuraram interseccionalizar fatores que coabitam na construção dos letramentos na universidade, a partir





de um relato de um estudante beneficiário de políticas de ações afirmativas, tanto no seu ingresso como na sua permanência na universidade. No percurso argumentativo do texto, foram trabalhadas questões, a partir do posicionamento enunciativo do relato do estudante, apresentado por meio de excertos da entrevista concedida pelo licenciando, em uma das etapas da pesquisa ampla realizada em universidade pública. Essas questões foram discutidas em tópico, assim sintetizados:

Primeiramente, discutimos o pensamento corrente sobre ausência de habilidades como déficit, perspectiva que ratifica uma visão autônoma do letramento, atribuindo aos estudantes, especialmente aqueles provenientes de classes desfavorecidos e beneficiários de ações afirmativas, a responsabilidade por lacunas em suas capacidades de leitura e escrita necessárias ao ambiente universitário, ignorando as desigualdades históricas de acesso à educação superior. Compreendemos que tal abordagem individualizante e culpabilizadora desconsidera a heterogeneidade na construção dos letramentos e os obstáculos enfrentados por certos grupos no acesso às práticas letradas.

Em seguida, refletimos sobre a autocobrança do estudante por não dominar gêneros do campo acadêmico e argumentamos que esses gêneros podem operar como símbolos de poder dentro do espaço universitário. Nesse particular, a discussão foi enriquecida pela articulação dos conceitos de campo, *habitus* e capital, de Bourdieu, com a noção de esfera, do Círculo Russo, em crítica à visão de habilidades de leitura e escrita como neutras e universais, evidenciando como as relações de poder e os contextos sociais influenciam as práticas de letramento. Nesse sentido, as dificuldades relatadas pelo estudante são apresentadas como um produto de um sistema educacional excludente, e não como falha individual.

Observamos que a tendência de estudantes a se autoacusar, mesmo diante do reconhecimento de limitações estruturais, reflete a ênfase meritocrática nas práticas letradas acadêmicas, que valoriza o esforço individual para a adequação aos códigos dominantes do ambiente





universitário. Ademais, asseveramos que a universidade espera que os estudantes se ajustem a modelos homogêneos de letramento, desconsiderando a influência de fatores socioeconômicos e experiências de escolarização anteriores, o que impacta desproporcionalmente estudantes de grupos minorizados, como evidenciado pelos dados do ENADE 2021, apresentados com vistas a aproximar o relato do estudante ao perfil de estudantes do Curso de Licenciatura em Letras/Português.

Percebemos o incômodo do estudante em estar no lugar que parece não lhe pertencer, sendo esta sensação resultado da internalização de práticas sociais que organizam e atribuem significado ao seu comportamento e atitudes enquanto pertencente a grupos minorizados. Essa exclusão simbólica manifesta-se em mecanismos de segregação acadêmica que podem se revelar de maneiras diversificadas no sistema acadêmico. Assim, a perspectiva bakhtiniana do heterodiscurso foi mobilizada para compreender como a ausência de acesso a vozes que estratificam o discurso acadêmico contribui para uma sensação de não pertencimento, ressaltando a importância de legitimar as diversas vozes e práticas de letramento trazidas pelos estudantes.

Por fim, vimos que a situação relatada pelo estudante, representativa de outros, contrasta com a de estudantes de classes privilegiadas, que têm acesso a variados recursos desde a infância. A busca solitária do estudante para se adequar às práticas letradas acadêmicas evidencia as desigualdades no acesso à cultura letrada. Contudo, a narrativa do estudante foi interpretada não como uma história de incapacidade, mas de resistência diante de um sistema que naturaliza privilégios. Ademais, assinalamos que a universidade deve se comprometer a oferecer condições favoráveis ao desenvolvimento acadêmico, adaptando-se à diversidade de letramentos, em vez de responsabilizar individualmente os estudantes por falhas sistêmicas.

As condições a serem pensadas para o acompanhamento de estudantes beneficiários de ações afirmativas apontam para o redimensionamento dessas políticas, sob diferentes espessuras, com medidas que envolvem desde a





ampliação da oferta de assistência estudantil à (re)construção de um currículo acadêmico que atenda à multiplicidade de letramentos.

Em suma, a análise empreendida, fundamentada na investigação ampla e na voz de um estudante de Letras, beneficiário de ações afirmativas, aclara as intrincadas conexões entre a construção da identidade acadêmica e as relações de poder envolvidas nos letramentos universitários, permeadas por interditos simbólicos e vieses estruturais de raça, poder e pertencimento.

A tendência de individualizar as dificuldades com as práticas letradas acadêmicas, interpretando-as como um déficit individual e fomentando a (auto)responsabilização do estudante, negligencia os obstáculos socioeconômicos e educacionais pregressos que marcam a trajetória de muitos graduandos. A autocobrança e o sentimento de culpa pela inabilidade acadêmica, mesmo diante do reconhecimento de obstáculos estruturais, evidenciam a internalização de uma perspectiva meritocrática que desconsidera o papel das esferas de poder e dos capitais em disputa no campo acadêmico. Essa dinâmica contribui para a emergência da síndrome do invasor e do não pertencimento ao mundo acadêmico, reforçada por mecanismos de segregação simbólica que silenciam vozes e deslegitimam saberes plurais. A solidão do percurso, na suposta autonomia do letramento, diante da ausência de redes de apoio e de um sistema universitário que frequentemente falha em se adaptar à diversidade de letramentos, explicita a urgência de um tratamento interseccional que considere as múltiplas dimensões que conformam a experiência acadêmica de indivíduos historicamente marginalizados.

Desta maneira, defendemos que a efetiva democratização do ensino superior demanda uma revisão crítica das concepções de letramento acadêmico, transcendendo a lógica do déficit e da responsabilização individual, para reconhecer e valorizar a heterogeneidade de experiências e vozes que compõem a Universidade, promovendo, assim, um espaço de pertencimento e enunciação plural.





REFERÊNCIAS

BEZERRA, Paulo. Prefácio. In: BAKHTIN, Mikhail. **Teoria do romance I: a estilística**. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

BOURDIEU, Pierre. **Pierre Bourdieu**. ORTIZ, Renato (org.). São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. INEP/DAES. **Relatório síntese de área Letras-Português (Licenciatura) - MEC/Inep/Daes - Enade/2021**. Brasília/DF: MEC/INEP, 2022.

COLLINS, Patricia Hill. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. v. 3 - Maquiavel: notas sobre o estado e a política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRILLO, Sheila. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. (org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2010.

KLEIMAN, Angela B. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola”. In: KLEIMAN, Angela B. (org.). **Os significados do letramento**. Campinas, S.P.: Mercado de Letras, 1995. 294 p. p. 15-61.

LEA, Mary; STREET, Brian. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução de F. Komesu e A. Fischer. **Filologia e Linguística Portuguesa**, 16(2), 477-493, 2014.

STREET, Brian V. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

STREET, Brian. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem**. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora





34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: o que é a linguagem/língua? *In*: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019[1930], p. 234-265.





No coração da ciência: O filme *Nise: O coração da loucura* e o silenciamento estrutural das mulheres cientistas no Brasil.

In the heart of science: the film *Nise: The heart of madness* and the structural silencing of women scientists in Brazil.

GOMES, Renata Gonçalves¹
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
gomex10@hotmail.com

CUNHA, Heloíse Marinho da²
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
hmc@academico.ufpb.br

FERRARI, Ana Maria da Cruz³
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
anamferrari@utfpr.edu.br

RESUMO: Esse artigo analisa o filme *Nise: O coração da loucura* (2015), dirigido por Roberto Berliner, que fala da história da psiquiatra brasileira Nise da Silveira durante seus anos no Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro. Sendo assim, analisamos as personagens de Nise e Ivone a partir de como suas realidades diegéticas eram capazes de dialogar com a história de mulheres cientistas do Brasil e a maneira na qual elas são silenciadas no longa em várias instâncias. Teorias de Rosenstone (2010), Ribeiro (2017) e Garland-Thomson (2005), são utilizadas para fundamentar, respectivamente, discussões quanto ao papel do cinema histórico e da cinebiografia, o silenciamento estrutural e os estudos feministas da deficiência. Através da análise e do levantamento de dados dos relatórios de desigualdade de gênero do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), concluímos a importância do diálogo entre essa cinebiografia e a realidade das mulheres cientistas do Brasil, pois consideramos a importância do presente em todas as representações do passado.

Palavras-chave: Nise da Silveira; Mulheres cientistas; Representação; Cinema brasileiro.

ABSTRACT: This article analyses the film *Nise: The heart of madness* (2015), directed by Roberto Berliner, that focuses on the life of Brazilian psychiatrist Nise da Silveira during the years she worked in the *Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro*. The research analyses the characters Nise and Ivone, considering how their diegetic realities dialogue with the history of the women scientists in Brazil and how they face the structural silencing in their area. Theories from Rosenstone (2010), Ribeiro (2017), and Garland-Thomson (2005) were utilized to substantiate the debate

¹ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8593-5088>/Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0103198573166011>.

² ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-6050-1056>/Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5204928952930802>.

³ ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4156-5644>/Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1004365765417771>.





related to the role of historical cinema and cinebiographies, the structural silencing, and feminist disability studies. Through this study and the data collection from *Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)*'s gender inequality reports, we have come to a conclusion regarding the importance of the dialogue between this cinebiography and the reality of women scientists of Brazil, since we consider the importance of the present in all representations of the past.

Keywords: Nise da Silveira; Women in science; Representation; Brazilian cinema.

1 INTRODUÇÃO

Desde sua criação, não apenas o cinema foi influenciado pela história e sociedade em que foi criado, mas o mundo em que vivemos também foi moldado por ele. Junto ao nascimento do cinema, a sociedade moderna volta-se à origem da psicanálise, do modernismo, da era da reprodutibilidade. Com isso, não apenas absorveu a linguagem da literatura, do teatro e da fotografia — artes anteriores à 1896, mas colaborou desde então para o desenvolvimento destes após o advento de sua criação.

No primeiro cinema, que tem seu fim em 1915, após a estreia de *O nascimento de uma nação*, de D.W. Griffith, a tentativa de construção de uma linguagem própria estava à frente de questões como ontologias, subjetividades e alteridade. Isso fica claro em muitas obras, como a do próprio Griffith que se trata de uma adaptação de cunho histórico, mas que carrega um tom ideológico suprematista branco e masculino.

O historiador Robert Rosenstone (2010, p. 62), ao falar de cinema, afirma que filmes “não são um espelho que mostram uma realidade extinta, mas construções, obras cujas regras de interação com os vestígios do passado são necessariamente diferentes das obedecidas pela história escrita.” A partir disso, somos levadas a pensar sobre quem está contando a história, como e sobre quem, entendendo que a estética é definitivamente relevante, mas que o ponto de vista sobre o que se conta é essencial.





Pesquisas, como a de Sarmet e Tedesco (2018), que traçam a participação de mulheres no cinema, sejam elas brancas, negras, *queers* ou com deficiência, reforçam a falta de representação por trás das câmeras. A falta de diversidade dentro das equipes de cinema é vista nos filmes que nos são entregues e nas histórias feitas em concordância com uma norma dominante. Essa ocorrência se dá por ainda vivermos em uma sociedade alinhada aos desejos do patriarcado e da branquitude, como é destacado pela cineasta Anna Muylaert quando diz que “no mercado, quanto mais dinheiro tem, mais se acredita nos homens e menos se acredita nas mulheres” (Muylaert 2018 *apud* Sarmet; Tedesco, 2018 p. 146). Tal afirmação da cineasta é corroborada por Bárbara Bergamaschi que disserta:

A história já é bastante conhecida. Essenciais para o desenvolvimento da indústria cinematográfica, diretoras, montadoras e roteiristas tiveram suas memórias relegadas às notas de rodapé da história oficial do cinema. Como muitos historiadores já apontaram, as mulheres estiveram na área cinematográfica desde seu nascimento, ocupando cargos de liderança e áreas criativas. Será somente por volta do final da década de 1920, quando os grandes estúdios começam a lidar com enormes somas de dinheiro dos patrocinadores e quando surge a divisão de trabalho do *studio system*, que homens escanteiam mulheres experientes para fora do jogo competitivo do show business. (Bergamaschi, 2022, site do IMS)⁴

Portanto, o cinema quando se encontra em um formato industrial e lucrativo, ainda no início do século XX, retira as mulheres do protagonismo. Sendo mulheres, é possível afirmar que essa realidade não está presente apenas na área do audiovisual, mas também em outras áreas desenvolvidas no contexto patriarcal, racista, classista, homofóbico e capacitista em que nos deparamos no Brasil. Essa retirada das mulheres do protagonismo acaba por silenciar profissionais de diversas áreas e por inscrever um ponto de vista

⁴ Disponível na página *Blog do cinema*, no site do Instituto Moreira Salles. O texto de Bergamaschi intitulado *O surrealismo feminista de Germaine Dulac*, de 06 de abril de 2022, é uma introdução a uma mostra de filmes da cineasta alemã que aconteceria no IMS. Disponível em: <https://ims.com.br/blog-do-cinema/o-surrealismo-feminista-de-germaine-dulac/>. Acesso em 15 out. 2025.





único, ou uma história única, como diria Chimamanda Adichie (2019), em obras culturais e de conhecimento produzidas no país. É pensando nesse contexto que essa pesquisa nasce.

Esse artigo é fruto de uma das linhas de pesquisa do Projeto Saberes: *Desenvolvimento Integral das Meninas e Mulheres na Ciência* (UTFPR), cujo objetivo é incentivar meninas e mulheres em condição de vulnerabilidade social a fazerem seu ingresso nas carreiras de Ciências Exatas, Engenharias e Computação. Além da entrada, um dos grandes interesses do projeto é permitir que esses grupos permaneçam e ascendam dentro dessas áreas, buscando encorajar o avanço científico no Brasil. Nesse sentido, há um interesse por parte do projeto em refletir sobre a representação de mulheres cientistas na cultura nacional. Isso porque defendemos que os produtos culturais nacionais, em especial o cinema, podem ser uma fonte de empoderamento e identificação feminina quando retratam mulheres positivamente na frente das câmeras. Além disso, o projeto acontece em parceria com a Universidade Federal da Paraíba e com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Na história de nosso país, tivemos mulheres ilustres tais quais Elisa Frota Pessoa⁵ e Enedina Alves Marques⁶ —que foram grandes nomes femininos em suas respectivas áreas. Sabendo disso, e buscando direcionar essa pesquisa para a área do cinema, nosso primeiro passo metodológico foi o de buscar, principalmente, cinebiografias de mulheres cientistas brasileiras, independentemente de suas áreas de atuação profissional. Para isso, fizemos buscas de trabalhos acadêmicos que abordassem o mesmo tema. Após consultas no *Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e em diversos sites e acervos de busca no *Google*, poucos trabalhos foram encontrados. Como resultado, observamos a escassez

⁵ Elisa Frota Pessoa (1921-2018), nascida no Rio de Janeiro foi uma das primeiras mulheres a se formar em física no Brasil. Participou da fundação do Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas (CBPF) e coordenou o Laboratório de Emulsões Nucleares nesta instituição.

⁶ Enedina Alves Marques (1913-1981), era paranaense e foi a primeira mulher negra engenheira civil no Brasil. Trabalhou na Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Paraná e foi chefe de hidráulica e chefe da divisão de estatísticas e do serviço de engenharia do Paraná.





de criações sobre cinebiografias que retratam mulheres cientistas com produção brasileira. Dessa forma, chegamos ao resultado de que há a escassez de cinebiografias sobre o tema e, quando há, a maior parte delas retrata mulheres brancas.

Durante a busca, foi notável que a criação de documentários era mais numerosa do que a do gênero cinebiografia — o que pode ser uma escolha estratégica orçamentária, já que produções de ficção são geralmente mais caras. A série documental *Ciência: substantivo feminino* (2024), dirigida por Kenya Zanatta, Juliana Borges e Pedro Gorski, e o longa-metragem documental *Bertha Lutz - A Mulher na Carta da ONU* (2019), dirigido por Guto Barra e Tatiana Issa, são exemplos disso. Outra hipótese pelo número mais vasto de documentários do que de cinebiografias é o de que isso aconteça partindo do princípio de que o último é um gênero em que as obras são compostas inevitavelmente por elementos ficcionais (Rosenstone, 2010, p. 137). Poderia então o documentário trazer uma ideia ilusória de que é um gênero mais verossímil com a realidade, mais fiel aos fatos históricos, o que é uma grande falácia — que a teoria do cinema em diálogo com a da história e da literatura, por exemplo, já resolveu.

Após essa pesquisa, optamos por trabalhar com a cinebiografia *Nise: O coração da loucura* (2015), dirigida por Roberto Berliner, por retratar uma pesquisadora e cientista de grande relevância do século XX, a partir do gênero cinebiografia— e não documentário. O enredo do longa-metragem se passa nos anos 1950, no período em que a cientista e médica psiquiatra Nise da Silveira (interpretada por Glória Pires) atuava no Centro Psiquiátrico em Engenho de Dentro, na cidade do Rio de Janeiro. Nesse contexto, passamos a refletir sobre os desafios enfrentados por Nise no contexto diegético do filme para exercer sua profissão em um meio completamente dominado pela presença masculina, sendo ela e Ivone, a enfermeira, as duas únicas mulheres retratadas no hospital.

O filme é uma adaptação do livro *Nise, arqueóloga dos mares* de 2008 do jornalista Bernardo Horta, que também foi consultor de roteiro do longa





(Bertin, 2025, p. 6). Apesar de ser uma adaptação literária, optamos por trabalhar apenas com o filme, uma vez que entendemos a adaptação como uma obra independente sem deixar de estar intertextualmente ligada à obra originária. Isto é, pensamos o filme como uma obra palimpsestica, uma inscrição em outra inscrição, ao entender que nada no mundo pós-moderno carrega a noção de originalidade (Hutcheon, 2006, p. 6).

Voltando à personagem Nise, podemos defini-la a partir de sua representação na cinebiografia como uma grande psiquiatra, conhecida pelo seu papel na luta antimanicomial no Brasil e pelo seu pioneirismo na sistematização do uso da terapia ocupacional como forma de tratamento para doenças mentais. Ao observarmos a trajetória dessa grande pesquisadora na obra cinematográfica, passamos a refletir sobre como o contexto patriarcal em que ela está inserida dificulta ou não a sua performance enquanto profissional.

A partir desse contexto, a pesquisa é conduzida em volta do objetivo geral de investigar de que forma Nise da Silveira é representada no longa-metragem enquanto mulher cientista em psiquiatria no Brasil dos anos 1950. A escolha do filme foi realizada a partir do desejo de observar a representação de uma mulher cientista vivendo em contexto brasileiro, para que este estudo pudesse encaixar-se com a realidade do projeto maior o qual faz parte, além de promover um diálogo com as cientistas mulheres de nossa época. Portanto, a partir desse princípio, buscamos responder às seguintes questões: a) como Nise é representada no cinema, enquanto uma mulher vivendo no campo da ciência na metade do século passado brasileiro? b) de que forma podemos refletir sobre a questão de gênero atrelada à outras identidades, tais quais as de raça, classe e deficiência.

Nossa abordagem teórica é embasada por reflexões de teóricas da crítica feminista interseccional e da teoria do cinema. Sendo assim, as reflexões que buscamos trazer aqui mais adiante partem do princípio de que a crítica feminista é aquela que é produzida simultaneamente a partir da noção de dentro e de fora da cultura —assim como as mulheres que estão





concomitantemente no cinema como representação e fora dele como sujeitos de práticas (Lauretis, 1984, p. 100).

À luz dessas noções estruturais da pesquisa, justificamos sua relevância uma vez que a fortuna crítica sobre cinebiografias de mulheres cientistas é escassa. Não apenas os estudos sobre, mas as próprias cinebiografias sobre o tema do protagonismo feminino na ciência no cinema nacional. Ademais, essa pesquisa aborda a importância da arte e da cultura como ferramentas para sermos capazes de compreender a realidade, utilizando a representação como uma forma de apresentar novas possibilidades para o seu público.

Ao falarmos de um filme representando uma figura histórica e ao fazermos essa correlação com a época em que vivemos atualmente, reconhecemos o presente como o *locus* de todas as representações do passado (Rosenstone, 2010, p. 38). Portanto, as escolhas tomadas no filme e em como ele representa —ou deixa de representar— certas personagens, representam não apenas a época em que *Nise: O coração da loucura* se passa, mas também a época em que o longa-metragem foi produzido.

Isto posto, a análise levará em consideração os campos diegéticos e extradiegéticos existentes no filme. Ou seja, irá considerar a narrativa que nos é apresentada pelo próprio filme e o que está inserido nesse mundo ficcional, mas também narrativas do universo extradiegético. Utilizaremos alguns quadros (*frames*, no inglês) do filme para analisarmos o texto verbal e visual do filme, ou seja, refletindo sobre como *props*, cores, figurino, cenário, atuação, enquadramento e luz podem conter significados para a interpretação de cenas selecionadas.

Logo, o artigo foi desenvolvido através de métodos investigativos qualitativos, com uso de revisão bibliográfica e análise fílmica. A revisão bibliográfica se desenvolveu por meio da leitura de artigos científicos publicados em periódicos, livros e teses para fundamentar a discussão acerca do filme a ser estudado. Não só isso, mas essas leituras também foram úteis para compreender a discussão referente à presença feminina quando pensada no contexto da ciência no Brasil, juntamente com o estudo de relatórios do





Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística sobre desigualdade de gênero no Brasil.

2 OS DIÁLOGOS ENTRE NISE E AS MULHERES CIENTISTAS DO BRASIL

É possível afirmar que há uma representação desigual de gênero, raça, classe e deficiência dentro do âmbito da ciência e, principalmente, quando pensamos no Brasil dos últimos anos pois este é o quarto, entre os países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, com os menores percentuais de mulheres graduadas no Ensino Superior (Brasil, 2024, p. 7). Essa é uma realidade evidenciada especialmente nos cursos CTEM (Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática), os quais essas mulheres podem até possuir o acesso à graduação, mas muitas vezes não chegam a concluir.

No entanto, no Relatório de Estatística de Gênero do IBGE (2024), vimos um dado curioso: as mulheres residentes no Brasil possuem, em média, maior nível de escolaridade quando comparadas aos homens. Nesse caso, os diferenciais de raça possuem maior impacto daqueles de gênero, visto que quase o dobro de mulheres brancas (29%) detém Ensino Superior completo quando comparadas com mulheres pretas e pardas (14,7%). Sendo assim, por que sabemos menos de cientistas mulheres? E quantas delas são negras? Quais as chances dadas a elas para terem crescimento dentro de suas áreas? Essa falta de destaque não acontece por uma inferioridade quanto às suas competências ou habilidades enquanto pesquisadoras, e sim, por precisarem ultrapassar adversidades referentes às suas condições dentro da sociedade.

É comum as mulheres não persistirem em carreiras científicas pelos inúmeros contratemplos que podem ser encontrados ao decidir seguir a área de pesquisa. Isso se mostra no fato de que, apesar de serem a maioria dentro das graduações, ainda existem poucas docentes no nível superior brasileiro (Brasil, 2024, p. 7), o que demonstra a instabilidade em atividades acadêmicas e a falta de incentivos necessários para manter cientistas mulheres estudando. Esse





fato ocorre em decorrência de como essas áreas de estudo normalmente “são regidas por contratos de curto prazo, com baixa segurança de emprego, o que criaria um impasse entre a carreira e a maternidade” (Bolzani, 2017, p. 56), sendo um empecilho também para mulheres mais pobres e que precisam trabalhar para obter uma fonte de renda para seus lares.

Logo, podemos notar a forma como, mesmo tendo um número alto de mulheres cientistas no Brasil, poucas delas conseguem sustentar-se na área de pesquisa e um número ainda menor recebe a devida notoriedade ou cargos de chefia. Somos confrontadas com esse fato de forma global quando examinamos os dados do Prêmio Nobel: de 1901 até 2024, somente 25 mulheres receberam o Prêmio Nobel (Nobel, 2025). Ou ainda, em instância nacional quando temos os dados da Sociedade Brasileira para o Progresso na Ciência (SBPC), em que só 3 mulheres estiveram na presidência em seus 69 anos de existência (Bolzani, 2017, p. 59). Esses dados não surgem de uma falta de competência das mulheres que existem nessa área, e sim, como reflexo da sociedade patriarcal.

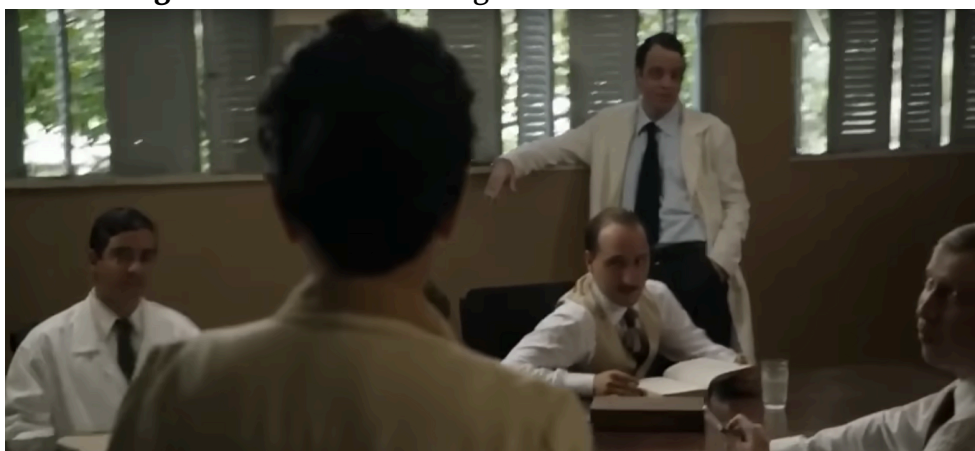
Os nomes insignes da ciência são, em maior parte, masculinos e brancos e isso não acontece por serem uma maioria indiscutível na área, mas por serem aqueles permitidos, através de privilégios históricos, a atingir o mais alto nível de pesquisa científica. Seja por estarem em posições de poder na academia, ou pela hierarquização de uma epistemologia que historicamente desconsidera a realidade de grupos minoritários e traz uma noção de superioridade para “a explicação epistemológica eurocêntrica, conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e assim inviabilizando outras experiências do conhecimento” (Ribeiro, 2017, p. 24).

Portanto, trata-se de um silenciamento estrutural das mulheres que vivem em sociedades patriarcais. Em *Nise: O coração da loucura*, é perceptível que a protagonista é diminuída por seus colegas médicos por diversas vezes. Nos primeiros vinte minutos de filme, já vemos nossa protagonista sendo ignorada por seus colegas de profissão. Assistimos ela ser enviada para o setor



de Terapia Ocupacional, pois após voltar para exercer sua função no Centro Psiquiátrico em Engenho de Dentro, Nise se depara com novos “tratamentos” desumanos tais como o eletrochoque e lobotomia, além do descaso com os pacientes. Por discordar dos métodos utilizados por seus companheiros do hospital, ela é colocada em uma ala considerada “menor” no centro psiquiátrico e é considerada alguém menos capaz que os homens com quem divide sua ocupação.

Imagem 1 - Outros médicos ignoram Nise na sala de reuniões



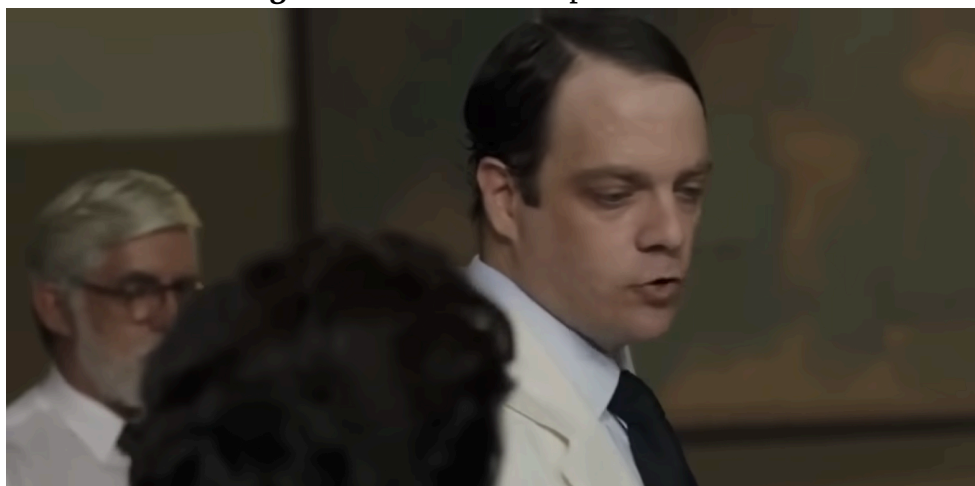
Fonte: *Nise: O coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015, Tempo: 00:17:23)

Além de ser ignorada, Nise é colocada em uma posição de fraqueza. Isso por ser contrária aos procedimentos de lobotomia e tratamento de choque, pois acredita que esses tais tratamentos não resolvam as questões psiquiátricas de seus clientes e ainda os submeta à tortura. O que o filme nos coloca, a partir da Figura 1, é uma contradição. Mesmo que a visão psiquiátrica de Nise seja completamente rechaçada e ignorada como uma possibilidade de tratamento, três dos quatro médicos a olham, têm atenção presa a ela. Seus colegas a viam como fraca, mas o enquadramento em *plongée*, quando a vemos de costas e de cima para baixo, nos dá a impressão de que Nise é maior do que seus colegas —ela disputa o enquadramento com eles, e também o poder no Centro, mas vence em tamanho (e, mais adiante, enquanto psiquiatra) por estar em primeiro plano —ou por acreditar e colocar sua ideia em primeiro plano.



Mais adiante na cena, Nise tenta conversar com os outros médicos do Centro para apresentar suas propostas para a melhoria do local. Nesse momento, Nise é brutalmente ignorada por todos os presentes. Um personagem a ser destacado, no entanto, é o doutor César que interrompe a médica durante a apresentação dos seus pensamentos e diz ter “muitos pacientes para tratar”.

Imagem 2 - César interrompe a fala de Nise



Fonte: *Nise: O coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015, Tempo: 00:18:13)

O desinteresse não é apenas desse personagem em específico, como de todos os outros presentes. Durante a reunião, nenhum deles manifestou vontade de ouvir as propostas de melhorias trazidas por Nise para o hospital, principalmente por ela ter ideias contrárias aos métodos até então adotados no local. Os médicos psicanalistas, com suas vestimentas brancas de costume e seus semblantes asseados, não demonstram interesse em alternativas para promover uma melhor qualidade de vida aos pacientes, apenas em promover uma cura a qualquer custo. Nesse sentido, os médicos ali presentes, todos homens de classe alta e brancos, veem seus pacientes de forma capacitista, ou seja, em um eterno trabalho na tentativa de normatizá-los, curá-los de suas limitações.

É interessante notar como a atitude de Nise adota uma postura semelhante ao da linha teórica dos estudos feministas da deficiência. A ótica trazida por esse modelo teórico articula as opressões de gênero e a





normatização de pessoas com deficiência, utilizando uma perspectiva interseccional para estabelecer um diálogo entre outras opressões sociais e o capacitismo. No filme, a protagonista vai de encontro ao desejo comum dos outros médicos de buscar uma forma de solucionar as limitações (no inglês, *impairment*), ou seja, partindo do princípio de enxergá-las como uma patologia e não uma variação humana (Garland-Thomson, 2005, p. 1557). Ao considerarmos o contexto manicomial do filme, a postura de Nise é inusitada, pois ia no sentido contrário ao que a medicina entendia por deficiência na época.

De tal forma, por não seguir os ideais dos outros médicos, Nise é considerada “inapta” para clinicar no hospital e é colocada no setor de Terapia Ocupacional, que demonstra claros sinais de sucateamento e falta de recursos. O doutor César, inclusive, caracteriza a área pejorativamente como “uma costurazinha” (Nise: O coração da loucura, Roberto Berliner, 2015, 00:18:02), dando a entender que essa era uma forma de tratamento com menor eficiência e seriedade. O personagem não vê as ocupações como uma terapia capaz de curar os pacientes da mesma forma que a lobotomia ou a terapia de choque. Quer dizer, o tratamento de Nise não buscava um ideal de cura, mas uma estabilidade emocional e psíquica para que os pacientes pudessem ter qualidade de vida fora da internação. Logo, a fala de César não apenas carrega forte preconceito contra a área da terapia ocupacional, como também demonstra sua visão misógina e de desprezo ao que é considerado uma atividade feminina. Para ele, é como se suas atividades fossem “mais científicas” ou “mais sérias” em comparação com as propostas de Nise da Silveira.

Sendo assim, precisando agir com menos recursos, somos apresentadas à realidade da ciência brasileira através da dificuldade de Nise em implantar seu pensamento científico na prática de sua profissão. Nesse sentido, Ribeiro (2017, p. 28) acerta ao dizer que “certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são





fortalecidas”, i.e., que o conhecimento ou a construção dele não é permitida a todas as pessoas. Nesse caso, em muitos momentos as convicções de Nise são desconsideradas pelos outros médicos, os quais se isolam em suas próprias concepções sobre a melhor forma de tratar o que Nise chama de seus “clientes”. A divergência entre Nise e os outros médicos vai além do campo científico, mas denota uma clara dicotomia de gênero —que revela, através da linguagem de seus colegas médicos, que o lugar de Nise (ou de mulheres), não é o da ciência, da construção de pensamento.

Imagem 3 - Nise chega ao setor de Terapia Ocupacional



Fonte: *Nise: O coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015, Tempo: 00:13:38)

O comportamento dos médicos, como já dito anteriormente, isola a protagonista no longa-metragem — que é um reflexo da própria vivência de Nise da Silveira ao longo de sua carreira. Os conflitos vividos por Nise nesse contexto, nos trazem um retrato da realidade da ciência no Brasil e do tratamento recebido por essas cientistas mulheres. Nesse sentido, o cinema funciona como meio de representar e denunciar a disparidade de gênero na ciência em uma sociedade moderna em desenvolvimento e patriarcal.

Em paralelo ao isolamento e silenciamento que Nise sofre, outra personagem chama-nos a atenção: Ivone. A personagem, representada por Roberta Rodrigues, nos é apresentada já no começo do filme e recebe pouquíssimo destaque. Ela é trazida para representar Dona Ivone Lara, mais conhecida hoje por ter sido uma grande sambista, mas que trabalhou com Nise





no Centro. Ivone, como é chamada no longa-metragem, antes de ser a sambista canônica que é, formou-se no curso de Enfermagem e atuou na área. O filme retrata esse período de trabalho de Dona Ivone Lara junto com Nise, mas não desenvolve a personagem. Podemos dizer que Ivone é uma personagem plana (Candido, 1968), que não nos surpreende e que tem pouca ação. A partir disso, compreendemos que Ivone é uma personagem secundária e que pouco se envolve com as ideias de Nise.

Sem dúvidas, reconhecemos que a proposta do longa é nos contar a história de Nise da Silveira, mas buscamos aqui destacar como Ivone não possui nem mesmo um arco próprio enquanto a única mulher negra do filme e também cientista — uma vez que, em conjunto com Nise, ambas trabalham na tentativa de implantar ideias semelhantes no tratamento dos clientes. Vemos personagens como Lima, o outro enfermeiro e homem branco, ter embates com Nise e se desenvolver enquanto um profissional mais humano e criando vínculos com os outros clientes — ou seja, ao longo do enredo, Lima nos surpreende, por ter uma narrativa própria. Sendo assim, por mais que Lima seja um personagem coadjuvante, ele é desenvolvido como um personagem redondo (Candido, 1968), ou seja, que nos surpreende e se desenvolve. Outra personagem interessante de se comparar com Ivone é Marta, artista plástica branca e jovem que aparece para auxiliar a equipe e acaba se envolvendo afetivamente com Rafael, cujo tratamento demonstra melhora após sua chegada. Nesse sentido, Marta, assim como Lima, pode ser considerada uma personagem esférica na narrativa.

Isto posto, vemos como a única mulher negra no filme, nem mesmo recebe a chance de ser desenvolvida enquanto uma personagem. Essa, no entanto, trata-se de uma clara escolha feita pela equipe do filme e não uma condição da figura que inspirou a personagem. Ivone Lara era enfermeira e assistente social, com contribuições relevantes para a luta antimanicomial, tornando-se conhecida por utilizar musicoterapia como tratamento (Pinto, 2024, p. 40). Não há dúvidas que, enquanto profissional, ela foi uma





personalidade com participação de influência rara em sua área de atuação científica e que deixou seu legado na história. Todavia, em sua representação no filme, ela perde espaço para que outros sejam desenvolvidos na história e acaba praticamente sendo apagada e silenciada. Sendo assim, a contradição da obra reside exatamente nesse ponto, uma vez que ao tentar denunciar as dificuldades de Nise enquanto cientista branca no Brasil dos anos 1950, acaba por (in)visibilizar outra cientista, dessa vez negra. É evidente, portanto, que, ainda que ambas mulheres, a raça a qual cada uma pertencia as coloca em posições diferentes no filme. Como dissemos, as obras fílmicas podem trazer esclarecimento às questões sociais a serem resolvidas, assim como podem reforçá-las, como é o caso desta.

As participações de Ivone são, majoritariamente, breves. Em uma delas, pede para um cliente não tocar no cabelo da doutora, apresenta-se nesse lugar de cuidado quase servil, para com eles, mas nunca demonstra uma vontade própria. Vemos Ivone tentar trazer alguma ordem na viagem que eles fazem junto aos clientes, puxando-os para que não se dispersem e depois sendo pedida para que “pare de exagero”. Nise, enquanto uma mulher cientista tem dificuldades em ser ouvida por seus colegas médicos, porém vemos Ivone nem mesmo chegar a falar —uma evidente diferença interseccional de gênero e raça.

Imagem 4 - Ivone segura dois clientes pelos braços na excursão



Fonte: *Nise: O coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015, Tempo: 00:48:46)

Letr@ Viv@, v. 1 n. 1 (2026)





Nessa cena, como já mencionado, Ivone é vista por Nise como exagerada — como se quisesse controlar o que, aos olhos de Nise, já estava controlado. Em cena, Ivone, em primeiro plano, ganha destaque para percebermos sua expressão de estar perdida, entrelaçada de mal jeito com dois clientes. Se olhar para trás, parece buscar ajuda — um tom até cômico, como se exagerado para a sua realidade. A luz do parque vai de encontro à Ivone: enquanto os dois clientes à sua frente vão ao encontro da luz, ou seja, simbolicamente, da redenção, Ivone sente-se desamparada, com expressão de quem não sabe para onde ir.

Ao vermos o espaço que Ivone ocupa — neste caso, não ocupa — no filme, reconhecemos que é impossível analisar Nise e a enfermeira da mesma forma. Enquanto Nise busca alternativas para enfrentar seu silenciamento estrutural durante o filme, temos o silêncio de Ivone que é fruto do campo diegético da história e, também, do extradiegético. Isso reforça o que já mencionamos, a partir de Rosenstone (2010), sobre o *locus* das representações do passado serem o tempo presente, o que marca necessariamente dois tempos concomitantes, neste caso a década de 1950 (campo diegético) e a década de 2010 (campo extradiegético). Sendo assim, é marcado no filme uma crítica sobre a questão de gênero e ciência, mas não de gênero, raça, classe e ciência. A criação da personagem Ivone silencia-a não apenas por seu gênero, mas também por sua raça — o que a difere de Nise. Salvaguardando as diferenças contextuais, Ivone parece-se em um lugar semelhante ao das 14,7% de mulheres pretas e pardas com Ensino Superior completo no Brasil atual, vista a forma na qual elas se apresentam enquanto uma antítese da branquitude e da masculinidade (Ribeiro, 2017, p. 37).

3 NISE E A ABORDAGEM DOS ESTUDOS FEMINISTAS DA DEFICIÊNCIA

Ao analisarmos o silenciamento da personagem Nise na cinebiografia, dissertamos especificamente sobre a negação de seus colegas médicos psiquiatras do Centro em aceitar abdicar de seus métodos conservadores, já





bastante testados e sem resultados efetivos, para conhecer novas ideias. Quando volta de seu exílio para o Centro Psiquiátrico de Engenho de Dentro, Nise confronta as concepções da sua época de tratamento para pacientes crônicos. Em um momento no qual os psiquiatras usavam da lobotomia e do tratamento de choque como medidas para promover uma cura imediata e desinteressada no aspecto humano de quem está sendo tratado, a protagonista busca o uso das artes plásticas como um alívio e uma forma de reintegrar as pessoas com deficiência na sociedade e tirá-las da condição vitalícia de tratamento.

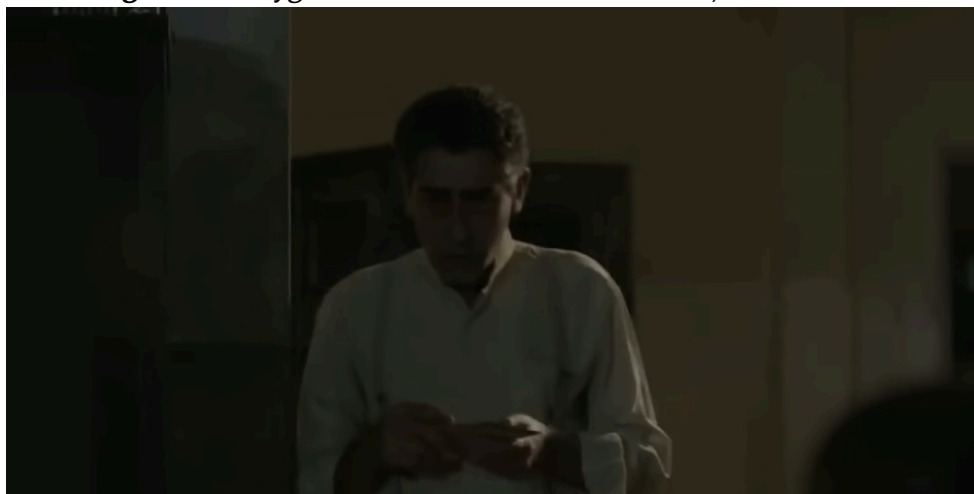
Isto posto, um grande destaque do filme é o arco do personagem Emygdio, baseado no artista plástico Emygdio de Barros. No filme, ele é apresentado como um dos grandes destaques do tratamento de Nise por apresentar talentos artísticos inesperados e composição de obras que acabaram por receber aclamação dos críticos artísticos da época. Ao sermos apresentadas ao seu diagnóstico, descobrimos que Emygdio foi diagnosticado como “crônico incurável” e está internado há cerca de 20 anos (Nise: O coração da loucura, Roberto Berliner, 2015, 01:01:06).

Todavia, com o decorrer do filme e graças ao processo de tratamento, vemos a melhora na condição de Emygdio pouco a pouco. Ele é levado para conversar com seu irmão e cunhada — um ex-amor do próprio —, conhece o crítico Mário Pedrosa pelo qual é elogiado grandemente e, por fim, o vemos entregar uma carta solicitando sua volta para casa como na figura abaixo:





Imagem 5 - Emygdio deixa sua carta sobre a mesa, solicitando alta



Fonte: *Nise: O coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015, Tempo: 01:21:46)

De tal forma, neste processo a autonomia e a decisão do personagem são respeitadas, vista a maneira como ele recebe alta do hospital pouco após a realização desse pedido. No entanto, Nise ainda destaca a importância de mantê-lo em tratamento, apesar de sua saída do hospital, e demonstra receio de deixar seu cliente ir tão cedo. Isso é um reflexo não de uma falta de vontade de que ele seja reintegrado à sociedade, mas o reconhecimento de que ele possui uma condição que perdura há muitos anos e que pode piorar após sair do centro psiquiátrico. Afinal, a limitação não seria a parte mais difícil da adaptação de Emygdio —especialmente considerando o sucesso do tratamento—, mas o estigma e o *status* existente para a comunidade de pessoas com deficiência (Garland-Thomson, 2005, p. 1567).

Vemos em Nise um pensamento semelhante ao que conhecemos como “estudos feministas da deficiência”, que questiona a deficiência enquanto um defeito inerente ao ser humano que a possui. Os estudos da deficiência se aprofundam exatamente na ideia de enxergar a deficiência como um fator a ser analisado em uma ótica interseccional, que opera juntamente com gênero, raça, sexualidade e classe (Garland-Thomson, 2005, p. 1582). Inclusive, ao abordarmos a maneira como Nise se comporta no filme, enxergamos não preocupação em promover uma forma de eliminar as limitações de seus pacientes, mas o desejo de lhes proporcionar uma maior qualidade de vida.





Vale destacar, também, a forma como Garland-Thomson e Nise trabalham com a questão da deficiência em semelhança. Ao falar da deficiência, Rosemarie Garland-Thomson (2005) utiliza o termo “*impairment*” — em português, limitação —, trabalhando nela como uma visão da variação humana que possui diferentes implicações sociais, muitas vezes possuindo uma percepção cultural de algo a ser corrigido ou retirado. No entanto, a realidade é que essa não somente é uma variação humana como, também, uma das experiências mais comumente compartilhadas pela humanidade — até porque todos vivemos com a chance de um dia possuir uma ou mais formas de limitações (Garland-Thomson, 2005, p. 1568).

Levando isso em consideração, Nise carrega essas ideias dos estudos feministas da deficiência quando está tratando seus clientes e demonstra grande compreensão para com eles. Somos apresentadas a essas ideias por seus comportamentos, como sua preferência em utilizar a palavra “cliente” no lugar de “paciente”, afastando aquelas pessoas da ideia de adoecimento e reconhecendo suas reações a sentimentos como ciúmes, tristeza e alegria enquanto parte de suas experiências como seres humanos. Um exemplo disso é quando ela afirma que seu cliente, Fernando, não deveria passar por uma lobotomia por ter enfrentado uma crise de ciúmes e que aquilo era uma situação que poderia acontecer com qualquer pessoa (Nise: O coração da loucura, 2015, 01:09:29). Nise enxerga nos clientes suas condições de poderem sentir, de serem humanos e de se expressarem através da arte.

Em múltiplas instâncias, nos confrontos entre ela e os outros médicos, somos apresentadas às ideias conservadoras compartilhadas por eles. Nise, no entanto, permanece firme na sua posição e desconsidera a ideia da lobotomia como possibilidade de correção para as limitações, apresentado no momento da figura 6.



Imagem 6 – Nise discute com outros médicos sobre a ideia de “cura”



Fonte: *Nise: O coração da loucura* (Roberto Berliner, 2015, Tempo: 01:02:31)

Enxergamos acima, então, Nise tentando convencer dois colegas médicos da eficiência de seu tratamento. Eles se mostram em oposição a ela na cena, ambos juntos lado a lado enquanto a protagonista do filme está isolada mais ao canto esquerdo do quadro. Durante esse momento, César questiona a Nise qual seria o momento em que seus pacientes teriam alta e Nise, em contrapartida, lhe retruca que não sabe quando ou até se um dia seus clientes receberão alta. Por outro lado, alguns clientes como Lúcio — antigo paciente de César, mostrado no início do filme como um homem agressivo — já apresentavam melhoras no comportamento. Os dois psiquiatras não se mostram abertos a essas ideias e preferem a manutenção de seus métodos, algo que fica explícito em como se portam com os braços cruzados e as mãos nos bolsos, mostrando o descaso com o que é dito por Nise.

No entanto, em um contexto histórico dos anos 1950, — especialmente considerando que o filme se passa em um centro psiquiátrico — adotar práticas terapêuticas da deficiência tão humanizadoras como Nise faz é algo inovador. É explícita a forma como os médicos utilizam de tratamentos nocivos à dignidade dos pacientes, oriundos de uma ideia dessas deficiências como uma insuficiência e algo a ser curado por eles. Em contraste, Nise move essas questões para além do campo médico, ao enxergar seus clientes e como suas particularidades são influenciadas pelo sistema social vivido por eles.



Fica evidente no filme como muita da aversão ao trabalho de Nise vem em decorrência de seu gênero. Todavia, além disso, também vemos uma recusa da aceitação de suas ideias, por serem inovadoras, causando estranhamento e repulsa nos demais médicos. As ideias dos médicos tratam os pacientes como pessoas dotadas de uma falha e isso nasce dos princípios e normas culturais de que seres humanos devem agir e parecer de uma certa forma (Garland-Thomson, 2017, p. 6). Nise, por outro lado, ao ouvir e permitir aos clientes se expressarem, dá espaço para as angústias deles e diminui a dor do local subalternizado em que se encontram. Nesse processo, muitos encontram espaço para serem reconhecidos enquanto artistas e são reintegrados na sociedade que tentou deixá-los de fora.

Em suma, é válido concluir que a postura adotada por Nise em seu papel no filme é a de uma feminista da deficiência. Talvez, pelo fato de ser oriunda de um lugar já silenciado enquanto mulher, ela já tivesse outra visão da complexidade de corpos com deficiência como os de seus clientes. Portanto, a realidade é que Nise da Silveira é retratada enquanto alguém que compreende como as identidades de seus clientes surgiam não como essência dessas pessoas e, sim, como o produto de construções sociais interseccionais com implicações sociais profundas (Garland-Thomson, 2005, p. 1566). Ela demonstra ser uma pessoa disposta a enxergar a humanidade nessas pessoas e lutar pelo direito delas de obterem uma maior qualidade de vida, como o fez na realidade durante seu papel na luta antimanicomial no Brasil que buscava a desinstitucionalização e o tratamento digno de pacientes psiquiátricos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tomando como base a articulação entre a análise das cenas do filme, juntamente com os dados apresentados e a teoria trazida quanto aos estudos feministas da deficiência, podemos atingir algumas respostas quanto às reflexões da pesquisa aqui levantada. Em primeira instância, consideramos a





realidade das cientistas brasileiras e como Nise da Silveira é representada no cinema enquanto uma cientista da área de psiquiatria vivendo nos anos 1950 no Brasil. Logo em seguida, pensamos também sobre a influência do campo extradiegético do filme e qual a sua influência em como essas profissionais são retratadas, a quem é dado o direito de ser considerada cientista? Quem recebe o destaque no campo diegético do filme *Nise: O coração da loucura* e como isso influencia nossa visão?

Ao decorrer do longa, somos enfrentados diversas vezes com atitudes de silenciamento e diminuição por parte dos médicos para com Nise. Essa postura de recusa aos métodos e ideias de uma mulher cientista se mostram em seus mais diversos posicionamentos, seja isolando-a em uma área abandonada e sucateada do hospital, ou até na postura que adotam quando ela chega na sala de reuniões para abordar novas ideias para seu setor e tratando-o como algo banal, ou como no momento em que envenenam os cães terapêuticos utilizados como recurso para os clientes da Terapia Ocupacional.

Em momentos como esses, a protagonista é isolada e alienada em sua posição no hospital e não há consequências para os envolvidos, muitas dessas decisões são incentivadas por seus superiores. Isso porque, como dito por Ribeiro (2017, p. 24) quem possui o privilégio social, possui o privilégio epistêmico, isso podemos enxergar claramente na forma como os métodos preferidos no Centro Psiquiátrico do Engenho de Dentro costumam envolver os utilizados pelos outros médicos homens e brancos: a lobotomia e o tratamento de choque. Nise desafia essas ideias no filme, preferindo utilizar tratamentos mais humanizados que envolvem as artes plásticas e, por essa ousadia, sofre represálias.

Essas imagens e reflexões do filme ainda conversam com a realidade da ciência brasileira. Vemos isso quando analisamos a forma como as mulheres são maioria entre as graduações no ensino superior no Brasil — com as mulheres brancas possuindo maior porcentagem entre grupos envolvendo homens e mulheres, negros ou brancos —, mas ainda são minoria em cargos mais altos de instituições científicas e na docência dentro da academia. Vemos,





então, que ainda há dificuldade para essas profissionais se manterem nessa área e como as mulheres permanecem sendo subalternizadas em um local de silenciamento epistêmico.

Ao acompanharmos Nise durante esse processo, essa experiência de desvalorização de seu papel enquanto cientista e médica psiquiatra, somos convidados não só a aprender sobre o passado dessa mulher e do nosso país, somos convidados a vivenciar as dores desse passado (Rosenstone, 2012, p. 34). Fora isso, o espectador é levado a encarar de frente como essa história não está apenas localizada nos anos 50 — quando se passa o filme —, mas permanece uma realidade em nosso país e nossa produção científica.

Em seguida, pensamos no processo de Ivone e como nem mesmo no filme é possível ouvir sua voz durante a narrativa. Ela não recebe o direito de ser trazida enquanto uma personagem redonda e ter seu próprio arco, desenvolvimento ou história. Enquanto outros personagens menores brancos possuem relances de profundidade — como Marta e Lima que mencionamos previamente —, Ivone é limitada ao lugar de cuidado e submissão. Isso nos fez questionar quem seria cientista e quem é permitido deixar sua marca na história.

Reiteramos, então, que o papel de subserviência é empurrado para Ivone na narrativa como uma consequência do campo extradiegético do filme e de uma escolha feita pela própria equipe que o produziu. Logo, essa personagem traz um exemplo narrativo explícito do silenciamento epistêmico ocasionado não somente pelo gênero, como também pela raça. Apesar de não ser o grande foco do filme, sua falta de participação demonstra um apagamento e reforça a branquitude como modelo valorizado e universal da ciência (Ribeiro, 2017).

Isto posto, discutimos, por fim, a postura humanizada e repleta de características dos estudos feministas da deficiência de Nise, que representa aos demais médicos do hospital uma ameaça aos tratamentos nocivos e indignos os quais eram permitidos realizar. Em contraste, Nise enxerga nos clientes não o aspecto do adoecimento que necessita de uma solução e, sim, como se transmutam em artistas e a maneira a qual esses processos





terapêuticos melhoram suas vidas. Com a alta e a melhora no comportamento desses indivíduos, comprova-se a eficiência e os avanços científicos trazidos pelas concepções da protagonista — ainda que tenham sido desdenhadas por seus colegas de profissão.

Em síntese, pensamos na obra não somente como uma cinebiografia qualquer que está representando uma mulher na ciência e os obstáculos enfrentados por ela; o filme *Nise: O coração da loucura* é o retrato de uma profissional da área científica que batalhou por seus clientes e pelo direito de ser ouvida nos anos 50 e dialoga com a realidade de milhares de mulheres ainda atualmente. Não somente pelos aspectos de luta contidos na narrativa, mas também pelo triste retrato da falta de uma representação vocal das mulheres negras nas áreas das ciências no cinema.

AGRADECIMENTOS:

As autoras agradecem ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pelo financiamento concedido para a realização deste projeto.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda. **O perigo de uma história única**. 1ª ed. Brasil: Companhia das Letras, 2019.

BERGAMASCHI, Bárbara. O surrealismo feminista de Germaine Dulac. *In: Blog do Cinema*. Instituto Moreira Salles, 6 abr. 2022. Disponível em: <https://ims.com.br/blog-do-cinema/o-surrealismo-feminista-de-germaine-du-lac/>. Acesso em: 15 out. 2025.

BERTIN, Patrícia. Análise do filme *Nise: O coração da loucura*: Um olhar sobre o sensível. **O Mosaico: Revista de Pesquisa em Artes**, Curitiba, v. 20, ed. 1ª, 2025.

BOLZANI, Vanderlan da Silva. Mulheres na ciência: Por que ainda somos tão poucas?. **Ciência e Cultura**, Campinas, v. 69, n. 4, p. 56-59, oct./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.21800/2317-66602017000400017>. Acesso em: 27 out. 2025.

BRASIL, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Estatísticas de gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil. 3. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2024. 15 p. Disponível em:





<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/multidominio/genero/20163-estatisticas-d-e-genero-indicadores-sociais-das-mulheres-no-brasil.html>. Acesso em: 27 out. 2025.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. *In: A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, pp. 51-80.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. **Extraordinary Bodies: Figuring Physical Disability in American Culture and Literature**. 20^a. ed. Columbia University Press, 2017.

GARLAND-THOMSON, Rosemarie. Feminist Disability Studies. **Signs**, The University of Chicago Press, v. 30, ed. 2^a, p. 1557-1587, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1086/423352>. Acesso em: 27 out. 2025.

HUTCHEON, Linda. **A theory of adaptation**. New York: Routledge, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.4324/9780203957721>. Acesso em: 27 out. 2025.

LAURETIS, Teresa de. Através do espelho: Mulher, cinema e linguagem. *In: LAURETIS, Teresa de. Alice Doesn't: Feminism, Semiotics, Cinema.*: Indiana University Press, 1984. cap. 1. Disponível em: <https://doi.org/10.2979/1066.0>. Acesso em: 27 out. 2025.

NISE: O coração da loucura. Direção: Roberto Berliner. São Paulo: Imagem Filmes Produtora Ltda, 2015. (109 min.), color. Disponível em: <https://youtu.be/irF9k-ON4gw>. Acesso em: 19 set. 2025.

NOBEL Prize-awarded women. *In: The Nobel Prize*. NobelPrize.org, 2025. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/lists/nobel-prize-awarded-women/>. Acesso em: 1 jun. 2025.

PINTO, Mariana. **A história que a história não conta: o protagonismo de Yvonne da Silva Lara na enfermagem brasileira**. Orientador: Mariane da Silva Xavier. 2024. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Enfermagem) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. 1^a. ed. Jandaíra, 2019.

ROSENSTONE, Robert. **História nos filmes, os filmes na História**. São Paulo: Paz & Terra, 2010. 264 p.

SARMET, Érica; TEDESCO, Marina Cavalcante. No cinema. *In: DE HOLLANDA, Heloísa Buarque. Explosão Feminista: Arte, cultura, política e universidade*. 1^a. ed.: Companhia das Letras, 2018. p. 138-155.





Amores interditos: Professores apaixonados em *Abdias*, de Cyro dos Anjos, e *Absolvição*, de Adriano de Paula Rabelo

Forbidden Love: Teachers in love in *Abdias* by Cyro dos Anjos and *Absolvição* by Adriano de Paula Rabelo

RIBEIRO, Marcelo Fernandes¹
Universidade Estadual Paulista (Unesp)
marcelofernanandesribeiro@yandex.ru

RESUMO: Percebe-se, na literatura contemporânea, a presença de uma série de narrativas que tematizam relações amorosas entre professor e aluna, assunto explorado também por autores clássicos como Stendhal, no exterior, e Mário de Andrade, no Brasil. Este artigo realiza uma comparação entre duas obras de autores brasileiros, uma publicada em 1945 e outra em 2022. Analisa-se como esse tipo de relação, sempre exposta a interdições e controle social, é retratada pelos dois escritores, como o tempo histórico e os parâmetros morais de cada período influenciam no desfecho dos dois relacionamentos. Enfocam-se também diversos elementos das narrativas em questão, como a construção dos personagens, a temporalidade e o espaço em que os eventos transcorrem, o ponto de vista dos dois narradores, suas perspectivas ao final do processo amoroso, os estilos de escrita dos dois autores, apontando as diversas convergências e discrepâncias entre os dois relatos.

Palavras-chave: Relação professor-aluno; Tabus e interditos; Controle social; Cyro dos Anjos; Adriano de Paula Rabelo.

ABSTRACT: Contemporary literature frequently features narratives centered on romantic relationships between teachers and students, a theme also explored by canonical authors like Stendhal abroad and Mário de Andrade in Brazil. This article compares two works by Brazilian writers, one published in 1945 and the other in 2022, analyzing how each one portrays such relationships, which are invariably marked by social taboos and scrutiny. It investigates how the historical context and moral frameworks of each era shape the trajectories of these affairs. This study further examines narrative elements such as character construction, temporality, and setting, alongside the perspectives of the two narrators, their reflections at the conclusion of the relationships they were involved in, and the authors' distinct stylistic approaches. By highlighting convergences and contrasts between the two accounts, this analysis reveals shifts in literary and societal attitudes across time.

Keywords: Teacher-student relationship; Taboos and prohibition; Social control; Cyro dos Anjos; Adriano de Paula Rabelo.

¹ ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-3671-2133>/Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0758609612814293>.





1 INTRODUÇÃO

Tanto a literatura brasileira quanto a estrangeira têm tematizado com certa frequência o espinhoso tema da paixão, quase sempre proibida, ou no mínimo muito inconveniente, entre professor e aluna. Afinal, como profissional, com idade mais avançada, mais experiência de vida, em posição de poder e exercendo a sua atividade publicamente numa sala de aula, está eticamente interdito ao mestre, que possui como único ativo a sua reputação, envolver-se amorosamente com suas discípulas. Mas as leis, os costumes, a moralidade pública e a conveniência não abarcam o campo dos afetos. Assim, a paixão pode vir a medrar naquele ambiente.

Apenas num lance de memória, pode-se recordar de uma série de obras que giram em torno do amor entre professor e aluna. Do clássico *O vermelho e o negro* (1830), de Stendhal, aos recentes *Desonra* (1999), de J.M. Coetzee e *O animal agonizante* (2001), de Philip Roth, o enredo se constrói em torno de uma figura masculina de professor que conquista o amor de uma aluna ou se torna obcecado por ela. Uma exceção nessa tendência é *Amar, verbo intransitivo* (1927), de Mário de Andrade, em que os papéis se invertem, com uma preceptora mais velha que conquista o amor de seu aluno adolescente. Um dos textos aqui analisados têm como mote o amor de Heloísa e Abelardo, uma história real de paixão entre professor e aluna, que resultou numa série de cartas que hoje compõem também um clássico da literatura francesa.

Duas obras brasileiras, coincidentemente de autores mineiros, um modernista e outro contemporâneo, retomam esse tema. Isso acontece no romance *Abdias*, de Cyro dos Anjos, publicado originalmente em 1945, e na novela *Absolvição*, de Adriano de Paula Rabelo, de 2022, parte do livro *A primeira pessoa: Duas histórias*, que serão analisados e comparados aqui.





2 OS TÍTULOS

É comum, na história da literatura, que o título de uma obra seja o nome de seu protagonista quando ele é o centro absoluto da ação. É o que acontece com *Abdias*. Tudo o que ficamos sabendo sobre o que se passa no drama amoroso do personagem principal nos é relatado por ele, bem como as reflexões que realiza e as descrições dos lugares que frequenta, das pessoas com quem se relaciona. É uma espécie de astro em torno do qual orbitam todos os outros personagens, todas as peripécias do enredo. Desse modo, nada mais natural que o título do romance seja simplesmente o seu nome.

Já *Absolvição*, se também possui um narrador-personagem que relata os acontecimentos que vivenciou, a personalidade e as atitudes desse personagem não preenchem a narrativa a ponto de praticamente monopolizá-la. O prefaciador do livro é muito arguto ao perceber isso e interpretar o título:

O título escolhido para enfeixar os dois relatos já intriga e faz pensar. Afinal, quem é a primeira pessoa em questão? Será o narrador, que conta e avalia acontecimentos protagonizados por ele? Será a figura que ele se tornará depois de enfrentar uma série de tribulações? Será a mulher amada e perdida traumáticamente, como acontece nas duas histórias? Será o amigo ou o familiar a quem se pode recorrer nas horas mais difíceis, pois estará do nosso lado de modo incondicional? Será mesmo uma *persona* coletiva hostil que representa a insensibilidade social aos sofrimentos individuais? Pode ser tudo isso, dependendo do que se ressalte na leitura que se fizer destes dois textos. Portanto, estamos diante de um título marcadamente polissêmico (Ruiz, 2022, p. 11-12).

Se não é possível determinar exatamente quem é essa *primeira pessoa* a que o título se refere, ou se ela pode ser várias pessoas, conforme o aspecto que ressalta na leitura, também aqui o título foi bem escolhido ao não centrar-se de maneira exclusiva na figura do personagem-narrador.





3 AS FORMAS

Em *Abdias*, toda a narrativa se constrói por meio das notas que o protagonista escreve num caderno que mantém escondido das outras pessoas. De início, parece que ele vai escrever um diário, mas suas observações são longas demais para se enquadrar na estrutura desse gênero. O próprio Abdias oferece uma classificação do texto que produz:

Não quero fazer-me pior, nem melhor. Desde que venho escrevendo neste caderno minhas confissões (precisamos confessar-nos ainda que a nós mesmos!) e que o simples diário do professor, destinado aos conhecimentos da vida escolar, se tornou repositório de tudo quanto acontece comigo, minha única preocupação tem sido com a fidelidade. Às vezes, me sai uma página apaixonada, em que me deixo arrastar pelas palavras; mas logo volto atrás, risco tudo, começo de novo, até que a verdade se mostre pura, despojada do que a imaginação lhe acrescenta (Anjos, 2014, p. 103).

Trata-se, portanto, de confissões do tipo daquelas produzidas por Santo Agostinho, Rousseau ou Tolstói, em que o confessando, em longas digressões, não se furta a revelar suas fragilidades, seus erros, suas atitudes estúpidas ou mesmo desonestas. Além disso, os valores de Abdias, bem como o universo por onde ele navega, são muito marcados por um catolicismo conservador no qual o sacramento da confissão tem um peso muito grande para a obtenção do perdão e o apaziguamento da consciência. Assim, todos os acontecimentos passam pelo crivo de sua escrita confessional, havendo pouco acesso ao ponto de vista dos outros personagens.

Em *Absolvição*, estamos diante de uma narrativa tradicional em *primeira pessoa*. Aparentemente o protagonista faz um relato falado dos eventos que tem vivenciado. Ou talvez tudo se passe em seus pensamentos no instante em que ele se afasta dos problemas que teve, quando foi viver na Europa. Embora também só tenhamos a sua versão dos fatos, é muito comum que ele abra espaço para reproduzir falas, pensamentos e atitudes das outras pessoas.





4 DOIS PROFESSORES

Os personagens principais dos dois livros são professores que partilham diversas características comuns.

Abdias está prestes a fazer quarenta anos, é casado e tem três filhos, de dez, seis e quatro anos, e a esposa espera pelo quarto rebento. Tem um casamento bastante satisfatório até o momento em que passa a trabalhar como professor no Colégio das Ursulinas, onde dá um curso de extensão pelo período de um ano letivo. Ali ele acaba por se apaixonar pela adolescente Gabriela, sua aluna, filha de uma ex-namorada também originária de sua cidade-natal, no norte de Minas Gerais. Progressivamente seu casamento com Carlota entra em crise, e o próprio Abdias passa por uma crise de consciência ao considerar ridícula a sua paixão e especialmente ao desejar a morte da esposa. Quando esta adocece e de fato vem a falecer, por ocasião do parto de seu quarto filho, há uma reviravolta nos sentimentos do protagonista, que se vê sozinho, cheio de culpa, consciente de sua fragilidade, sentindo-se velho e esvaziado da própria paixão temporã que o acometeu.

Já Renato Sartori, protagonista de *Absolvição*, tem trinta e quatro anos, é também casado, pai de um filho de dois anos. Tem um casamento regular, nem muito satisfatório, nem muito problemático, até o momento em que se apaixona por Marina, sua aluna no curso de filosofia medieval que conduz na universidade onde trabalha. Correspondido pela aluna, leva adiante o relacionamento adúltero. Depois de alguns meses, Marina engravida e, como num turbilhão a passar por sua vida, Renato vê seu casamento desmoronar, sendo posto para fora de casa. Toda uma movimentação de moralistas na comunidade universitária e fora dela conspira contra a sua reputação. Marina perde o filho num aborto espontâneo. Um processo administrativo é instaurado. Como solução — e para apaziguar a horda moralizadora —, ele vai fazer um estágio de pós-doutoramento de dois anos na Europa, de onde faz o seu relato. Também termina sozinho, consciente de sua fragilidade, mas sem arrependimento nem culpa pelo amor, a seu ver, legítimo que vivenciou.





5 DUAS ALUNAS

Os protagonistas dos dois livros se apaixonam por alunas, e elas têm um papel decisivo no desenvolvimento e resolução do enredo.

Gabriela, aluna de Abdias, tem dezessete anos. É uma adolescente autêntica, autoconfiante e ligeiramente esnobe. Pertence a uma família rica e ocupa um lugar superior ao de seu professor na escala social. Preocupa-se com a desigualdade na sociedade brasileira, o que a leva a engajar-se num projeto paternalista de ajuda aos pobres da cidade. No Colégio das Ursulinas, enfrenta rivalidades com outras alunas, em especial com uma delas, Vanda Lopes, que pratica a maledicência a respeito de seu relacionamento com Abdias. Quanto a este, após perceber a natureza de seus sentimentos por ela, sua atitude é ambígua, às vezes estimulando-o, às vezes se mostrando distante e desentendida. Por fim, a distância social em relação a seu professor, a diferença de idade, o impacto que ele sofreu pela morte da esposa e a natureza caprichosa de Gabriela fazem com que eles não tenham a possibilidade de concretizar, num relacionamento amoroso, as afinidades que os uniram por algum tempo. Isso não impede que Abdias tenha continuado a frequentar a casa da moça e se tornado amigo de seus pais, mesmo tomado pelo luto e a melancolia pela perda de Carlota.

Já Marina, aluna de Renato, tem vinte anos. É boa aluna do curso de Filosofia, com talento para a criação artística, chegando a realizar apresentações na universidade e fora dela como cantora de música popular brasileira. Tem personalidade forte e assertiva. Sua posição na escala social é semelhante à de seu professor, com ambos pertencendo aos estratos médios. Ela se apaixona por Renato primeiramente, sendo correspondida em seguida. Seu relacionamento é intenso, com todas as etapas acontecendo de maneira muito rápida. Meses depois ela engravida, o que provoca enorme desarranjo em suas vidas, na convivência com as pessoas da universidade e em seu próprio relacionamento. Ao perceber a hesitação e a fraqueza de Renato nessa situação, rompe com ele e o mantém à parte. Junta-se a isso uma equivocada





campanha moralista que, pretendendo defendê-la de um suposto abusador, só aprofunda sua agonia. Por fim, o aborto espontâneo que vem a sofrer causa-lhe enorme sofrimento.

6 DUAS ESPOSAS

Sobre sua esposa, Abdias afirma que ela era “a segurança e o equilíbrio” (Anjos, 2014, p. 201). De fato, ela era um porto seguro de estabilidade, confiabilidade e segurança. Cuidava bem do seu lar e da sua família, encarnando as melhores características da esposa tradicional. O problema é que, para Abdias, “procuramos, a um tempo, o real e o irreal, a verdade e a fantasia. Queremos, às vezes, uma coisa e, simultaneamente, o seu contrário” (Anjos, 2014, p. 201). Isso o leva a apaixonar-se por sua aluna adolescente e viver entre os dois polos do seu desejo, chegando a desejar a morte da esposa em pensamentos, a fim de se entregar a um fantasioso romance com Gabriela.

Ao descobrir um fragmento dos escritos de Abdias em que ele trata de seus sentimentos por sua aluna Carlota com problemas de saúde na quarta gravidez, sofre enorme impacto emocional. Ainda assim, resolve não revelar o seu sofrimento aos outros e manter a integridade da família. Quando ela morre de fato, Abdias é tomado pela melancolia e um irremediável sentimento de culpa que o faz refletir: “Carlota, a vida é um tecido de equívocos. Foi preciso que morresses, para eu saber que te amava e que éramos felizes na monotonia dos nossos dias” (Anjos, 2014, p. 139).

Quanto a Samara, esposa de Renato no livro de Rabelo, trata-se de uma mulher independente, atuando como psicóloga ocupacional numa grande empresa. Tem personalidade forte e controladora. É intolerante ao embuste e à mentira, além de ser uma pessoa consumista. Viveu por dois anos com Renato, antes de se casar com ele depois de engravidar do filho que tiveram. Sua família pertence ao mesmo estrato social daquela de seu marido.

Pouco depois de se envolver com Marina, Renato faz uma reflexão semelhante à de Abdias sobre o que lhe faltava e o levou a uma paixão





problemática num momento em que tudo estava muito bem assentado em sua vida: “Somos seres da falta, sempre em busca de um preenchimento que nos confunde e às vezes nos perde” (Rabelo, 2022, p. 36). Diferentemente de Carlota, ao descobrir o romance extraconjugal do marido, Samara reage com ímpeto e decisão imediata, rompendo o casamento, colocando as coisas dele para fora de casa e mesmo dificultando sua relação com o filho. Se diante do fim de seu casamento Abdias mergulha na culpa e no arrependimento, Renato não é tomado por esses sentimentos. Embora reconheça que possui uma personalidade frágil, interpreta o que se passou como uma circunstância da vida que ele não pôde evitar.

7 OS FILHOS

Quando seu relato termina, Abdias tem quatro filhos ainda pequenos. Apenas a mais velha, Maria Clara, já entrou na adolescência e se mostra madura a ponto de assumir alguma responsabilidade pelos irmãos, pela casa e por ajudar o pai a seguir em frente após a morte de Carlota. Com exceção da primogênita, o narrador não fala muito dos outros filhos, uma vez que na maior parte do tempo eles estavam bem cuidados pela esposa, podendo simplesmente vivenciar uma infância tranquila e protegida. Nem mesmo Maria Clara jamais soube da paixão do pai por Gabriela, pois sua mãe não permitiu que os problemas conjugais que enfrentou prejudicassem a felicidade dos filhos.

Já Renato e Samara têm apenas um filho, Benício, de dois anos. Dele sabemos, pelo narrador, que se trata de um menino sorridente. Contudo, pelo turbilhão que abarcou sua família, está prestes a ter a infância afetada pela tormenta, como reconhece Renato, que já está muito longe dele, na Alemanha: “Benício: ‘o que está sempre bem’. Meu pai e minha irmã me enviarão notícias de você. Já estou sentindo muito a sua falta aqui. E você a minha, por certo. Aprenderá cedo demais sobre as perturbações desta vida” (Rabelo, 2022, p. 105).





8 OS AMIGOS

O tema da amizade é mais intenso na novela de Rabelo, mas também se faz presente no romance de Cyro dos Anjos. Neste autor, a amizade está diluída entre vários amigos, como Sizenando, que indicou Abdias para substituí-lo no curso de extensão no Colégio das Ursulinas, depois de adoecer, e mais tarde abafou o caso de uma caricatura que circulou no colégio, com Abdias prostrado aos pés de Gabriela; João Carlos, tio de Carlota, sempre pronto a ajudar sua família, cuidar de seus filhos e consolá-lo após a perda da esposa; Dr. Azevedo, pai de Gabriela, homem da mesma geração de Abdias, médico pertencente à alta sociedade belo-horizontina que faz questão de sua companhia para longas conversas e a audição de música clássica.

Já em *Absolvição* o tema da amizade está concentrado em um único amigo, Fabiano, dois anos mais velho que Renato, também professor no departamento de filosofia da mesma universidade onde ele trabalha. Quando a relação do colega com a aluna se transforma num escândalo que pode destruir sua reputação e sua carreira, Fabiano lhe dá todo o suporte que se espera de um amigo fiel. Ajuda a escondê-lo da horda de moralistas que o ataca, hospeda-o em sua casa quando ele é expulso de casa pela esposa, intermedeia suas comunicações com Marina, com Samara e mesmo com as autoridades da universidade. É Fabiano quem encontra uma solução para o imbróglio em que Renato se meteu, recomendando que ele se afastasse do Brasil por alguns anos, indo fazer um estágio de pós-doutoramento na Europa.

9 AS AUTORIDADES

O Colégio das Ursulinas, pertencente a uma ordem religiosa, é dirigido por Mère Blandine, que está no topo da rígida hierarquia da administração da escola. Trata-se de uma mulher austera, porém eivada de valores cristãos, que pratica o diálogo e incentiva o exercício da caridade por parte da comunidade escolar. Como o caso de Abdias com Gabriela nunca se concretizou, sendo no





máximo objeto de mexericos entre alunas rivais da moça, o professor jamais teve a sua reputação manchada. Mère Blandine jamais soube da paixão de Abdias pela aluna. Reconhecendo o bom trabalho que ele havia realizado, ao final de seu contrato temporário como docente no colégio, ela desejou a renovação de seu vínculo com a instituição. O abafamento do caso da caricatura pelo professor Sizenando dá uma ideia do que poderia ter ocorrido se a madre superiora houvesse tomado consciência dos sentimentos de Abdias por Gabriela.

O caso de Renato Sartori é bem diferente. Dentro da estrutura da universidade, ele teve de se haver com Cecília, professora de *Teoria do Conhecimento* e chefe do departamento onde trabalha. Instaurado o processo administrativo para investigar e julgar a conduta do professor, ela foi designada como presidente da comissão que decidiria sobre o futuro de Renato na instituição. A seu ver, o colega, ao envolver-se amorosamente com uma aluna, teria cometido um grave atentado à ética e devia ser punido com a expulsão da universidade. Mas no fim prevaleceram os votos dos outros membros da comissão, que não encontraram materialidade suficiente para condená-lo, evitando um julgamento baseado apenas em princípios morais.

10 LUGARES

No romance de Cyro dos Anjos há uma clara definição dos lugares onde se desenvolve a ação. Em grande medida ela se passa no Colégio das Ursulinas, na cidade de Belo Horizonte. Em alguns momentos acompanhamos Abdias em sua própria casa, em seu escritório no Arquivo Histórico, nas ruas da capital mineira e também na casa do Dr. Azevedo, pai de Gabriela. Cidade ainda provinciana nos anos 1930, embora planejada para ser uma cidade maior e mais cosmopolita no futuro, Belo Horizonte era um lugar pacato onde todos se encontravam e onde os mexericos sobre a vida alheia tinham ressonância. Daí Abdias temer que o seu segredo fosse revelado, pois talvez o único ativo de um professor seja a sua boa reputação.





Na novela de Adriano de Paula Rabelo não há definições muito precisas de tempo, a não ser o lugar do *exílio* de Renato Sartori: a cidade de Berlim, de onde ele faz toda a narração que compõe o texto. No mais, embora vejamos o protagonista em ação na sala de aula, em seu gabinete particular, em sua casa, na casa do amigo Fabiano e nas ruas, não sabemos em que cidade se passaram os acontecimentos, em que universidade ele trabalha. Talvez com isso o autor quisesse expressar que sua história poderia ter se passado em qualquer cidade, em qualquer universidade de qualquer lugar.

11 TEMPOS

Quanto ao tempo, algo semelhante ocorre na comparação entre as duas obras. Em *Abdias* o tempo dos acontecimentos está muito bem definido. O caderno de notas do personagem principal começa a ser escrito em fevereiro de 1938, vindo a cobrir um período de três anos. Aquela foi uma época em que ocorreram eventos marcantes na história da humanidade. Como pano de fundo para o drama individual de Abdias estão os desdobramentos da Revolução Russa, a Guerra Civil Espanhola, a ascensão do fascismo e do nazismo, a Segunda Guerra Mundial.

Em *Absolvição*, por sua vez, o tempo dos acontecimentos não está bem marcado. Pelas referências a acontecimentos que repercutiram socialmente e pelas descrições das pessoas e da paisagem, é de se concluir que a ação se passa num período recente, mas é impossível precisar o ano em que tudo se deu. Também aqui se pode aventar a possibilidade de o autor haver deixado essa abertura para expressar que aquela história poderia ter ocorrido em qualquer época em que professores e alunos se encontrassem regularmente.

12 CONTROLE SOCIAL

Um tema muito forte nas duas narrativas é o do controle social. As alunas rivais de Gabriela, enciumadas ou simplesmente hostis, chegam a desenhar





uma caricatura de Abdias prostrado aos pés da moça, além de promover um maldoso disse-me-disse a respeito das relações do professor com a aluna. Com isso, o professor Sizenando precisa intervir para abafar o boato e proteger o amigo. Outro professor, Beirão, que flerta com várias alunas, costuma deixar Abdias ainda mais inibido diante de Gabriela quando ele estava presente. Faz observações maliciosas sobre a relação do colega com a aluna, dá sorrisos alusivos, avisa-o sobre os rapazes que fazem companhia a Gabriela, tenta arrancar-lhe uma confissão dos seus sentimentos pela estudante.

No que tange aos religiosos com quem se relacionam, Abdias e Sizenando fazem de tudo para que Mère Blandine jamais venha a saber da paixão do professor por Gabriela. Entretanto, num momento de fraqueza após a morte de Carlota, Abdias confessa-se com monsenhor Matias, revelando-lhe o seu segredo. Então o sacerdote chega a pedir à moça que se case com o viúvo.

Em meio a tudo isso, há todo um esforço do protagonista para que sua esposa, enquanto estava viva, assim como os pais de Gabriela, seus amigos, jamais viessem a tomar conhecimento do seu amor extemporâneo, pois isso lhe traria rompimentos bastante traumáticos, além de ferir seriamente a sua reputação. Por fim, não se pode esquecer que na década de 1930 o divórcio era proibido no Brasil, o que leva Abdias a desejar a morte da esposa adoecida para que ele pudesse concretizar um enlace com sua aluna, coisa que motivará profundo arrependimento e sentimento de culpa quando Carlota realmente vem a falecer.

Em *Absolvição*, depois de consumado o romance entre Renato e Marina, há uma grande reação por parte de estudantes da universidade, professores e jornalistas de escândalo. A própria Marina repudia a fraqueza e a indecisão de Renato diante do fato consumado. Tudo isso faz com que a solução encontrada para os problemas do professor seja uma espécie de exílio temporário no exterior, na forma da realização de um programa de pós-doutoramento. Não se pode esquecer que neste caso estamos numa época recente ou mesmo contemporânea. O divórcio está estabelecido desde a década de 1970. As relações amorosas se tornaram fluidas. Firmou-se o império do politicamente





correto, da cultura do cancelamento e dos julgamentos sumários nas redes sociais.

13 DEPOIS DO AMOR

Passadas as turbulências geradas pelos amores extraconjugais e temporões dos dois professores por suas alunas, percebem-se algumas semelhanças entre os seus fados, mas principalmente diferenças em relação ao momento presente da narrativa e as perspectivas de cada um. Ambos se sentem melancólicos com o malogro de suas paixões e o enorme sofrimento que elas causaram a eles mesmos, a suas esposas e a diversas pessoas próximas. Ambos descobrem o valor da amizade quando se veem derrotados e fragilizados. Ambos se recolhem numa necessária solidão reparadora, sem aventar a possibilidade de novas paixões. Contudo, se Abdias sente-se arrependido e culpado, Renato não demonstra cultivar esses sentimentos, como se o que se passou com ele fosse inevitável.

Se Abdias se comporta como um homem acabado aos quarenta anos — idade que era de fato considerada propecta nos anos 1930 —, Renato, em seus trinta e quatro anos, apresenta-se como um jovem marcado por uma experiência que o transformou, mas está pleno de vida e possibilidades futuras. Se Abdias está perdido num mundo sem Carlota, a ponto de a filha mais velha precisar assumir a responsabilidade pela administração do seu lar, Renato se conduz com segurança durante o período que passa na Europa, permitindo-se sair de casa, frequentar bares e encontrar pessoas em Berlim. É de se imaginar que provavelmente Abdias jamais voltará a se envolver amorosamente com alguém, passando o resto da vida a cultivar a memória da esposa falecida, ao passo que Renato haverá de se refazer e se abrir outra vez para o amor, vindo a reconstruir a vida com alguém.





14 NARRADORES

As duas narrativas aqui analisadas se realizam em primeira pessoa. Certamente os dois autores escolheram esse ponto de vista para poderem explorar melhor a subjetividade e o mundo interior de seus protagonistas, expor seus pensamentos no momento mesmo em que eles ocorrem e oferecer elementos para uma compreensão da sensibilidade masculina que eles representam. Tudo isso está em consonância com o realismo de base nas duas obras.

15 DOIS ESTILOS

Publicados com quase sessenta anos de intervalo entre um e outro, por autores de gerações distantes no tempo, embora o segundo seja tributário das conquistas do movimento modernista, os dois textos naturalmente apresentam diferenças marcantes de estilo.

Cyro dos Anjos possui uma escrita mais refinada, de talhe machadiano, realizando descrições mais detalhadas das pessoas, dos lugares e de todo o processo em torno da paixão de Abdias por Gabriela. Pratica a ironia e expõe as contradições do protagonista e dos outros personagens. Costuma citar frases e expressões em latim e francês, sem tradução, pois essas línguas faziam parte do cotidiano das pessoas cultas daquele tempo. Da mesma forma, passagens de ou menções a autores clássicos como Dante, Shakespeare, Tolstói, cantigas de amigo portuguesas, Amadis de Gaula, Camões, Tomás Antônio Gonzaga, Machado de Assis, Eça de Queirós e Alphonsus de Guimaraens, bem como a pensadores como Platão, Hegel, Kant, Keyserling, peças de música clássica de Bach, Handel, Beethoven e Grieg, além de pinturas de François Clouet, revelam a vasta cultura humanística de Abdias. Tal cultura também compunha a base da formação escolar dos anos 1930.

A França era a matriz intelectual da geração de Abdias, que é a mesma de Cyro dos Anjos. A religião ainda possuía um papel importante na fixação dos





parâmetros de moralidade e na regulação dos comportamentos de seus fiéis, sendo uma instituição muito influente na sociedade. A própria epígrafe escolhida o livro, uma estrofe do canto II do *Inferno*, na *Divina Comédia*, é muito representativa tanto da profunda cultura humanística do autor e de seu personagem como da forte influência da religião naquele contexto.

Adriano de Paula Rabelo, por sua vez, apresenta uma escrita mais concisa e dinâmica, de ritmo mais acelerado. Suas descrições de pessoas, lugares e de tudo o que aconteceu em torno do amor de Renato por Marina são mais sumárias, focando apenas no essencial. Em vez da ironia, muitas vezes ele destila franco sarcasmo ao expor o ridículo e a miséria da máquina de moer reputações da nossa época. Nos momentos em que termos e expressões estrangeiros são citados, eles são quase sempre originários da língua inglesa, o que revela a mudança das referências culturais no nosso tempo, quando esse idioma se tornou uma espécie de língua internacional e os Estados Unidos assumiram o posto de grande referência cultural para muitos outros países.

Sendo o protagonista professor de filosofia, é natural que muitos pensadores clássicos da tradição ocidental sejam citados ou apenas mencionados em seu relato, restringindo-se a seu campo de atuação intelectual. Ele dá cursos de filosofia medieval e vai para a Alemanha fazer um pós-doutoramento sobre Nietzsche. No entanto, há várias citações sobre personalidades da cultura de massas, como Elis Regina e Woody Allen, jogadores de futebol, ao YouTube, às redes sociais, a jornais sensacionalistas e programas de televisão, incontornáveis referências culturais da nossa sociedade do espetáculo.

Nem é preciso mencionar que estamos em plena era posterior à morte de Deus, anunciada por Nietzsche, e que a religião perdeu seu poder regulador do comportamento das pessoas. Se Cyro dos Anjos coloca um terceto de Dante Alighieri como epígrafe de seu livro, Adriano de Paula Rabelo significativamente escolhe como epígrafe um trecho de uma crônica do psicanalista Hélio Pellegrino sobre a paz de espírito, no plano do indivíduo, e da





paz social. Ela também é muito significativa das referências culturais e instâncias de exploração da interioridade e do sentido da vida em nosso tempo.

16 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Numa passagem das anotações de Abdias, ele reflete de maneira pessimista: “O amor é duro para com aqueles a quem visita serodamente. Nada lhes dá e tudo lhes tira. Como se compraz em aviltá-los” (Anjos, 2014, p. 95). É um triste diagnóstico para um homem de quarenta anos que já se sente no crepúsculo da vida, solitário, sem ambições, talvez já arrastando os seus dias em direção à morte. Em seu tempo, ter quarenta anos era estar já numa idade avançada, sendo necessário renunciar aos sonhos da juventude e aos arroubos afetivos. No seu caso, a coisa é ainda mais grave. Os sentimentos de arrependimento e culpa que carrega fazem dele um homem triste, a própria encarnação do fracasso. Afinal, por uma paixão que ao fim e ao cabo considerava ridícula e absurda, veio a magoar Carlota, uma mulher que possuía todos os atributos da boa esposa tradicional, proporcionando estabilidade e segurança a seu lar. Isso justamente quando ela esperava o quarto filho do casal, adoecia e morria.

Ao perdê-la, Abdias teve consciência de sua importância, do quanto o seu amor por ela estava oculto e negligenciado nas tramas do cotidiano. Todavia, sendo um homem complexo e contraditório como todos nós, ele tem consciência de que também amou Gabriela devido a uma necessidade vital. Se Carlota estava identificada à segurança e ao equilíbrio, Gabriela era a fuga e a ilusão necessárias para que ele pudesse suportar o peso da vida.

Essas duas tendências de seu espírito, verdadeiras mas irreconciliáveis, em especial no contexto da década de 1930 no Brasil, no âmbito de uma cidade provinciana como a Belo Horizonte de então, fazem com que a dilaceração do protagonista se aproxime do trágico. Seu próprio fim, vagando pela vida numa vividez irremediável, mergulhado na solidão e na melancolia, lembra o fado de muitos personagens de tragédia.





Renato Sartori, por sua vez, encerra o relato de sua paixão por Marina com as seguintes palavras: “Enfim começo a descobrir que é bom estar sozinho e distante, não pensar em nada, não querer nada, não ser” (Rabelo, 2022, p. 107). Vivendo num tempo posterior à revolução de costumes dos anos 1960, quando a expectativa de vida elevou-se muito no Brasil e quando uma pessoa de meia-idade ainda tem a vida aberta a inúmeras possibilidades, ele não se mostra arrependido nem culpado pelo amor que não apenas sentiu, mas concretizou afetiva e fisicamente com sua aluna, a ponto de seu relacionamento quase ter gerado um filho.

Se a solidão de Abdias é penosa, a de Renato é restauradora. Se Abdias via em Gabriela a fuga e a ilusão, Renato via em Marina a intensidade da vida e a beleza que almejava possuir. As peripécias que teve que enfrentar estão bem mais próximas do drama, aproximando-se da pequenez do cotidiano e da vida real, fazendo com que ele tivesse de fazer face à estupidez e à brutalidade das pessoas reais, enredado que estava na burocracia e nas teias institucionais do nosso tempo. Ele mesmo se declara fraco e precário como todas as pessoas reais.

As próprias perdas tanto de Samara quanto de Marina são vistas como parte do processo de viver, em que os amores nascem, florescem e declinam. Seu desejo de não querer ser nada, de não ser nada, ao menos durante o seu período de restabelecimento no exterior, tem características de um nirvana budista ou do pensamento de Schopenhauer, filósofo que Renato admira e estuda a fundo. Em sua narrativa é possível notar que, depois dos transtornos enfrentados antes de se afastar temporariamente do país, ele poderá retornar restabelecido e mais forte, retomando o seu trabalho com mais experiência e conhecimentos, reconstruindo sua relação com o filho ainda pequeno e provavelmente abrindo-se para um novo amor.

Tal como nos outros livros que tematizam relações amorosas entre professor e aluna, estas duas obras de autores brasileiros modernos lidam com os tabus, os interditos, os preconceitos, as inconveniências e o controle social que conspiram contra os envolvidos numa situação como essa, propícia a





provocar grande sofrimento. Pela quantidade e a variedade de obras sobre o tema, em várias épocas e em várias culturas, é de se imaginar que ele se aproxima de um arquétipo. Mas isso seria assunto para outro trabalho.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Amar, verbo intransitivo**. Rio de Janeiro: Antofágica, 2025.

ANJOS, Cyro dos. **Abdias**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2014.

COETZEE, John Maxwell. **Desonra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

RABELO, Adriano de Paula. **A primeira pessoa**. São Paulo: Minotauro, 2022.

RUIZ, Pedro Paulo de Amorim. Angústia em primeira pessoa. *In*: RABELO, Adriano de Paula. **A primeira pessoa**. São Paulo: Minotauro, 2022, p. 11-14.

ROTH, Philip. **O animal agonizante**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

STENDHAL. **O vermelho e o negro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

ZUNTHOR, Paul (Org.). **Correspondência de Abelardo e Heloísa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

